

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

RAFAEL PRIETO FERRAZ

**A projeção e a identidade coletiva das torcidas de futebol:  
uma investigação sobre os quatro maiores clubes do estado de São Paulo**

São Paulo

2015

RAFAEL PRIETO FERRAZ

**A projeção e a identidade coletiva das torcidas de futebol:  
uma investigação sobre os quatro maiores clubes do estado de São Paulo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial para conclusão do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu*, para obtenção do título de especialista em “Pesquisa de Mercado Aplicada em Comunicações”, sob orientação da prof. Raquel Siqueira.

São Paulo

2015

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Rafael Prieto Ferraz

Título: A projeção e a identidade coletiva das torcidas de futebol: uma investigação sobre os quatro maiores clubes do estado de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial para conclusão do Curso de Pós Graduação Lato Sensu.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por toda a confiança e esforço para que eu chegasse até aqui.

Ao professor Leandro que, além da admiração, exemplo e o muito que me ensinou na vida acadêmica e profissional, também me deu a oportunidade de realização do curso de pós-graduação.

À professora Clotilde, pela oportunidade de realização do curso de pós-graduação.

À Escola de Comunicações e Artes, instituição que tanto admiro, e que transforma constantemente minha vida acadêmica, profissional e pessoal há quase 10 anos.

À todos os meus professores da pós-graduação, por todo o aprendizado colhido.

À minha orientadora, professora Raquel, por toda a colaboração, paciência e contribuição no curso e nesse trabalho de conclusão de curso.

A todos os meus amigos e amantes de futebol, que diariamente alimentam a paixão pelo futebol, em especial aos amigos Rodolfo, Germano, Diego e Toledo que colaboraram na concepção deste trabalho.

Ao meu pai Sergio e ao meu avô Pedro que me ensinaram a ser corintiano e amante de futebol.

**“Em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola”**

Nelson Rodrigues

## RESUMO

**Resumo:** Este trabalho contempla uma análise dos clubes de futebol brasileiros, sob o ponto de vista sociológico, da comunicação publicitária e de consumo. Os clubes de futebol que, além de exercer papel de identidade sobre e poder aglutinador sobre os indivíduos, podem também estabelecer valores e identidade coletiva absorvida e projetado pelos seus pertencentes de tal campo social.

**Palavras-chave:** Futebol. Clubes. Torcida. Identidade. Personalidade

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

**Objetivo geral:** Observar em que medida o futebol, e os clubes enquanto marcas, pode influenciar a percepção social e de identificação dos agentes torcedores

**Objetivos específicos:** Avaliar as características e percepções sociais presentes no universo futebolístico, através dos clubes de futebol, enquanto pequenas sociedades. Investigar quais projeções cada torcida faz de si mesma, bem como das torcidas/clubes rivais, tendo como objeto de estudo as quatro maiores torcidas do estado de São Paulo: Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos.

**Metodologia:** Revisão bibliográfica; Entrevista em profundidade com torcedores com alto envolvimento com o clube (avaliados por meio de questionário filtro), sendo 3 torcedores de cada time (2 homens e 1 mulher), somando 12 entrevistas no total, coletadas entre 5 de novembro de 2015 e 22 de novembro de 2015; Avaliação dos 2 filmes cinematográficos de maior bilheteria de cada clube, somando 8 filmes no total.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO .....	10
2.O FUTEBOL E O BRASIL HISTÓRICO .....	11
2.1.Contexto histórico e social .....	11
2.2.A transformação em espetáculo de massa .....	16
3. O FUTEBOL COMO NEGÓCIO .....	22
3.1.A dicotomia da profissionalização .....	22
3.2.Marcas valiosas e poderosas .....	24
4.UMA FERRAMENTA SOCIAL .....	29
4.1.A identidade e união clubística .....	29
4.2.Motivações e implicações da aglutinação clubística .....	34
4.3.Torcer é participar, e participar é torcer .....	38
4.4.Intensificação do envolvimento e consumo .....	44
5.PROJEÇÃO DOS CLUBES DE FUTEBOL .....	49
5.1.Objeto de estudo e metodologia .....	49
5.2.Questionário filtro .....	50
5.3.Entrevistas – Roteiro guia .....	54
5.4.Exercícios projetivos .....	56
5.5.Perfil da amostra .....	60
6.RESULTADOS .....	61
6.1.Percepções gerais .....	61
6.2.Corinthians – Projeção própria .....	61
6.3.Corinthians – Projeção rivais .....	67
6.4.São Paulo – Projeção própria .....	69
6.5.São Paulo – Projeção rivais .....	73
6.6.Palmeiras - Projeção própria .....	74
6.7.Palmeiras - Projeção rivais .....	78
6.8.Santos – Projeção própria .....	79
6.9.Santos – Projeção rivais .....	84
7. CONCLUSÕES .....	86
8. ANEXOS .....	89

8.1. Transcrição das Entrevistas com Corinthians .....	89
8.1.1. Torcedor do Corinthians 1 (Rafael, 27) .....	89
8.1.2. Transcrição Torcedor do Corinthians 2 (Larissa, 29) .....	101
8.1.3. Transcrição Torcedor do Corinthians 3 (Sergio, 57) .....	109
8.2. Transcrição das Entrevistas com São Paulinos .....	110
8.2.1. Transcrição Torcedor do São Paulo 1 (Renato, 33) .....	110
8.2.2. Transcrição Torcedor do São Paulo 2 (Iris, 26) .....	113
8.2.3. Transcrição Torcedor do São Paulo 3 (Marcelo, 31) .....	120
8.3.3. Transcrição das Entrevistas com Palmeirenses .....	129
8.3.1. Transcrição Torcedor do Palmeiras 1 (Gabriela, 30) .....	129
8.3.2. Transcrição Torcedor do Palmeiras 2 (Marcos, 42) .....	148
8.3.4. Transcrição Torcedor do Palmeiras 3 (Pedro, 26) .....	162
8.4. Transcrição das Entrevistas com Santistas .....	175
8.4.1. Transcrição Torcedor do Santos 1 (Leandro, 27) .....	175
8.4.2. Transcrição Torcedor do Santos 2 (Davi, 32) .....	186
8.4.3. Transcrição Torcedor do Santos 3 (Fernanda, 27) .....	186
9. BIBLIOGRAFIA .....	197

## 1. INTRODUÇÃO

“É notório e importante ressaltar que o futebol deixou de ser apenas um esporte lúdico e território exclusivamente dominado pela paixão” (FERRAZ, 2011b, p. 109). Pela importância contemporânea que adquiriu, movimentando emoções, comportamentos sociais e montantes financeiros, o futebol se tornou também notório objeto de estudo. No entanto, pouco se discute sobre a diferenciação de identidade e o papel de marca que tais clubes podem exercer, o que se tornaria ferramenta essencial para potencializar seu processo de consumo.

Por sua vez, o futebol com seu papel “massificador e dominador do esporte enquanto traço cultural” (FERRAZ, 2011a, p. 4), está enraizado na cultura brasileira desde seus primórdios, sendo necessário entender seu processo de popularização e absorção antropofágica para maior clareza de seu papel e força contemporânea.

Compartilhando de uma definição de Nelson Rodrigues, “Não se trata de uma paixão, mas de uma senha para a cidadania” (apud FRANCO, 2007, p. 210), inicio o este trabalho de Conclusão de Curso almejando observar, entre outras coisas, como cada torcida se enxerga e define, assim como projeta seus rivais

Por fim, compartilho um pensamento de Veríssimo (2010), que demonstra o maior desafio pessoal na construção desse trabalho: diferenciar observador e objeto, torcedor e analítico, paixão e razão. De certa forma, consola acreditar que, talvez, este seja o desafio da imensa maioria de estudiosos nesse rico campo de estudo.

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo (...) quando o time perde, a exultação guerreira quando com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada. E essa nossa infantilidade compartilhada, de certa forma, redime tudo. (VERÍSSIMO, 2010, p. 25)

## 2. O FUTEBOL E O BRASIL HISTÓRICO

### 2.1. Contexto histórico e social

Oficialmente o futebol chegou ao Brasil em 1894, graças ao paulista Charles William Miller – brasileiro descendente de escoceses pelo lado paterno e de ingleses no lado materno – que fora estudar na Banister Court School, na Inglaterra, onde descobriu o futebol. Com apenas 20 anos o jovem regressou ao Brasil trazendo consigo duas bolas de futebol e um livro de regras.

Sua intenção era praticar e disseminar em sua terra natal o esporte que aprendera na universidade, principalmente entre ingleses dissidentes.



Imagem 1: Charles Miller (sentado com a bola) e seus companheiros no São Paulo Athletic, em 1904

Todavia, há indícios também de que o futebol fora praticado em terras brasileiras muito antes de Charles Miller o trazer em suas malas. Segundo Gutterman (2010), 30 anos antes do regresso de Miller ao Brasil, há registros de marinheiros estrangeiros, principalmente ingleses, jogando o esporte com bola pelas áreas descampadas do litoral brasileiro. Há também o registro de jogos nas mesmas condições entre 1874 e 1878, no Rio de Janeiro; um desses jogos, aliás, acredita-se que tenha ocorrido como exibição para a princesa Isabel. No interior de São Paulo também há indícios da prática do futebol “pré-Miller”: na cidade de Jundiaí fora organizados jogos entre brasileiros e ingleses da companhia inglesa de trens *São Paulo Railway*; já em Itu, um padre jesuíta de um colégio da elite cafeeira (que

acreditava nos métodos pedagógicos dos tradicionais colégios britânicos) estimulava seus alunos a praticarem o esporte da terra da rainha.

Segundo Franco (2007) o estabelecimento de um “inventor” do futebol no Brasil tem apenas função de literária, uma vez que todo o processo de apropriação e de absorção de novas culturas já explica a identidade do esporte e do período.

Estabelecer paternidades quase heróicas e datas oficiais, não esclarece as relações entre o futebol e sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram em fenômeno de massas (FRANCO, 2007, p. 62).

No entanto, é importante ressaltar que sem a ação de Miller (que além de trazer o esporte de forma regrada também organizou os primeiros campeonatos que, conseqüentemente, culminou no conhecimento popular do esporte) dificilmente a história esportiva do futebol no Brasil teria se desenrolado da mesma maneira.

Enquanto que para Gutterman (2010), a atribuição da paternidade do esporte no Brasil à Charles Miller é apenas uma marcação necessária pois, assim como na Inglaterra, somente a prática regrada permitiu que o esporte fosse replicado da mesma forma em vários lugares diferentes e, portanto, com capacidade para se tornar popular, democrático e abrangente.

O que Miller introduziria no Brasil seria o perfil competitivo do futebol, com suas regras, limitações e artimanhas, provável razão pela qual ele é considerado o pioneiro desse esporte no país (GUTTERMAN, 2010, p. 18).

Assim como na Inglaterra, a história do futebol no Brasil não se resume somente a história do esporte, mas deve ser interpretada como reflexo do contexto histórico do país. No Brasil da *Belle Époque*, a prática do futebol vindo da Inglaterra era um dos ingredientes mais importantes do processo de modernização e da identidade de uma nação em transformação.

Para as elites, a prática do futebol tipicamente inglês era uma representação imaginária do desenvolvimento do país (sobretudo culturalmente), era afirmação da própria identidade através da absorção de outra. O futebol, antes de mais nada, é um fenômeno cultural antropofágico, tipicamente brasileiro.

Vale lembrar também que o esporte mais popular entre os ingleses genuínos que moravam no Brasil era o críquete, não o futebol. O esporte com os pés, portanto, era uma grande oportunidade de afirmação para a elite daquela sociedade ainda em transformação e com dificuldade para a criação de identidade e de auto-reconhecimento. Adotar um esporte com o “pedigree” inglês, mas não o preferido pelos ingleses que aqui moravam, era uma forma de transmitir tanto a sofisticação como a diferenciação e unicidade da aristocracia brasileira.

Durante esse período, destacam-se as figuras do brasileiro Oscar Cox no Rio de Janeiro e do alemão Hans Nobiling em São Paulo, que segundo Gutterman (2010), foram mais importantes para o futebol do que o próprio Miller pois, apesar de não serem considerados os pioneiros, foram aqueles responsáveis pela disseminação do esporte de modo organizado.

Nobiling, assim como Cox, sabia que somente por meio dos clubes o futebol fincaria raízes no Brasil e deixaria de ser um mero passatempo da elite. As competições oficiais e a formação de ligas não tardariam (...). Agora com status de esporte nobre, o campeonato ganhou cobertura da imprensa, que antes tendia a desprezar o futebol (GUTTERMAN, 2010, p. 29).

O surgimento das ligas, por mais que completamente elitizadas, foram importantes elementos para a popularização do esporte. A presença da disputa, e não mais da recreação, culminou na espetacularização do esporte, o qual passara a ganhar diferentes papéis culturais, sociais e antropológicos.

Segundo Franco (2007) a proliferação de clubes e times pelo país, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo, obedece basicamente a duas tendências.

A primeira delas orienta para a formação de equipes dentro dos grupos dominantes, orientados pelo espírito do *fairplay* e do cavalheirismo. Nesse movimento nasceu diversos times com origens distintas, como aqueles fundados especialmente para a prática do futebol (Fluminense, 1902; América-RJ, 1904), aqueles criados como associações atléticas vinculados a instituições de ensino (Ponte Preta, 1900; Botafogo, 1904), ou mesmo aqueles clubes dedicados a outros esportes e que aceitaram a prática do futebol (Náutico, 1909; Flamengo, 1911). O elemento que permite aglutinarmos todos esses clubes, pertencentes a essa tendência elitista, é o papel que o futebol estabelecia para seus grupos: ao mesmo

tempo ferramenta lúdica e social, como também atestado de superioridade e exclusão aos demais grupos.

Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava se fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do conseqüentemente afastamento dos demais setores sociais. (...) O futebol tornara-se um novo item da modernidade européia que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira e que devia ser praticado por pessoas de igual condição social (FRANCO, 2007, p. 62-63).

Essa primeira tendência, no entanto, não impediu a formação de uma outra frente para a gênese de novos clubes no país; a segunda tendência era na verdade a contra-tendência da primeira, obedecendo aos interesses das camadas médias e baixas da população, as quais viam no futebol uma maneira de afirmarem sua existência e identidade que a aristocracia tentara negar. Além do mais, o futebol é um esporte simples de ser praticado, mesmo sem os recursos ideais (bolas, campo e equipamentos); a improvisação foi um importante facilitador para a disseminação do esporte nos grupos marginalizados. Desse movimento surgiram vários clubes por iniciativa de operários, artesãos, comerciantes e imigrantes das grandes metrópoles (Internacional, 1909; Corinthians, 1910).

As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passaram da curiosidade ao mimetismo. (...) O futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários (FRANCO, 2007, p. 63).

Por outro lado, houve também outra manifestação dentro da segunda tendência na gênese de clubes. Essa manifestação - que também quebrava as barreiras sociais erguidas inicialmente pelo futebol - ocorria quando a iniciativa da formação de clubes não partia diretamente dos indivíduos das classes populares, e sim das empresas e fábricas que estes indivíduos pertenciam (Bangu, 1904; Juventus, 1924). Os clubes vinculados a empresas recrutavam operários para seus times e, com frequência, os bons atletas gozavam de diversos privilégios nas

empresas, dedicando-se cada vez mais para as tarefas do time do que para aquelas atividades que, teoricamente, haviam sido contratados. Processo semelhante ao ocorrido na Inglaterra décadas antes.

Era o início de um processo de profissionalização do esporte, “o amadorismo era dissimulado por meio de gratificações oferecidas aos jogadores de origem operária” (FRANCO, 2007, p. 64). A partir de 1913 a Liga Paulista de Futebol (na época chamava-se APSA – Associação Paulista de Sports Athléticos) decidiu cobrar ingressos para seus jogos, rendendo recursos extras aos clubes que agora poderiam oferecer gratificações a seus atletas. Desse momento em diante diversos jogadores que não originários da elite passaram a figurar nas escalações de times elitistas, ou seja, a competitividade dos clubes tradicionais abria lacunas no seu exclusivismo e permitia certo afrouxamento das barreiras sociais.

Devemos ressaltar, também, outro processo histórico-social que teve papel fundamental para a formação de novos clubes brasileiros: o intenso fluxo migratório de europeus. A abolição da escravatura e a conseqüente necessidade de mão de obra assalariada (após 1888), assim como a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914-17), fez do Brasil um dos principais polos de recepção de imigrantes europeus abnegados e sem recursos (aqueles com melhores condições, na maioria dos casos, imigravam para os Estados Unidos).

A população imigrante buscava a construção de sua identidade e meios de ascensão social (em um país distante e de cultura muito diferente daquela em seu país de origem), levando-nos a supor que a adoção do futebol tenha sido encarada como plataforma para atingir esses objetivos e como adaptação à cultura local. Nesse contexto surgiram alguns dos clubes mais famosos do Brasil, formados inicialmente pela aglutinação de alemães, italianos, portugueses e espanhóis, respectivamente: Grêmio (1903) e Coritiba (1909); Guarani (1911), Juventude (1913) e Palestra Itália (1914, que posteriormente se dividiram entre Palmeiras e Cruzeiro); Vasco da Gama (1898, departamento de futebol em 1915) e Portuguesa de Desportos (1920); Jabaquara (1914).

Se inicialmente o futebol tivesse personalidade elitista, características de modismo importado, e funcionava como afirmação das famílias nobres e exclusão das camadas subalternas, todo esse cenário havia mudado radicalmente já na primeira década do século XX. A ingresso dos grupos marginalizados deu ao futebol novos campos sociais.

Para as camadas populares o futebol exercia função completamente diferente, seja como ferramenta de ascensão social ou como exercício lúdico. Aos indivíduos mais talentosos o futebol passou a ser um mecanismo para conseguir melhores empregos, gratificações e destaque social (o cerne do atual mercado de jogadores); enquanto que a imensa maioria, menos talentosa, descobriu no futebol um passatempo lúdico, fácil de praticar por permitir o improviso e o uso de espaços públicos das metrópoles que se formavam.

Mas para todos os grupos - ricos e pobres, talentosos ou não - ou o futebol era o espaço para a produção simbólica, de identidade e de sociabilidade.

Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões a milhões de pessoas. É nesse universo que se observam, com freqüência, indivíduos cuja diversidade está estabelecida pelas normas econômicas e sociais de comunicação que nos leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios (HELAL, 1997, p. 25).

## **2.2. A transformação em espetáculo de massa**

A importância que o futebol adquiriu na sociedade contemporânea é visível aos nossos olhos, sua quase onipresença faz com que ele seja praticado, assistido e discutido em todas as classes e campos sociais.

Mas se hoje o futebol tem tamanha abrangência, os meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio e a televisão, tiveram (e ainda têm) papel fundamental, pois ao mesmo tempo garantem o acesso fácil ao espetáculo esportivo, como também hiperbolizam e ratificaram seu caráter puramente espetacular.

O casamento entre o futebol e os veículos de comunicação consolidou-se na década de 30, período no qual o futebol ganhava muito espaço nacionalmente e internacionalmente (1930 foi o ano da primeira Copa do Mundo) e também quando o Brasil vivia um novo momento político com a posse do jovem Getúlio Vargas. O presidente, que colocara fim a república café-com-leite, encarava um país tentando se reinventar depois que a crise de 1929 havia desvalorizado completamente seu principal ativo econômico, o café. A política popular de Vargas encontrou no rádio e no futebol dois importantes pilares para sua sustentação ideológica.

Os narradores esportivos, por sua vez, tinham como desafio criar no imaginário popular a “imagem” da disputa, apesar de não possuírem esse recurso tecnológico. A solução, ou a consequência, foi à criação de uma linguagem e dinâmica própria para as transmissões, a qual por essência precisava transmitir emoção para suprir a carência de referências visuais. Essa linguagem própria, como representação da identidade e diferenciação da manifestação esportiva, colaborou ainda mais para fazer do esporte um espetáculo.

Brincando com as palavras, criando neologismos e empregando um ritmo veloz e de emoção, os narradores esportivos encontraram fórmulas que caíram no gosto popular, tanto quanto o futebol. O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (...) levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação. O objetivo era levar o ouvinte a ver praticamente outro jogo, mais vibrante, que o prendesse ao rádio durante os 90 minutos (ALMEIDA; MICELLI, 2004, p. 10).

O grito de “goooooo!” esticado, uma das mais importantes características da transmissão radiofônica do futebol, foi inventado para ganhar tempo e descobrir o autor do lance. Essa forma de narrar é tão marcante que depois fora incorporado pela televisão, mesmo sem a necessidade inicial. O fenômeno linguístico é a representação consolidada da catarse coletiva gerada pelo gol, além de ter a função de fazer com que o ouvinte distante corra para perto do aparelho (de rádio ou da TV) para saber mais detalhes do lance e da partida.

Antigamente as irradiações eram feitas pelo telefone e os locutores saíam correndo do campo para contar os lances do jogo (...). Só depois as transmissões esportivas viraram “óperas sonoras”, superando e trazendo uma outra conotação para o próprio espetáculo (BAUMWORCEL, 1999, p. 61).

A partir de 1932 o governo federal começa a distribuir concessões de canais de rádio a particulares, além do mais, é nesse período que as emissoras são autorizadas a veicular anúncios publicitários. Esses dois fatos, somados, mudaria completamente o percurso da comunicação de rádio e a propagação do futebol.

Getúlio iniciou um projeto de expansão do rádio a várias regiões do Brasil, num processo de aparente modernização nacional, onde os veículos de massa

tinham papel fundamental: “à radiofonia está reservado o papel de interessar a todos por tudo quando se passa no Brasil” (HAUSSEN, 1997, p. 23).

O futebol e rádio emergiram no país quase que simultaneamente e transformaram as transmissões das partidas em espetáculo de massa. (...) Sua mobilidade, praticidade e acessibilidade por parte do público fizeram dele o grande parceiro do futebol. O rádio levou o esporte a todo o Brasil, mas foi mais além. Contribuiu, de forma definitiva, para formar novos torcedores e realimentar a paixão de várias gerações (ALMEIDA; MICELLI, 2004).

Já a publicidade, que em sua essência mais primitiva objetiva a venda, faz dos veículos um meio para atingir esse objetivo. No entanto, antes de se tornarem agentes de consumo os veículos precisam ser objetos de consumo. Dessa forma, a publicidade ao mesmo tempo exigia e garantia a profissionalização do rádio (e dos veículos de comunicação em geral), o futebol se tornara fonte de audiência garantida e o presságio de recursos que melhorariam a transmissão do espetáculo, e que conseqüentemente mobilizaria ainda mais pessoas. O futebol, portanto, fora retro-alimentado pela publicidade num ciclo vicioso e virtuoso.

É sabido que a publicidade tem papel essencial na sociedade moderna, pois além de diversos papéis sociais (como a informação, o estímulo a concorrência e até o entretenimento), é também fonte de recursos que garante a liberdade de expressão para os canais de comunicação. Fato que, antes da consolidação definitiva da democracia (1989), fora fundamental no decorrer dos acontecimentos políticos do Brasil.

A publicidade sempre esteve presente no escopo da mídia, formando com a informação e o entretenimento o tripé da sua programação e do seu discurso. Inclusive, é preciso reconhecer que a publicidade exerceu um papel importante na construção da sociedade moderna, pois representava uma fonte para o auto-financiamento da mídia, garantindo-lhe relativa autonomia em relação aos governos e grupos dominantes, autonomia essa consolidada na inestimável “liberdade de imprensa” (PIRES, 2007, p. 7).

Apesar de parecer muito claro os benefícios trazidos com as transmissões das partidas de futebol (em todas as esferas da sociedade), no início os radialistas

encontraram muitas barreiras. Acreditava-se que as transmissões iriam afastar os torcedores dos estádios, cuja renda era a principal fonte de recursos dos clubes. No entanto, a imprensa popularizou ainda mais o esporte e hoje é a base da indústria esportiva.

A educação dos gostos é o ponto-chave na constituição de um mercado. Nesse caso, o início da imprensa esportiva foi fundamental para educar o público com novas regras, práticas e para construir os ídolos locais que realimentam toda a indústria (SOARES, A.; VAZ, 2009, p. 501).

Graças à comunicação o esporte ganha “informação” e “exposição”; a informação faz com que a imprensa estabeleça papel didático com o público, ensinando regras, comportamentos e linguagem do esporte, o que incentivam ainda mais a prática e ao consumo do próprio espetáculo. Paralelo a isso, a intensa exposição e alcance da mensagem culminam na ativação da economia esportiva através de patrocínios, publicidade e outros retornos financeiros. Por fim, a associação do esporte à televisão e ao capital proporciona condições para o aperfeiçoamento técnico e estético do esporte, ora por meio do acesso à tecnologia a serviço do esporte (materiais, condições de treinamento), ora através de tecnologia de transmissão (equipamentos de ponta) que possibilita o acesso à informação e a imagens espetaculares. Sobre isso, a tensão gerada entre a informação pura e o hiperbolização do espetáculo, PIRES (2007) discorre:

Apesar do seu discurso pretensamente informativo-educativo, os meios de comunicação não vacilam em afrouxar o rigor com que deveriam lidar com o conhecimento sobre esporte, em favor da sua espetacularização, mesmo ao arrepio de qualquer ética profissional (PIRES, 2007, p. 7).

No entanto, é importante ressaltar, que os veículos de comunicação exercem papel muito mais determinante na percepção das pessoas do que a simples circulação pura de um conjunto de informações.

A mídia vem exercendo fundamentalmente uma função de agendamento do debate sobre esporte, isto é, ao proceder a escolha dos assuntos, do tipo de abordagem e da forma como repercute aquilo que veicula, ela define sobre o quê devemos falar e ter opinião, além de, no limite, formar a nossa opinião sobre os temas que eleger e faz circular (PIRES, 2007).

A teoria do *Agenda Setting* (MCCOMBS; SHAW, 1972) se aplica aqui pois, ao mediar o acesso a realidade concreta, a mídia a recria artificialmente através de seus recortes subjetivamente escolhidos, suprimindo ou exaltando fatos e características de acordo com seus interesses e demanda. A estratégia de síntese da imprensa esportiva, com os “melhores momentos”, é um bom exemplo disso; assim como a intensa cobertura jornalística dos clubes com maior torcida em detrimento das informações dos clubes de menor expressão.

Dessa forma, para conseguir vender-se e também ser agente de promoção do consumo de bens concretos e simbólicos que veicula, a mídia adota estratégias que tornam superlativas algumas características de seus objetos de observação, o que cria um processo de espetacularização da (hiper)realidade, na qual é incentivado o seu consumo para suprir essa necessidade artificialmente produzida.

Mecanismos psicológicos de identificação com os ídolos esportivos, por meio das imagens vencedoras que são construídas pela mídia, ajudam a criar necessidades de consumo no imaginário dos torcedores, que para satisfazê-la/s procuram comportar-se como seus ídolos, adquirir os produtos e os símbolos a eles relacionados, enfim, “assumem” os valores que eles ajudam a difundir (PIRES, 2007).

Mas apesar da inegável contribuição dos meios de comunicação para a popularização do futebol, segundo Franco (2007), o futebol possui características intrínsecas que já garantiriam sua espetacularização, com ou sem o auxílio da mídia. O papel da mídia, portanto, seria apenas criar a linguagem e significação própria, a qual passaria a ser absorvida e replicada pela população.

Mas se o futebol pôde ser adaptado ao capitalismo atual pela televisão, é porque seus traços essenciais permitem isso. O futebol tem profundos e inegáveis traços antropológicos, religiosos e psicológicos, que para serem comunicados fizeram dele uma linguagem. Na essência, ele é espetáculo. E muito antes da televisão colocá-lo ao alcance de milhões de pessoas (FRANCO, 2007, p. 182).

Dessa forma, é sabido que hoje o futebol se consolidou como espetáculo midiático e que, como veremos a seguir, se torna um espetáculo lucrativo.

O que se observa nesse percurso de pouco mais de um século de futebol no Brasil é um deslocamento radical de finalidade. De diversão descompromissada e elitizada, o principal esporte brasileiro passou a fenômeno de massa e, na fase atual, a produto de consumo midiático (GURGEL, 2006, p. 17).

### **3. O FUTEBOL COMO NEGÓCIO**

#### **3.1. A dicotomia da profissionalização**

Ao longo do século XX, o futebol deixou de ser apenas um esporte lúdico, cujo território era dominado exclusivamente pela paixão e euforia quase infantil. O futebol hoje movimenta muito dinheiro, em diversas formas, desde diretamente no campo (como patrocínios e venda de jogadores), até com a força de sua torcida (produtos licenciados) e outras formas indiretas. Clubes se tornaram marcas, jogadores se tornaram ícones, e aos torcedores coube o papel (ora imposto pelo sistema, ora por ele criado) de consumidores desse processo.

Atualmente, o esporte passa por este processo de mercadorização, tendo se tornado um produto a ser preferencialmente consumido através dos meios de massa. (...) Junto com ele, disponibilizam-se e consomem-se produtos, símbolos e estilos de vida (PIRES in GRUNENVALDT, 2007, p. 7).

O engajamento despertado pelo esporte bretão começou a aglutinar valor de negócio à medida que seu processo de espetacularização se consolidava, o qual fora potencializado por diversos fatores. Sendo o mais notório deles, sem dúvida, a ação dos meios de comunicação.

Essa criação de valor passa, por exemplo, pela potencialização da torcida, antes limitada aos torcedores do estádio, quando as TVs passaram a massificar a transmissão do evento, (...) com isso, é incorporado o telespectador, o torcedor da poltrona. Outra constatação desse processo (...) foi o potencial propagandístico dos times de futebol, o que deu início a patrocínios a clubes, jogadores e anúncios em estádios (GURGEL, 2006, p. 43).

Gurgel (2006) diz que entre 1950 e 1958, período compreendido entre o maior trauma brasileiro do futebol (a derrota na final da Copa do Mundo, no Maracanã) e o primeiro título mundial, viu-se uma grade mudança narrativa e de perspectiva nacional em relação ao futebol, que passou de representação da tragédia e sofrimento ao clássico apogeu heróico. Segundo o autor, a televisão foi o principal

responsável por essa construção da hiper-realidade e posteriormente pela mudança de perspectiva, a medida que com o fortalecimento da mesma “a produção de jogos como batalhas épicas, e de jogadores como heróis, somente se potencializou” (GURGEL, 2006, p. 29) como causa e consequência dos veículos de comunicação. “Sem dúvida, uma nova fase começava a se colocar à frente dos negócios do futebol. E as mídias não ficariam somente assistindo.” (GURGEL, 2006, p. 29). Elas seriam partes intrínsecas do processo.

As possibilidades de ganhos com os eventos se ampliaram muito: cotas de televisão, patrocinadores de eventos e campeonatos, imagem dos atletas, marketing esportivo disseminando os valores do esporte, etc. Um maior volume de dinheiro significa mais investimentos e uma ampliação das possibilidades de lucro e empregabilidade (SOARES, A; 2009, p. 503).

Segundo artigo publicado por Veríssimo (1996), no Jornal do Brasil, o futebol hoje vive um grande dilema, assim como todos os outros esportes de massa do mundo. Segundo ele, o futebol está no ramo do entretenimento, concorrendo com outros espetáculos diversos, desde o entretenimento de contemplação presencial (como o teatro, dança e outras artes) até o entretenimento através da televisão (filmes, programas, etc.). Para sobreviver o futebol precisa ser mais atraente. No entanto, nenhum torcedor diria que se “entretém” com seu time, que acompanha um jogo como quem acompanha uma ópera. O torcedor vai a um jogo “para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que quase sempre uma guerra metafórica” (1996, p. 3). Dessa forma, para o espetáculo futebolístico ser atraente, o mesmo não pode ter nenhum atrativo de espetáculo, nenhum indício de montagem ou faz de conta. Há de ser uma “séria e quase trágica competição por um cetro, não uma experiência estética, mas a busca do coração do inimigo e da glória eterna, mesmo que no ano seguinte todos voltem a ter zero pontos” (1996, p. 3).

Para Galeano (2004) a história do futebol é uma triste dicotomia entre o prazer e o dever. Do “prazer”, pelo amor com que o esporte é jogado nos inúmeros “Maracanãs” existentes em cada bairro das cidades brasileiras e pelo “dever”, pelo alto profissionalismo e inúmeros interesses comerciais, com que são tratados os atletas e os agentes envolvidos no esporte mais popular do mundo.

Essa estrutura narrativa dicotômica - entre prazer e dever, paixão e negócios, jogador e atleta profissional – é fruto de uma não definição entre a relação objeto e

observador do espetáculo, que Umberto Eco (1984) chamou de “esporte ao quadrado”.

O esporte é elevado ao quadrado (...) quando o esporte, de jogo que era jogado em primeira pessoa, se torna uma espécie de discurso sobre o jogo, ou seja, o jogo enquanto espetáculo para os outros, e depois o jogo enquanto jogado por outros e visto por mim. O esporte ao quadrado é o espetáculo esportivo (ECO, 1984, p. 222).

### **3.2. Marcas valiosas e poderosas**

O final da década de 80, e início dos anos 90, marcam um novo período da história política e econômica do Brasil, e o futebol - como reflexo da sociedade - também foi impactado por mudanças significativas.

Durante o período militar o futebol foi amplamente utilizado como ferramenta de manobra popular, fato que enfraqueceu e endividou os clubes. Até o final da década de 80 a principal fonte de renda ainda eram as bilheterias, cada vez mais escassas. O futebol brasileiro encontrava-se em crise e carente de modernização.

Em 1987 foi dado o primeiro passo para um novo período do esporte, a criação do Clube dos 13. Insatisfeitos com a falta de representatividade que tinham, os principais clubes do Brasil formaram uma liga independente da CBF e organizaram um campeonato próprio, a “Copa União”.



Imagem 2: Anúncio da Coca-Cola, em 1987, patrocinando todos os clubes da Copa União

A criação em si, da nova liga, não configura um processo de modernização, mas sim os meios que financiaram a empreitada. Sem recursos, o Clube dos 13 vendeu o direito de transmissão dos jogos para a Rede Globo, numa iniciativa inédita no Brasil. Ademais, também firmaram um contrato de patrocínio com a Coca-Cola para estampar a camisa de todos os times, além de outras ações. Somados os contratos com a TV Globo e da Coca-Cola, foi alcançado a cifra de US\$ 6 milhões. “Pela primeira vez, desde a criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, eles (os times) entrariam numa competição sabendo que ela seria superavitária” (AREIAS, 2007, p. 43).

Sobre essa parceria inédita com a televisão, Areias (2007), que participou diretamente da negociação, discorre que os benefícios aos clubes iriam muito além do valor recebido pela transmissão dos jogos:

Os clubes, em vez de aparecer para 100 mil pessoas no estádio, vão aparecer para 30, 40 milhões. E as empresas patrocinadoras vão pegar carona nessa exposição toda. É uma questão de amplificação da

mensagem” (...) A TV não tiraria público do estádio, mas ajudaria a consolidar ainda mais a paixão do torcedor pelo seu time (AREIAS, 2007, p. 37).

No entanto, essas iniciativas embrionárias, por mais que dessem sobrevida aos clubes brasileiros, não resolveriam sua crise financeira, na qual cada vez mais ficava claro que sua origem era anacrônica e intrínseca ao amadorismo do esporte.

Durante a década de 90 toda a imprensa, e até alguns clubes, clamavam pela modernização do futebol através do um modelo de gestão empresarial. Os profissionais envolvidos no futebol deveriam ser remunerados, mas também responsáveis por seus atos fiscais. Além do mais, com uma visão empresarial os clubes estariam mais propensos a firmar parcerias com outras empresas e até com grupos internacionais.

Com a chegada da Lei Pelé, em 1998 tornou-se necessário que os clubes desportivos se tornassem sociedades comerciais, processo no qual alguns clubes estão, até hoje, em transição para aplicá-lo na prática. Na época da lei já era sabido que os clubes comercializavam produtos, com seus nomes, signos e símbolos, por isso, foi obrigatório que todos eles registrassem sua marca junto ao INPI.

A Lei nº 9.615/98 era a estrada e o capital investidor, o veículo que levariam o futebol e o esporte brasileiro rumo ao mercado (...) formado por estádios novos, por campeonatos mais racionais e rentáveis, pela oferta de produtos oficiais de qualidade, por contratos mais justos. (...) Seria a revolução social da alegria, movida pela paixão pelo esporte. (AIDAR et al, 2002, p. 15-6)

O Estatuto do Torcedor, lei federal de 2003, passa a encarar definitivamente o torcedor como um consumidor, o qual passa a ter como direito receber um serviço de qualidade: o jogo comprado. Segundo a lei, “torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva” (BRASIL, 2003). A lei permeia desde acomodações e ingressos demarcados, como transporte, transparência de regulamento e arbitragem esportiva, assim como o direito a reclamação caso sintasse lesado de alguma forma. “É direito do torcedor que a arbitragem das competições desportivas seja independente, imparcial, previamente remunerada e isenta de pressões” (BRASIL, 2003).

Definitivamente, no Brasil, os clubes se tornavam marcas. E, como tal, agora poderiam ser valoradas. É sabido que uma das variáveis para o cálculo do valor de marca é o tamanho do seu universo potencial de consumidores, no caso dos clubes de futebol isso significa o tamanho de sua torcida, uma vez que ela representa a imensa maioria dos consumidores potenciais. Grandes torcidas representam mais consumidores (fiéis) e marcas proporcionalmente mais poderosas, o torcedor é a moeda do clube.

<b>AS MARCAS MAIS VALIOSAS DO FUTEBOL BRASILEIRO E SUAS TORCIDAS</b>			
<b>CLUBE</b>	<b>VALOR <sup>1</sup></b> (milhões)	<b>TORCEDORES <sup>2</sup></b> (% / quantidade)	<b>VALOR VS. TORCIDA</b> (posição ranking de marca <sup>3</sup> vs. posição no ranking de torcidas <sup>4</sup> )
Flamengo	R\$ 1.242,7	16,2% / 32,5 milhões	1 / 1
Corinthians	R\$ 1.241,4	13,6% / 27,3 milhões	2 / 2
São Paulo	R\$ 878,1	6,8% / 13,6 milhões	3 / 3
Palmeiras	R\$ 651,2	5,3% / 10,6 milhões	4 / 4
Grêmio	R\$ 590,1	3% / 6 milhões	5 / 8
Internacional	R\$ 580,7	2,8% / 5,6 milhões	6 / 9
Cruzeiro	R\$ 512,2	3,1% / 6,2 milhões	7 / 7
Santos	R\$ 404,6	2,4% / 4,8 milhões	8 / 10
Atlético-MG	R\$ 394,8	3,5% / 7 milhões	9 / 6
Vasco	R\$ 359,3	3,6% / 7,2 milhões	10 / 5

Tabela 1: As marcas mais valiosas do futebol brasileiro e suas torcidas

Como vimos na Tabela acima, a tendência é que o valor de marca de um time de futebol seja diretamente proporcional ao tamanho de sua torcida, uma vez que o ranking do valor de marca e o de tamanho de torcida são praticamente iguais.

Em linhas gerais, as marcas são vivas. Todas elas são passíveis de esquecimento, rejeição, preconceito e paixão, dependendo da maneira como estão inseridas na vida das pessoas. Com as marcas dos clubes de futebol, o cenário é

<sup>1</sup> Fonte: Consultoria e auditoria BDO In: Site Estadão, 18/11/2015.

<sup>2</sup> Fonte: Pesquisa Lance!Ibope In: LANCE! (2014)

<sup>3</sup> Fonte: Consultoria e auditoria BDO In: Site Estadão, 18/11/2015.

<sup>4</sup> Fonte: Pesquisa Lance!Ibope In: LANCE! (2014)

exatamente semelhante, quiçá até mais potencializado. O valor de clube de futebol nada tem a ver com uma entrega material, e sim com a entrega emocional depositada pelas pessoas. Isso gera expectativa e consumo.

No entanto, para que as marcas dos clubes mantenham-se fortes é preciso permanecer na história pessoal dos atuais torcedores, e para conquistar novas gerações de torcedores. O trabalho de marca dos clubes leva como premissa a ativação permanente de valores em seu maior ativo: as pessoas.

Com base nas análises feitas, podemos categorizar o trabalho das marcas clubísticas em quatro grandes pilares: fortalecimento, rejuvenescimento, conquista de novos mercados e (re)construção de identidade.

O “fortalecimento” tem como objetivo estreitar, e reforçar, os laços estabelecidos entre o clube e o torcedor. Dias de jogos, redes sociais, apresentação de atletas, são canais para tal objetivo, já que há o contato direto com o público.

O “rejuvenescimento” busca novas gerações de torcedores, para isso é preciso compreender os hábitos e as preferências de lazer dos públicos envolvidos, sejam eles diretos ou apenas influenciadores. O público indireto são as crianças, enquanto que seus pais são os principais influenciadores.

A “conquista de novos mercados” é uma das principais aspirações dos clubes de futebol, pois normalmente a disputa regional é muito acirrada. Há alguns anos clubes europeus (como Manchester United e Barcelona, por exemplo) realizam suas pré-temperadas na Ásia e nos EUA. Recentemente, clubes nacionais (como Fluminense e Corinthians, por exemplo) também adotaram tal comportamento.

Por fim, a “(Re)Construção de identidade” busca promover uma identidade clubística que gere identificação e diferenciação perante as outras torcidas. Podemos destacar a campanha de comunicação do Corinthians, “República Popular do Corinthians”, em 2009/2010, que ratificava os valores de nação que a torcida alcançara. Há também a possibilidade de que essa identidade tenha sido desgastada, cabendo ao clube resgatá-la de alguma forma. Caso semelhante pudemos presenciar com o time do Palmeiras - cuja personalidade está fincada sobre sua origem italiana - o clube então promoveu em 2009/2010 uma nova camisa oficial na cor azul, que remete a primeira indumentária de jogo usada pelos imigrantes, além de ser a cor da seleção italiana.

## 4. UMA FERRAMENTA SOCIAL

### 4.1. A identidade e união clubística

Segundo pesquisa realizada por FRANCO (2007), para o torcedor brasileiro o clube é muito mais importante que a própria seleção “perto de 57% deles sentem mais alegrias e tristezas vindas de seus clubes do que da seleção nacional.” (FRANCO, 2007, p. 205). Um dos motivos para isso é que a rivalidade e a solidariedade clubística são alimentadas com frequência, os clubes jogam (no mínimo) uma vez por semana, estão nos noticiários todos os dias e, por isso, fazem parte do cotidiano das pessoas de forma mais intensa e cotidiana.

A adesão a um clube ajuda a compor a própria personalidade do indivíduo, diferencia-o de muitos outros, (...) A dor ou a felicidade pelos resultados da seleção é de todos, não demarca, não distingue uma pessoa das outras. (...) De certa maneira a despersonaliza. (FRANCO, 2007, p. 205-6).

No entanto, por mais que 76% (LANCE!, 2014) dos brasileiros afirmarem torcer por algum time de futebol, o nível de envolvimento e de interação com o time não é homogêneo a todos os indivíduos. As discussões e pensamentos teóricos que virão a seguir não excluem os torcedores menos envolvidos com seu time, todavia é importante ressaltar que quanto maior o envolvimento, mais evidente se tornará as considerações.

A partir desse ponto será tomado o conceito de “campo social”, de Pierre Bourdieu, como fonte teórica para discussão sobre a união formada entre os torcedores de um clube, união que se assemelha com a formação de pequenas sociedades, tendo como característica principal o fato de se justificarem por um clube de futebol. Tais sociedades apresentam relativa autonomia, identidade coletiva, comportamentos e padrões de ação próprios; à discussão caberá analisar essas formações e manifestações, bem como origens e suas consequências.

Segundo Bourdieu (1983), o campo social pode ser entendido como o agrupamento de indivíduos, física ou psicologicamente, os quais são orientados por alguma característica em comum. Podemos considerar como campo social, por

exemplo, os “vizinhos da rua”, o “sindicato dos metalúrgicos”, a “associação de hippies”, etc., onde cada campo possui laços específicos entre seus membros.

Todo campo social, no entanto, para ser considerado como tal, exige certo grau de estruturação interna que confira autonomia relativa em relação a qualquer outro espaço social (BOURDIEU, 1983). É no campo social, e segundo suas regras, que são produzidos e circulam seus discursos específicos e as tomadas de posição singulares. O campo social é, para o autor, um espaço de relações, estruturado e relativamente autônomo.

Podemos aqui inferir que as torcidas de futebol exercem o papel de campo social, com relativa autonomia em relação ao ambiente externo a ele, no qual os indivíduos aglutinam-se em virtude da ostentação de um objeto comum: os signos do time do coração. Tais signos são, ao mesmo tempo, objetos de adoração do campo social (o escudo, as cores do time, etc.), como também o ratificador do campo (linguagem, identidade e comportamentos coletivos únicos e diferentes de campos externos). Além do mais, o campo social se torna mais forte à medida que seus objetos e troféus sociais se tornam mais específicos (BOURDIEU, 1983), sendo que, no caso dos clubes de futebol isso se torna ainda mais evidente: dificilmente torcidas de clubes diferentes almejariam as mesmas coisas, cada uma torcerá pelo sucesso de seu clã em detrimento do outro.



Imagem 3: Ícone do caixão, uma das manifestações de negação do rival (como forma de afirmação)

“Esses grupos sociais permitem predizer as outras propriedades e distinguem e agrupam os agentes que mais se pareçam entre si e que sejam tão diferentes quanto possível dos integrantes de outras classes, vizinhas ou distantes” (BOURDIEU, 1996, p. 24). Escolher um clube, e conseqüentemente uma torcida

(campo social), acarreta necessariamente na negação dos demais grupos sociais (as demais torcidas).

“Torcer por um clube gera o sentimento de pertencer a uma grande família anônima, que o indivíduo escolheu por razões variáveis, não é a família nacional que lhe foi imposta pelo destino.” (FRANCO, 2007, p. 206). Por isso o sentimento de pertencimento e representação no clube é muito mais intenso que o sentimento pela seleção nacional. Há a necessidade de afirmação através da diferenciação. “Torcer por um clube é partilhar emoções com um número forçosamente bem menor de pessoas, o que aumenta a intensidade do afeto e estabelece uma identidade futebolística própria para cada torcedor” (2007, p. 321).

Segundo Franco (2007), para 29% dos entrevistados, o simples fato de ver alguém longe dos estádios vestindo a camisa de seu clube dá a sensação de pertencer a uma grande família. Visto isso, a atuação do torcedor, em sua essência, não é muito diferente da atitude de sociedades tribais que se exultavam por meio de pinturas corporais (nesse caso, a camisa do clube), cantos, gritos e danças guerreiras. (2007, p. 214). Podemos concluir, portanto, que um dos principais motivadores para a união coletiva em torno de um clube é o sentimento de pertencimento a um campo social pequeno e não mandatário, dando ao indivíduo a sensação de escolha e, conseqüentemente, de identidade e representação.

A torcida, que Franco chamou de “clãs”, tem base territorial (seu estádio, seu bairro, pontos de encontro específicos e outros espaços), mas quando precisa deslocar-se e mudar de espaço não se descaracteriza, pois em qualquer lugar os membros do clã se reconhecem pelo nome, brasão e totem. (2007, p. 215)

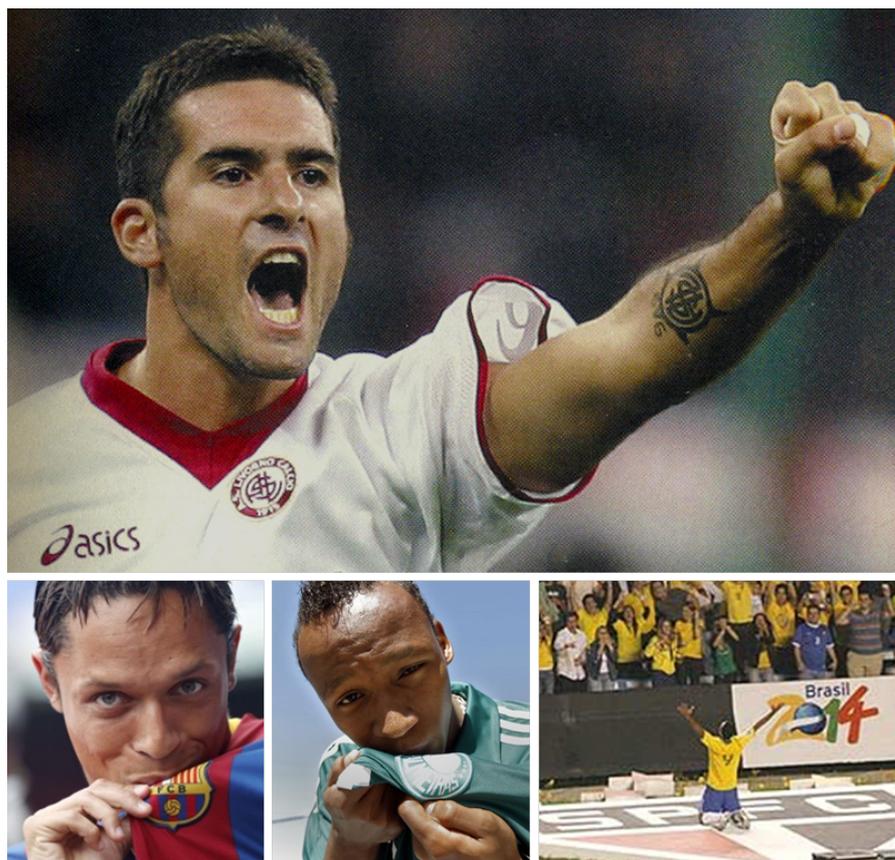


Imagem 4: Diferentes manifestações de adoração ao escudo (através do beijo, tatuagem, ou mesmo ajoelhando-se sobre ele), como demonstração de identificação com o clube/torcida

O escudo, aliás, é a síntese do clube, é sua representação e “corporificação”, por isso, é o elemento que carece de maior preocupação para os torcedores. É para demonstrar identificação (de forma verdadeira ou simulada) que se tornou comum os jogadores beijarem o escudo da camisa após um feito importante (momento da contratação, após marcar um gol ou conquistar um título).

Ainda sob a perspectiva da representação do campo social através dos objetos comuns, Franco estabelece uma relação das torcidas de futebol com “sociedades totêmicas”. Segundo o autor, o totem significa “sinal, marca, família (...)”, que ao mesmo tempo é indicador de pertencimento à comunidade e cimentador da identidade coletiva” (2007, p. 220), pois bem, se a imagem de um clube de futebol é objeto de alto valor emocional compartilhado por seus seguidores, os quais muitas vezes chamam a camisa do clube como “manto sagrado”, é possível afirmar que essas sociedades compõem uma sociedade totêmica.



Imagem 5: Promoção da Olympikus usando a expressão do “manto sagrado” para se referir à camisa

Como já dissemos, é dentro do campo social (ou sociedade totêmica), onde são criados e circulam seus discursos específicos, todavia, é também dentro deste campo onde as “regras de ação” são, em parte, constituídas. Podemos considerá-las como mandamentos e indicadores da prática dentro do grupo, as quais definem a equidistância dos valores coletivos: o dizível e o indizível, o adequado e o inadequado, o pertinente e o impertinente e, por fim, o que é eticamente aceito como conduta moral dentro do clã.

É nele, portanto, (o campo social) onde seus integrantes aprender a reconhecer o certo e o errado, mas não só, também a se definir, a forjar um discurso comum de pertencimento, a identificar os traços de uma identidade integradora, a dar a ver a fronteira simbólica que aperta o dentro e o fora. (BARROS; LOPES, 2006, p. 45)

A construção interna das normas de conduta é outro elemento que fortalece o campo, à medida que estabelece diferenciação de outros meios sociais. Ademais, o campo é “condição objetiva de possibilidade de construção de uma identidade de seus agentes” (BARROS; LOPES, 2006, p. 45).

A formação dessa unidade coletiva, muitas vezes sobrepõe as identidades individuais daqueles que a formam. “Fazer parte de um desses grupos é dotar-se de uma nova personalidade, é conseguir nova inserção social, que por se tornar estruturante para o indivíduo pode levar a cometer até exageros em nome dela”. (FRANCO, 2007, p. 194).

“A escolha de um time de futebol redobra, por um gesto nosso, a sujeição primeira a um nome, a inclusão na ordem da linguagem e a identificação inconsciente com um objeto de amor” (WISNIK, 2008, p. 34)

Ou seja, a personalidade da torcida pode ser mais importante e representativa que a personalidade de cada indivíduo do clã, a individualidade é diluída dentro da massa. Segundo BOURDIEU, a construção de campos sociais “organiza as práticas e as representações dos agentes e ao mesmo tempo possibilita a construção de ‘classes teóricas’ tão homogêneas quanto possível” (1996, p. 24).

Morato (2005), por sua vez, reconhece que o fato das pessoas escolherem um time para torcer faz com que sejam reconhecidas e identificadas com o nome, as cores e o mascote do mesmo. Por exemplo, no Brasil é comum quando estamos descrevendo as características de uma pessoa para outra, acrescentarmos sua predileções clubísticas: “Conhece o Paulo? Loiro, muito falante, palmeirense”

A identidade do indivíduo enquanto torcedor acompanha-o sempre, é parte importante da própria personalidade, ou ao menos funciona como reforço dela. No limite, todo torcedor pode repetir, assim como Nelson Rodrigues, “eu não gosto de futebol, gosto do meu clube”. (FRANCO, 2007, p. 210)

No entanto, mais do que diagnosticar a presença e as consequências da ligação psicológica e identitária entre um torcedor e seu clube - seja na ligação apenas entre indivíduo e objeto, seja na formação de campos sociais - é de grande importância a reflexão no que tange as motivações para tal constatação.

#### **4.2. Motivações e implicações da aglutinação clubística**

Primeiramente, podemos fazer uma indagação do ponto de vista social: um dos fatores que fortaleceu o papel do futebol como instrumento de união foi o enfraquecimento contemporâneo de outros laços sociais. “O sucesso da democracia nas sociedades industriais (...) provocou também a perda das identidades grupais” (FRANCO, 2007, p. 214) Devemos lembrar que as sociedades ocidentais contemporâneas, no geral, perderam parcialmente o papel tranquilizante do grupo,

dos ritos sociais e do mito. Um dos fatores que levou a isso foi a crescente tecnicidade para melhorar os desempenhos individuais, ao preço da diluição do grupo, da perda da segurança afetiva. “Para o ser humano, o ‘estar junto’ é a sensação reconfortante e negada quando está inserido em grupos muito grandes e abstratos, como Estados nacionais, Megalópoles, empresas multinacionais” (FRANCO, 2007, p. 194). Tal diagnóstico denota que, a formação de clãs clubísticos apresenta como poder de atração a aparente solução contra o sentimento de isolamento social e de falta de afetividade, gerada pelos grandes grupos.

Franco (2007) ainda ressalta que novos recortes sociais surgiram, na tentativa de suprir essa carência do sentimento de inclusão e de identidade grupal (como por exemplo, os partidos políticos, a diferenciação econômica, as religiões), no entanto, estes recortes são tão maleáveis e mutáveis que não conseguiram suprir todas as funções sociais e psicológicas dos antigos grupos.

A consciência de pertencer a uma comunidade camponesa, ou família tradicional e poderosa, ou confraria, ou cidade, ficou esmagada pelo conceito de cidadania que hoje homogeneiza todos os indivíduos. (...) O futebol inserisse exatamente nessa brecha aberta pela industrialização ao destruir os paradigmas anteriores. (FRANCO, 2007, p. 214)

Já sob o ponto de vista psicológico, podemos inferir como possível motivação para a aglutinação social por meio do futebol o conceito de “tela de projeção” (FREUD apud GAY, 189, p. 104). Segundo Freud, a “tela de projeção” pode ser entendida como ambiente intangível onde há vários sentimentos de diferentes sujeitos (torcedores) sobre uma mesma entidade (o clube comum a eles). E, como a entidade (clube) tem existência externa aos sujeitos (diferentemente das divindades tradicionais, onde a existência da entidade existe apenas internamente), é estabelecido intenso jogo de transferências entre ambos (indivíduo e entidade), isso significa que há a projeção - em outro personagem - de sentimentos marcantes, positivos ou negativos, anteriormente vividos na história do indivíduo. Ou seja, o torcedor projeta no clube suas frustrações e alegrias. A partir dessa relação é possível concluir que decorre parte da relação psicológica entre torcida e time.

Ainda sob a perspectiva psicológica, é digno de destaque o fato de que, por meio do futebol, é cabível ao indivíduo “sair do próprio corpo”, extravasar e ir além da personalidade forjada socialmente, assumindo praticamente outra identidade.

Os torcedores envolvem-se de ‘corpo e alma’ no drama de time do coração, extremando suas emoções mais profundas e reprimidas. Suas crenças e valores são dramatizados e extravasados no desenrolar dos lances de uma partida. É pelo futebol que o homem chora, sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas de seu time (MORATO, 2005, p. 75)

Enquanto psicologia de massas, Wisnik (2008) atribui ao futebol a formação de “hipnose compartilhada”, uma vez que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um “ideal de eu”. (WISNIK, 2008, p. 52)

É possível, também, indagar suposições para a união clubística sob a ótica cultural. Para tal, devemos nos lembrar (como mencionado no início deste capítulo) da abrangência social e cultural na qual o futebol está inserido em diversos países, principalmente o Brasil. Ademais, para tal discussão será usada como estrutura teórica dois conceitos de Pierre Bourdieu: o *habitus* e, posteriormente, a *Illusio*.

Em um país como o Brasil, onde entre 76,6% (LANCE!, 2014) da população declara torcer por algum clube nacional, não podemos negar o papel massificador e dominador do esporte enquanto traço cultural. Podemos dizer, por exemplo, que um indivíduo que declara não ser torcedor de qualquer clube está sujeito a certo estranhamento perante os outros e, em alguns casos, tal estranhamento pode gerar preconceito e exclusão social. Daí decorre a conclusão de que o futebol pode, sim, ter papel de dominação cultural.

Podemos associar tal ação dominante do esporte com o conceito de *habitus*, defendido por Bourdieu e, com isso, traçar algumas hipóteses para o processo de escolha e de aceitação de um clube como elemento pessoal.

Segundo Bourdieu (1996), o *habitus* é uma relação cultural estabelecida entre o indivíduo e a sociedade, onde o indivíduo é, ao mesmo tempo, dominado e ratificador da cultura vigente. Ou seja, os elementos circundantes da sociedade na qual o indivíduo está inserido praticamente o dominam, e o obrigam, a aceitar tais elementos culturais (a “escolha obrigatória” de um time de futebol, por exemplo). Por outro lado, o indivíduo também exerce papel de ratificador da cultura dominante à medida que a aceita, tornando-a mais forte e presente na sociedade em questão.

O habitus pode ser compreendido como a conexão entre o ator social e a sociedade, uma segunda natureza. Trata-se, portanto, de situar o fenômeno em uma lógica onde os indivíduos são matizados pela cultura, mas ao mesmo tempo, tendo suas práticas como parte estruturante dessa. Portanto, há uma estruturação que se estabelece na prática; as relações de dominação se fazem, desfazem e se refazem na e pela interação entre as pessoas (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Isso significa que, em países como o Brasil, onde o futebol está enraizado na cultura nacional, a escolha individual do clube (e por consequência, do clã e da identidade coletiva que o acompanha) muitas vezes se dá pela coerção social. “Não se trata de uma paixão, mas de uma senha para a cidadania”. (Nelson Rodrigues apud FRANCO, 2007, p. 210)

Morato (2005) também estabelece a que a conexão entre o indivíduo e o clube se dá por meio da influência cultural, segundo ele a escolha de um time baseia-se nas próprias experiências e nas relações vividas. Torcer é uma constatação cultural. “Desde meninos somos influenciados por familiares e amigos. Ganhamos bolas de futebol e o uniforme do clube preferido por um de nossos pais” (2005, p. 76).

Por outro lado, a influência familiar não é fator preponderante para a escolha de um time. Segundo pesquisa realizada por Franco (2007), 20% das pessoas escolheram seu clube por oposição a parentes ou amigos próximos que tinham outro clube. Podemos associar tal dado com o conceito de “espelhos invertidos”, usado por Wisnik (2008) para explicar as motivações antropológicas presentes na escolha de um time de futebol.

Segundo Wisnik (2008) a escolha do clube de futebol se dá por meio de apenas duas constatações antropológicas: 1) a identidade através da afirmação do eu, 2) a identidade através na negação da afirmação. Ou seja, o indivíduo pode escolher seu clube por imitação direta de um modelo (o time do pai, por exemplo) ou escolher por contra indicação, em uma forma de afirmação através da negação de um modelo. A escolha por meio da negação de um modelo como forma de afirmação se adequa perfeitamente ao espírito do jogo, onde a existência do outro “me nega e me afirma ao me negar”. Graças a essa trama de alteridades o futebol dá ao indivíduo a escolha pela combinação de espelhos invertidos, ora pela afirmação, ora pela negação.

Aliás, a presença do rival (seja por meio dos elementos simbólicos do outro clube, ou do campo social da torcida adversária) é também uma forma de afirmação do grupo. Segundo Bourdieu (1983), uma das condições para a formação de um campo social é a legitimidade de seus agentes para falar dele em detrimento daqueles que não o participam.

A divisão da população em times rivais, (...) obedece, para além dos perfis sociológicos, a uma necessidade antropológica: a de se dividir em “clãs totêmicos” mesmo no mundo moderno, e disputar ritualmente, num mercado de trocas agonísticas, o primado lúdico-guerreiro, como se não fosse possível ao grupo social existir sem suscitar por dentro a existência do outro – o rival cuja afirmação me nega me afirmando. (WISNIK, 2008, p. 51)

Todavia, segundo Bourdieu (1983), todo o tipo de deleite obtido em um determinado campo social está, primeiramente, relacionado ao grau de importância que o agente atribui a ele e, em segundo lugar, aos interesses específicos no campo. Isso significa que, sob a perspectiva das rivalidades, é possível que algumas conquistas sociais tenham pesos e importâncias diferentes a cada campo social. Por exemplo, a conquista de determinada vitória pode ter grande valor a uma torcida (como a quebra de um tabu), enquanto que para outra seja encarado como banal.

Ademais, baseado na afirmação de Bourdieu (1983), nem sempre as vitórias e as conquistas clubísticas podem ser consideradas como troféu social máximo para o campo. Muitas vezes, o reconhecimento e fortalecimento do clã, em detrimento dos clãs rivais, é muito mais preponderante. Tal fortalecimento do campo social pode, sim, vir através do desempenho esportivo, uma vez que ratifica sua superioridade; mas não de forma intrínseca.

A lógica de todo clube, como toda sociedade, é seu reconhecimento por parte dos congêneres, é a afirmação e difusão de seu poder. As vitórias esportivas, em certo sentido, não são objetivos últimos, mas instrumentos privilegiados para o fortalecimento clânico. (FRANCO, 2007, p. 207)

### **4.3. Torcer é participar, e participar é torcer**

A partir desse ponto, será apresentado o conceito teórico da *Illusio*, de Pierre Bourdieu, como embasamento de discussão acerca das influências (inconscientes e perenes) que regem o indivíduo durante o ato de torcer e/ou quanto a sua carência de pertencimento grupal.

A *Illusio* é a denominação dada à ilusão coletiva na qual as razões que levam o indivíduo a fazer parte da composição social sejam consideradas óbvias e, por isso, não questionáveis.

Para BOURDIEU (1996), o campo social é estruturado e estruturante por formas particulares de ilusão, fazendo com que a importância de se envolver não seja calculada, mas implícita. A esse reconhecimento prévio dos troféus e da obviedade das razões que circundam a validade de compor certa atividade social denomina-se *illusio*.

A *illusio* é o oposto da *ataraxia*, é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo, por efeito da concorrência, e que apenas existem para as pessoas que, presas ao jogo, e tendo as disposições para reconhecer os alvos que aí estão em jogo, estão prontas a morrer pelos alvos que, inversamente, parecem desprovidos de interesse do ponto de vista daquele que não está preso a este jogo, e que o deixa indiferente (BOURDIEU, 1996, p. 152).

O reconhecimento e o investimento nos alvos específicos do jogo social (engajamento não calculado em prol dos benefícios do campo social) decorre, portanto, da atribuição de valor a algum objeto de luta, definidos em um processo de socialização estabelecido, quase sempre, dentro do próprio campo social. “Admitir o valor do troféu é condição de pertencimento ao campo” (BARROS; LOPES, 2006, p. 60).

No caso específico dos clubes de futebol, podemos inferir que o ato de torcer pode ser interpretado (através de uma ilusão coletiva) como uma ferramenta para a obtenção dos troféus e objetos de luta do campo social, os quais (apesar de subjetivos e não mandatórios) normalmente estão relacionados ao desempenho esportivo da equipe. Ou seja, o indivíduo é envolvido por uma ilusão coletiva incontestável (a necessidade de torcer) na qual o reconhecimento do valor do troféu social (normalmente as vitórias esportivas) é a condição de pertencimento ao grupo,

afinal, a razão mais simplista que explica a aglutinação de indivíduos em uma única torcida é o simples ato de “torcer” pela mesma coisa.

Podemos inferir, portanto, que a *Ilusio* aplicada ao contexto do futebol se manifesta como a ilusão coletiva incontestável que rege a necessidade de torcer pelo seu clube, como forma de buscar os troféus do campo social. O desejo incontestável de torcer pelo clube (*ilusio*) é o elemento ratificador de pertencimento ao grupo (torcida).

Graças a essa necessidade incontestável de torcer, podemos discorrer diversas consequências. Primeiramente, a tarefa de torcer por um clube provoca aquilo que Gustave Le Bon chamou de “fenômeno de contágio”, fenômeno que ocorre em todo o grupo em que o vínculo emocional entre seus membros deriva ou é sustentado pelo vínculo emocional entre o grupo e o líder. “O torcedor faz parte de uma horda cujo líder é a própria coletividade torcedora. Assim, ocorrem duas formas de contágio. Uma vertical, entre torcedores e jogadores, outra horizontal, apenas entre torcedores” (LE BON apud FRANCO, 2007, p. 195).

Ademais, partindo do princípio de que a necessidade de torcer é a manifestação da *ilusio*, na qual o indivíduo busca ratificar o pertencimento ao grupo por meio do desejo do troféu social, e que na maioria das vezes tal troféu social se dá pelo desempenho esportivo do clube, não é de se espantar que inconscientemente o torcedor busque maneiras de participar da competição esportiva e, de certa forma, poder contribuir para o resultado positivo do jogo. Por mais que o torcedor saiba que sua participação não é plausível nem efetiva, há o sentimento de contribuição. Podemos afirmar que torcer, de certo modo, também é acreditar na sua própria contribuição para o jogo.

Cada torcedor (...) credita o bom desempenho de seu time à sua maneira de torcer. Sem a sua torcida, o seu desempenho e o seu incentivo, seu time não terá chances contra o adversário. Mesmo que ele não pule, não grite, não berre, sua presença no estádio ou diante da televisão (ou do rádio) contribuirá para o time (MORATO, 2005, p. 90)

O sentimento que rege os torcedores a seguir um clube é acreditar, mesmo contra diversas evidências racionais, que seu time irá vencer, o torcedor crê que sua fé e seu estímulo colaborarão para que seus ídolos levem a divindade comum à

vitória. “Acima de tudo, torcer é tentar distorcer o futuro, interferir nele. É a esperança de ‘alterar o destino’” (FRANCO, 2007, p. 292).

Os torcedores, independente da origem social, cumprem com maior ou menor fervor seu papel de fiéis ao grupo. É comum, por exemplo, nos dias em que sua divindade de manifesta (dias de jogos), portar objetos ou peças de roupas (normalmente a camisa) que supostamente traga benefícios, já que foi feito anteriormente em um dia de vitória.

Aliás, o conjunto de práticas no universo da superstição é bastante amplo, segundo pesquisa de Franco (2007), 22% dos torcedores acreditam que ir ao estádio atrai sorte ao time, enquanto que 23% dos torcedores consideram ser propício seguir o mesmo ritual durante o jogo: vestir sempre as mesmas roupas, a mesma cadeira, assistir ao mesmo canal e ter as mesmas companhias (2007, p. 228).

Segundo Eco (1984), o simples fato de falar sobre o esporte já alivia, de certo modo, a carência do torcedor pelo sentimento de inclusão grupal e de participação no jogo. “A falação sobre o esporte dá a ilusão de ter interesse pelo esporte, a noção de ‘praticar o esporte’ confunde-se com a de ‘falar o esporte’; o falante se considera esportista” (1984, p. 225). Falar sobre o esporte, ou sobre seu clube (assim como torcer por ele), é elemento ratificador do interesse pelo mesmo e, se considerarmos essa manifestação como uma prática tida como inquestionável pela torcida, podemos inferir que a falação esportiva (as conversas sobre o assunto) é uma manifestação *illusio*. Ou seja, falar sobre um clube demonstra no mínimo repertório, interesse e desejo de colaboração por tal objeto.

Por fim, devemos lembrar outra manifestação que denota o sentimento de participação no ritual futebolístico e o de pertencimento ao campo social. Não é por impropriedade discursiva que se diz que “meu” time ganhou do “seu”, os pronomes possessivos revelam profundo sentimento de identificação, a ponto de, tanto o pertencimento como a participação do indivíduo dentro da entidade clubística ser considerada inquestionável. “Em última análise, todo adepto de futebol torce para si próprio devido a uma identificação com o clube tão enraizada quanto a qualquer outro fiel que encontra no seu Deus a si mesmo” (FRANCO, 2007, p. 295).

Torcer por um clube é se identificar com suas vitórias, que completam ou substituem as vitórias pessoais do indivíduo. Daí decorre o uso frequente da camisa do clube depois de uma vitória importante ou do sucesso do time em alguma

competição. O uso do produto representa, ao mesmo tempo, a ratificação do pertencimento do indivíduo ao grupo e a troca de valores psicológicos entre ambos. Consumir um produto do clube, portanto, pode assumir a função de identificação grupal e dos valores coletivos.

A camisa do clube, sem dúvida, é o produto, de maior preferência do torcedor, é um objeto de fácil acesso e é carregado junto ao corpo. Além do mais, a camisa é o produto de uso pessoal que mais se destaca, cobrindo a maior parte do corpo. Sob o ponto de vista clânico, a camisa tem função semelhante à bandeira, cuja função primária é a demarcação do território grupal, no entanto, a diferença entre ambas é que a camisa demarca o indivíduo e, normalmente, não o território. “Usar a camisa de seu time implica demonstrar sua predileção, sua tribo e, ao mesmo tempo, negar e agredir simbolicamente as outras tribos, os outros times” (MORATO, 2005, p. 81).



Imagem 6: Propaganda (banner de internet) na qual fica evidenciado que o consumo do produto (e seu uso, posteriormente) é ratificador do pertencimento do indivíduo à massa

Como vimos anteriormente, o torcedor tem a carência inconsciente de poder participar do jogo, ele crê que sua fé possa colaborar no desempenho esportivo da equipe, para isso apega-se a superstições e “mandingas”. Fato importante é que, normalmente, esse comportamento mítico ritualizado se realiza por meio de objetos que representam a divindade exaltada e/ou objetos que possam trazer bons fluidos à ela. Por exemplo, o uso da camisa do clube, que ao mesmo tempo representa o clube como também pode ser prenúncio de sorte; ou então assistir aos jogos sempre na mesma posição do sofá e com as mesmas pessoas, que pode trazer sorte pois assim foi feito em outros dias de vitórias.

Nesse contexto de superstição, portanto, o fato de possuir um produto do clube é importante porque pode concretizar o desejo de “fazer sua parte”, de alterar o jogo. Podemos inferir que o consumo dos produtos, entre várias outras

motivações, pode assumir o papel de ferramenta para o desejo de participação. É importante ressaltar que não apenas a camisa do clube pode assumir esse papel.

Por fim, é importante evidenciar que o consumo simbólico do clube, como forma de suprir o sentimento de pertencimento e a carência de participação, não se restringe a compra de produtos do clube, mas também pode ocorrer através do consumo de serviços.

Partindo do princípio que, para participar (do grupo e do espetáculo) é necessário torcer, assistir aos jogos do time é condição básica para isso. No entanto, o número de pessoas que assistem seu time do lado de dentro do estádio é infinitamente menor que o número de indivíduos que o acompanham graças aos meios de comunicação (majoritariamente TV e rádio). Segundo pesquisa do Jornal Lance! e o instituto Ibope apenas 10% dos torcedores afirmam assistir jogos dentro do estádio (LANCE!, 2014, p. 28)

O consumo simbólico do clube, através dos meios de comunicação, é uma das formas mais notáveis de participação e de inserção ao grupo. Tanto que, a maior fonte de renda dos clubes brasileiros está na venda dos direitos de imagem para as emissoras de televisão.

O consumo do “espetáculo esportivo”, como chamou Eco (1984), culmina em grande exposição midiática (como visto no capítulo anterior), o que atrai patrocínio e publicidade nas camisas e nos estádios. No entanto, para a reflexão desse capítulo, o importante a ser destacado é que, do ponto de vista do torcedor, a compra de produtos da marca patrocinadora do clube também possui papel de inserção social.

De modo geral, os torcedores têm atitudes muito positivas frente a compra de produtos da marca que patrocina seu clube, 27% deles alegam que o patrocínio clubístico influencia positivamente na decisão de compra de uma marca (apenas 1% alega que influencia negativamente, o restante é neutro). O mais interessante é que, desses que alegam ser sensibilizados positivamente pelo patrocínio, 71% possui como motivação para tal o fato de, por meio da compra da marca patrocinadora, se sentirem parte do time (DAMATTA, 2010, p. 95-96).

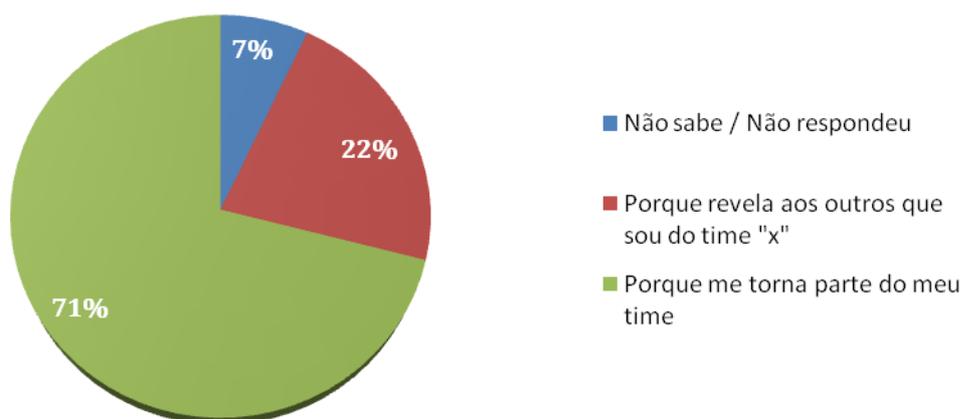


Gráfico 1: Motivos pelos quais a marca que patrocina o time influencia positivamente a compra de produtos

Ou seja, ao comprar o produto das empresas que patrocinam o time os indivíduos retribuem o apoio dado por elas a seu clube. É a forma, inconsciente, de colaboração do torcedor, não apenas com o clube diretamente, mas com todos aqueles que colaboram para o fortalecimento e para a obtenção das conquistas (sociais ou esportivas) do campo social clubístico que o personaliza e faz parte de sua identidade.

Por fim, baseado nas discussões que seguiram, podemos inferir que, além dos clubes possuírem forte poder de atração social e psicológica sobre os indivíduos, o consumo de produtos relacionados a ele se torna ratificador de pertencimento e de representação identitária dos valores clubísticos.

#### 4.4. Intensificação do envolvimento e consumo

Como vimos nos dois capítulos anteriores, os clubes – de forma inerente - exercem atração sobre os indivíduos (podendo ser potencializado por outros fatores ou não), sendo eles uma forma de inserção social e de identificação. Entender esses dois processos, o de mercantilização do futebol e o de inserção e projeção social das torcidas passa a ser fundamental nesse ambiente intrínseco a sociedade de consumo brasileira.

No entanto, tal envolvimento do torcedor (e, por consequência, sua propensão ao consumo) não é padrão a todos os indivíduos, é de se esperar que as marcas/clubes/anunciantes busquem intensificar esse processo de ligação com o clube

Tomemos duas referências teóricas como base para a discussão desse capítulo, a primeira delas é o conceito da “escada rolante”, apresentada por Mullin et al (2004); já a segunda é a divisão dos jogos elaborada por Caillois (1990), a qual demonstra um aporte interessante para abordar a componente lúdica dos jogos na cultura.

A “escada rolante” nada mais é que uma representação gráfica do envolvimento do consumidor esportivo, a qual além de fazer a segmentação dos consumidores em degraus, também demonstra as motivações que permeiam o movimento de ascensão em cada nível da escada. Os degraus próximos ao chão abrigam os consumidores com baixo envolvimento esportivo (não-consumidores, novos consumidores, consumidores mal-informados, etc.), cujo desembolso financeiro com o esporte também é muito pequeno; enquanto que, os consumidores dos níveis mais elevados apresentam grande envolvimento e grande desprendimento financeiro com artigos esportivos.

Através desse esquema torna-se claro que os torcedores podem aumentar seu grau de relacionamento com o clube (como no movimento de uma escada rolante), na qual o envolvimento emocional está diretamente relacionado à propensão de compra de artigos esportivos. Podemos, portanto, direcionar o conceito apresentado por Mullin e aplicá-lo exclusivamente ao contexto dos clubes de futebol, uma vez que as premissas são muito semelhantes.

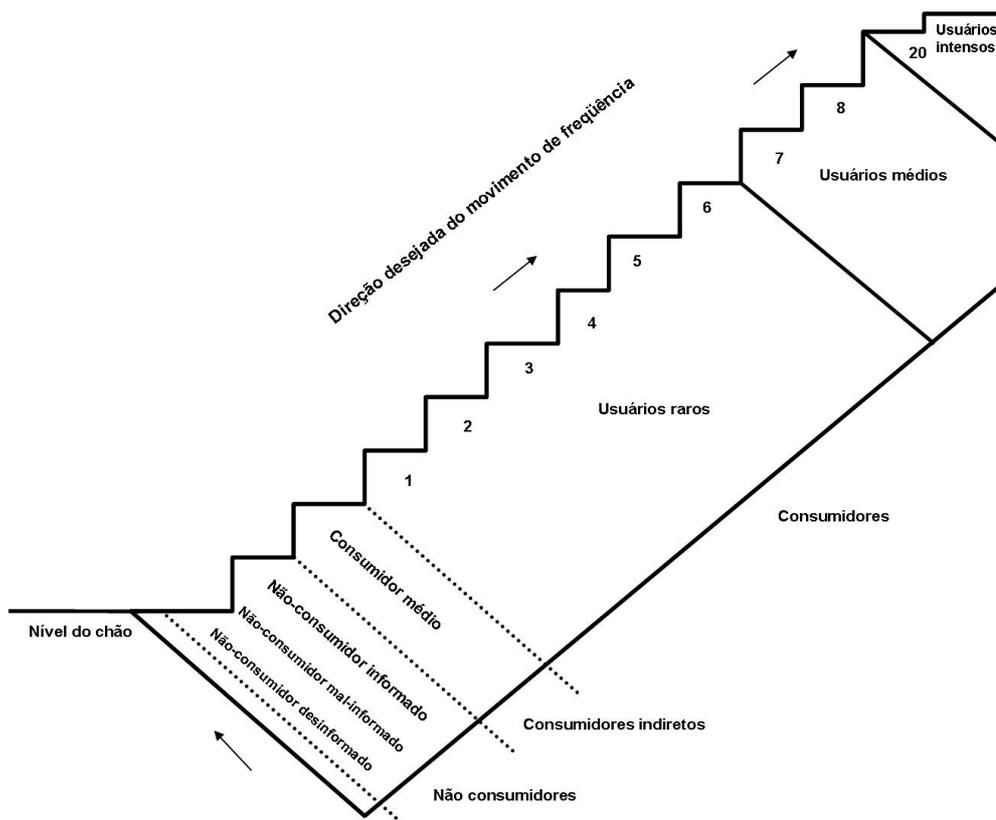


Imagem 7: Escada rolante de envolvimento

Segundo Mullin et al (2004), nas estratégias tradicionais de marketing há o desejo de conquistar novos consumidores que ainda não tiveram contato com o produto, aumentando assim a penetração da categoria. No entanto, esse tipo de estratégia costuma não surtir muito efeito no contexto esportivo. O ideal não é conquistar novos consumidores, mas sim aumentar o envolvimento emocional daqueles que já estão em algum degrau da escada.

Em geral, o esforço e as despesas promocionais necessários para levar os consumidores escada acima são consideravelmente menores do que os exigidos para levar os não-consumidores a subir na escada rolante e começar a consumir de forma direta. E, o que é mais importante, a resposta tende a ser consideravelmente maior dos consumidores existentes do que de um público não-consciente ou desinteressado (MULLIN, 2004, p. 163).

Dessa forma os clubes de futebol constroem narrativas discursivas (por meio dos mais diversos canais de comunicação) que objetivam aumentar o envolvimento emocional daqueles que já possuem alguma afinidade com o clube e, conseqüentemente, desprenderão energia e recursos financeiros com o mesmo.

É justamente a partir desse ponto - a análise da construção da narrativa discursiva - que podemos aplicar a divisão dos jogos (como modo de representação, percepção e interação lúdica da sociedade), apresentada pelo sociólogo e antropólogo Roger Caillois.

Caillois (1990) classifica os jogos em quatro categorias básicas: *Agôn*, os jogos de competição; *Alea*, os jogos de azar; *Mimicry*, os jogos de representação e *Ilix*, os jogos de vertigem.

Os jogos do tipo **agôn** podem ser bem exemplificados pelos diferentes esportes. São jogos em que se procura estabelecer uma superioridade de desempenho sobre os adversários a partir de uma igualdade de condições preestabelecida. A vitória depende exclusivamente do desempenho do vencedor, sua superioridade (naquele momento) se torna inquestionável. Por exemplo, quem chegar mais rápido, vende a corrida. Simples.

Quando o discurso publicitário usa o contexto do futebol, os jogos *agôn* podem ser representados de modo que o futebol se torne “metáfora da realidade”, instaurando uma dimensão futebolística à vida cotidiana. É comum que os jogadores sejam mostrados em ação, designando aos consumidores potenciais o papel de “torcida” (em um discurso de autoridade e/ou endossador de produto), ou mesmo trocando a palavra “escolher” pela expressão “marcar um gol”, deixando a impressão que o consumidor foi superior aos demais (que não compraram aquela marca).

Os jogos **alea** são os chamados “jogos de azar”, onde a igualdade de condições dos adversários serve apenas para mostrar para qual deles o acaso está mais favorável, dependendo unicamente da “sorte”. Na propaganda os jogos *alea* são representados através de promoções ou sorteios, seja através da participação ativa ou passiva dos consumidores.

Os jogos do tipo **mimicry** são os jogos de representação, e se caracterizam pelo “faz de conta” que as coisas são de outro modo, estimulando ludicamente outra realidade. Durante o período de Copa do Mundo, por exemplo, fica evidente como a propaganda trabalha com os jogos *mimicry*, usando com exaustão a figura do torcedor brasileiro mascarado, por meio da cara pintada de verde e amarelo.

GASTALDO (2002) discorre como a representação do jogo *mimicry* na propaganda, tangibilizado pelos rostos pintados de verde e amarelo, contribui para o fortalecimento da nação brasileira, sobrepondo a individualidade:

O mascarado deixa de ser indivíduo e passa a ser o 'outro', o 'representado', seja uma divindade, um palhaço, um super herói, um personagem teatral ou uma nação, o mascarado dissocia-se de quem está por trás da máscara. Assim, uma pessoa vestida de verde-amarelo, com o rosto pintado de verde-amarelo personifica de modo inequívoco o 'torcedor brasileiro' (GASTALDO, 2002, p. 107-8).

Por fim, os jogos da vertigem, chamados de *ilix*, são jogos em que o objetivo é sair de si, buscar o prazer do êxtase (que significa, literalmente, "sair de si"), seja através de brinquedos infantis em parques de diversão que desafiam a gravidade, seja por meio da embriaguez por de bebidas alcoólicas ou qualquer outra forma que vise o prazer através da fuga do padrão comportamental de si mesmo. No discurso publicitário os jogos *ilix* possuem representação mais comum por meio de marcas de bebidas alcoólicas.

## 5. PROJEÇÃO DOS CLUBES DE FUTEBOL

### 5.1. Objeto de estudo e metodologia

Baseado nas discussões que seguirem, podemos inferir que os clubes exercem forte poder de atração social e psicológica sobre os indivíduos, cuja motivação principal é o desejo de diferenciação social por meio de um grupo que, de certa forma, os represente. Com isso, há o forte sentimento de pertencimento, que de alguma forma precisa ser representado.

Levando em conta que clubes de futebol podem exercer papel de marcas (MULLIN, 2004) no processo de consumo e de mini-sociedades que se afirmam na diferenciação dos demais grupos (BOURDIEU, 1984), podemos agora discorrer sobre a percepção e as projeções que cada torcida faz de si mesma, bem como das demais, a fim de estabelecer identidades coletivas das torcidas/clubes (ou marcas, sob a ótica do consumo).

Como dito, nesse momento, o objetivo é inferir quais projeções cada torcida faz de si mesma, bem como das demais. O objetivo de estudo dessa observação serão as 4 maiores torcidas do estado de São Paulo, respectivamente: Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos.



Imagem 8: Escudo dos quatro clubes que são objeto de estudo do trabalho, respectivamente: Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos.

A metodologia utilizada foram entrevistas em profundidade com, sendo 3 entrevistas por clube (2 homens e 1 mulher), somando ao todo 12 entrevistas. No entanto, para ser considerado apto a participar das entrevistas em profundidade declarar-se torcedor de algum dos times não seria suficiente. Como o trabalho objetiva estabelecer as identidades coletivas das torcidas/clubes, se faz necessário

filtrar os torcedores ocasionais ou aqueles com menor envolvimento com o clube. Para isso, antes da entrevista propriamente dita, cada (candidato a) respondente preenche um questionário filtro. Os critérios veremos a seguir.

## 5.2. Questionário filtro

Com o objetivo de filtrar torcedores ocasionais (os quais tem menor repertório sobre os temas que serão abordados nas entrevistas em profundidade) o questionário filtro que avalia o envolvimento do torcedor em 5 pontos:

- 1) **Conhecimento:** domínio de informações sobre o time (perguntas 5 e 6)
- 2) **Vivência:** acompanhar informações e o dia-a-dia do time (perguntas 7 e 8)
- 3) **Envolvimento:** relação emocional e influência do time (perguntas 9 e 10)
- 4) **Presença:** acompanhar e/ou apoiar o time no estádio (perguntas 11 e 12)
- 5) **Consumo:** ratificação de torcedor através do consumo (perguntas 13 e 14)

Os 5 pontos de avaliação contam com 2 perguntas cada (somando 10 ao todo), sendo necessariamente uma pergunta fechada (escala de avaliação ou múltipla escolha) e outra aberta (dissertativa), buscando minimizar respostas induzidas e/ou que não reflitam o comportamento real do torcedor.

**Serão considerados aptos a participarem das entrevistas em profundidade aqueles** respondentes do questionário filtro que atenderem a dois critérios: 1) **torcedores dos times que são o objeto de pesquisa** deste projeto (Q3) e 2) **torcedores que tiverem 80% ou mais dos requisitos esperados** nas perguntas sobre os 5 pontos de avaliação (Q5 a 14).

Ademais, as perguntas 1, 2 e 4 têm a função de aquecimento no tema e, posteriormente, podem ser usadas para outros cruzamento de dados. Já a pergunta 3 é filtro básico do objeto de estudo desse trabalho.

## QUESTIONÁRIO FILTRO

1) Qual o seu nome? \_\_\_\_\_  
[Não é pergunta filtro nem requisito]

2) Qual afirmação melhor traduz a sua relação com o futebol?

- a) Eu gosto muito de futebol
- b) Eu gosto de futebol
- c) Futebol é indiferente pra mim
- d) Não gosto de futebol
- e) Odeio futebol

[Não é pergunta filtro nem requisito]

**3) Qual o seu time de futebol?**

- a) Corinthians
- b) São Paulo
- c) Palmeiras
- d) Santos
- e) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

[Filtro: se responder alternativa E, encerre.]

**4) Qual afirmação melhor traduz a sua relação com o seu time de futebol?**

- a) Sou um torcedor realmente apaixonado pelo time
- b) Na maioria das vezes sou um torcedor frequente
- c) Às vezes sou um torcedor frequente, às vezes não.
- d) Na maioria das vezes não sou um torcedor frequente.
- e) Quase não torço pelo meu time

[Não é pergunta filtro nem requisito]

**5) De 0 a 10, o quanto você considera que conhece o seu time de futebol (história, títulos, jogadores, etc)?**

Sendo 0 (zero) você considera que mal conhece e 10 (dez) você considera que conhece praticamente tudo

0 — 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 10

[Requisito: respostas iguais ou superiores a 5]

**6) Você pode me dizer os 3 últimos títulos do seu clube (nome e ano)?**

Escreva em cada linha o título e o ano. Considere o time profissional de futebol em todas as divisões.

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_

[Requisito: dizer 3 dentre os 6 últimos títulos do clube. Gabarito abaixo]

<b>GABARITO Q6</b>			
<b>Corinthians</b> - Campeonato Brasileiro (2015) - Recopa Sulamericana (2013)	<b>São Paulo</b> - Copa Sul-americana (2012) - Campeonato Brasileiro (2008)	<b>Palmeiras</b> - Camp. Brasileiro – Série B (2013) - Copa do Brasil (2012)	<b>Santos</b> - Campeonato Paulista (2015) - Recopa Sulamericana (2012)

- Campeonato Paulista (2013) - Mundial Interclubes (2012) - Libertadores da América (2012) - Campeonato Brasileiro (2011)	- Campeonato Brasileiro (2007) - Campeonato Brasileiro (2006) - Mundial Interclubes (2005) - Libertadores da América (2005)	- Campeonato Paulista (2008) - Camp. Brasileiro – Série B (2003) - Copa dos Campeões (2000) - Libertadores da América (1999)	- Campeonato Paulista (2012) - Libertadores da América (2011) - Campeonato Paulista (2011) - Campeonato Paulista (2007)
--	--	---	--

Tabela 2: Gabarito de resposta para a Q6 do questionário filtro

**7) De 0 a 10, o quanto você considera que acompanha o dia-a-dia do seu time (jogos, notícias, especulações, entrevistas, etc)?**

*Sendo 0 (zero) você não acompanha seu time e 10 (dez) você acompanha praticamente tudo do seu time*

0 — 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 10  
[Requisito: respostas iguais ou superiores a 5]

**8) Qual é a escalação titular do seu time hoje?**

*Considere o time titular dos últimos jogos no início das partidas (supondo que não exista nenhuma suspensão por 3º cartão amarelo) e desconsidere sua opinião pessoal sobre o time ideal (leve em conta os 11 jogadores que o treinador escalaria hoje)*

---



---



---



---

[Requisito: dizer 5 dentre os 11 jogadores titulares. Gabarito abaixo]

<b>GABARITO Q8</b>			
<b>Corinthians</b> Cássio Fagner Felipe Gil Uendel Ralf Elias Jadson Renato Augusto Malcom Vagner Love	<b>São Paulo:</b> Rogério Ceni Bruno Rodrigo Caio Lucão Reinaldo Wesley Thiago Mendes Michel Bastos P. H. Ganso Alexandre Pato Luis Fabiano	<b>Palmeiras:</b> Fernando Prass Lucas Jackson Vitor Hugo Zé Roberto Amaral Matheus Sales Robinho Dudu Rafael Marques Cristaldo	<b>Santos</b> Vanderlei Daniel Guedes David Braz Gustavo Henrique Zeca Thiago Maia Renato Marquinhos Gabriel Lucas Lima Gabigol Ricardo Oliveira

Tabela 3: Gabarito de resposta para a Q8 do questionário filtro

**9) De 0 a 10, o quanto o desempenho do seu time influencia o seu humor?**

*Sendo que 0 (zero) significa que não interfere em nada e 10 (dez) que interfere diretamente no seu humor*

0 — 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 10  
[Requisito: respostas iguais ou superiores a 5]

**10) Você pode contar uma história de derrota do seu time que te deixou triste ou irritado no dia seguinte? Por que você se sentiu assim?**

---



---



---

---

---

---

*[Requisito: ter alguma história demonstrando que a derrota altera o humor]*

**11) Qual a última vez que você foi assistir seu time no estádio?**

- a) Menos de 1 ano
- b) De 1 a 2 anos
- c) De 2 a 5 anos
- d) Mais de 5 anos
- e) Nunca fui

*[Requisito: responder alternativa A ou B]*

**12) Você lembra contra quem foi os 2 últimos jogos que você assistiu no estádio? Como foi o jogo e qual o resultado?**

---

---

---

---

---

---

---

---

*[Requisito: lembrança espontânea dos jogos citados]*

**13) Quais produtos com o escudo do seu time (oficiais ou não) você tem?**

*Pode assinalar quantas alternativas quiser.*

- a) Camisa e/ou bermuda
- b) Boné e/ou regata
- c) Artigos de decoração e/ou da casa
- d) Posters ou quadros
- e) Livros, DVDs ou filmes em geral
- f) Outros produtos. Quais? \_\_\_\_\_
- g) Não tenho nenhum produto

*[Requisito: não responder alternativa G]*

**14) Sobre os produtos acima, por que (ou quando) você os usa?  
Se não tem nenhum produto, usaria algum produto? Por que?**

---

---

---

---

---

---

---

---

*[Requisito: ter alguma justificativa para o uso do produto (de qualquer tipo, emocional ou não) e, mesmo se não tiver produto, deve ter a vontade de usar por motivações emocionais e/ou de pertencimento.]*

### **5.3. Entrevistas – Roteiro guia**

As entrevistas em profundidade visam colher projeções dos torcedores de forma livre, de forma livre e cabendo interferências do entrevistador. O roteiro guia passa por 4 abordagens de conversa: 1) papel do futebol, 2) Fator social do futebol, 3) Projeção da própria torcida, 4) Projeção das demais torcidas

#### **ROTEIRO GUIA**

##### **Aquecimento**

Deixar o entrevistado a vontade e familiarizado. Criar empatia.

- *Me conta um pouco de você. Qual o seu nome, o que faz, o que gosta.*
- *E você gosta de futebol?*
- *Que time você torce?*

##### **Abordagem 1) papel do futebol**

Avaliar fanatismo e quais papéis o futebol ocupa na vida do indivíduo.

- *O que o futebol representa na sua vida?*
- *Como seria sua vida se você não tivesse um time para torcer?*
- *Como você se descreveria como torcedor?*  
*Se fanatismo não surgir, estimule*
- *Você acha que já foi mais ou menos fanático? Em que medida?*  
*Estimular marcação temporal, alguns anos atrás, etc*
- *Você tem alguma rotina própria só para o futebol?*  
*(Caso afirmativo a anterior) Me conta mais essa rotina*
- *O que o \_\_\_\_\_ (nome do time) significa para você?*
- *O desempenho do \_\_\_\_\_ influencia o seu humor?*  
*Se alteração de humor não surgir, estimule,*
- *Quais foram suas primeiras memórias como torcedor do \_\_\_\_\_?*
- *E quais suas lembranças mais marcantes, pro bem e pro mal?*
- *Por que essas lembranças são as mais marcantes?*

##### **Abordagem 2) Fator social do futebol**

Avaliar a força e papel coletivo como inserção social do futebol

- Por que você escolheu torcer para o \_\_\_\_\_?
- Alguém tentou te convencer a torcer para outro time?  
(Caso afirmativo a anterior) E por que não escolheu esses time?
- Você acha que hoje o \_\_\_\_\_ é uma parte de você? Estimular
- E o contrário? Acha que você é parte do \_\_\_\_\_ também?
- O que faz de você um torcedor do \_\_\_\_\_?
- Se alguém tivesse que definir o que te faz um torcedor do \_\_\_\_\_, o que a pessoa falaria de você?
- Na sua opinião, o que faz alguém se tornar torcedor de verdade?
- Você costuma ir no estádio? (Estimular)
- Onde e com quem você costuma assistir aos jogos do \_\_\_\_\_?
- Você acha melhor ver o jogo sozinho ou com mais pessoas?
- Você acha que o fato de ser \_\_\_\_\_ facilita (ou já facilitou) alguma coisa na sua vida?
  - E já dificultou?
  - Você acha que é mais fácil fazer amizade com quem também é \_\_\_\_\_?
- Na sua opinião ser torcedor do \_\_\_\_\_ te aproxima ou afasta de algumas pessoas?
- Você tem alguma mandiga ou ritual? Quais?
- Você tem algum produto do seu time? Quais?
- Por que você comprou (ou ganhou) esse produto?
- Como você se sente quando usa esses produtos?
- Como você se sente quando veste a camisa (ou outro item) do \_\_\_\_\_?

### **Abordagem 3) Projeção da própria torcida**

Como o torcedor vê a si mesmo e sua própria torcida e/ou clube

- Se você precisasse contar resumidamente a história do seu time para alguém que nunca ouviu falar dele, o que você contaria?
- Na sua opinião, qual a principal característica do torcedor do \_\_\_\_\_?
- EXERCÍCIO PROJEÇÃO #1: Desenhe ou escreva como é, na sua opinião, o típico torcedor do \_\_\_\_\_. (responder somente sobre o próprio time)
- O que o torcedor do \_\_\_\_\_ tem que nenhum outro(a) tem?
- Baseado no desenho (ou descrição) que você fez, se você pudesse dizer as 3 coisas que são “a cara” do \_\_\_\_\_, quais seriam?
- EXERCÍCIO PROJEÇÃO #2: Dois torcedores do \_\_\_\_\_ se encontraram na rua, eles não se conhecem, mas sabem que torcem para o mesmo time, o que cada um pensou sobre o outro? (responder só o seu time).
- EXERCÍCIO PASSADO, PRESENTE, FUTURO: Tente desenhar numa mesma página como você vê seu passado, presente e futuro do seu time e seus torcedores (responder só o seu time).

### **Abordagem 4) Projeção das demais torcidas**

Como o torcedor projeta as demais torcidas

Executar a dupla de perguntas para todos os times, exceto para o próprio (randomizar os times)

- Na sua opinião, como é um torcedor do \_\_\_\_\_? (Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Santos, Ituano)

- Se você pudesse definir um \_\_\_\_\_ em 1 palavra, qual seria? (corinthiano, são paulino, palmeirense, santista, ituano)

- EXERCÍCIO PROJEÇÃO ALHEIA: Um torcedor do \_\_\_\_\_ e um do \_\_\_\_\_ se viram na rua, o que cada um pensou sobre o outro?

- Como você vê o futuro desses times daqui uns 10 anos?

- Estimular torcidas

- Se você pudesse dar um recado para a torcida de qualquer um desses times, que recado seria? Pode ser mais de uma, se quiser.

- Pra finalizar, como você se sente sendo torcedor do \_\_\_\_\_?

- Se tivesse que mudar alguma coisa na sua relação com o seu time ou com o futebol, o que você mudaria?

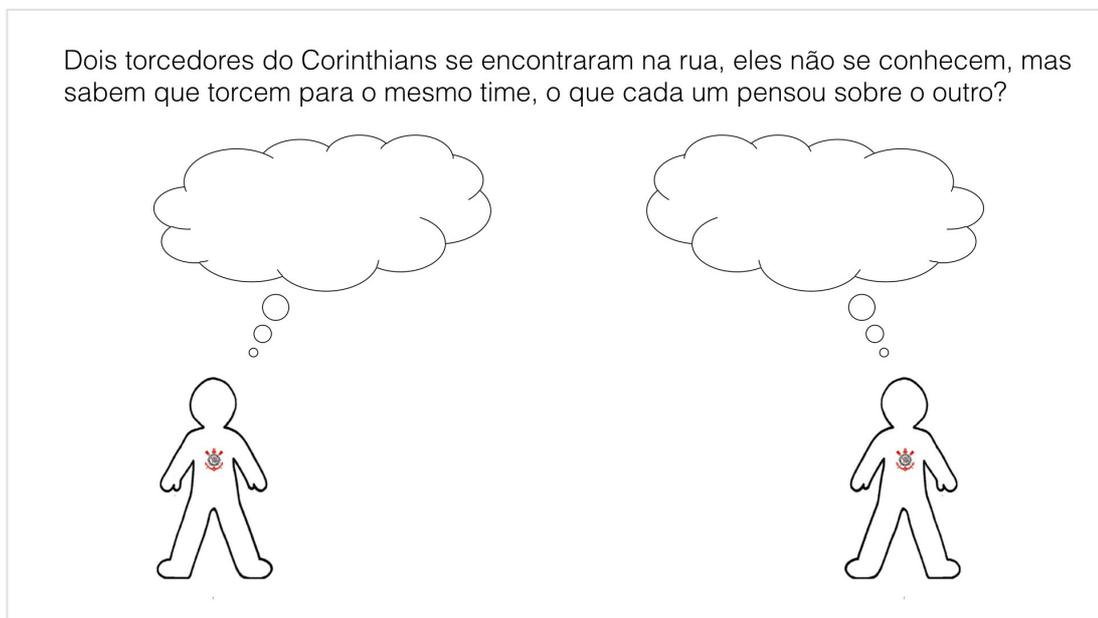
#### 5.4. Exercícios projetivos

EXERCÍCIO PROJEÇÃO #1: Desenhe ou escreva como é, na sua opinião, o típico torcedor do seu time. Imagem abaixo.

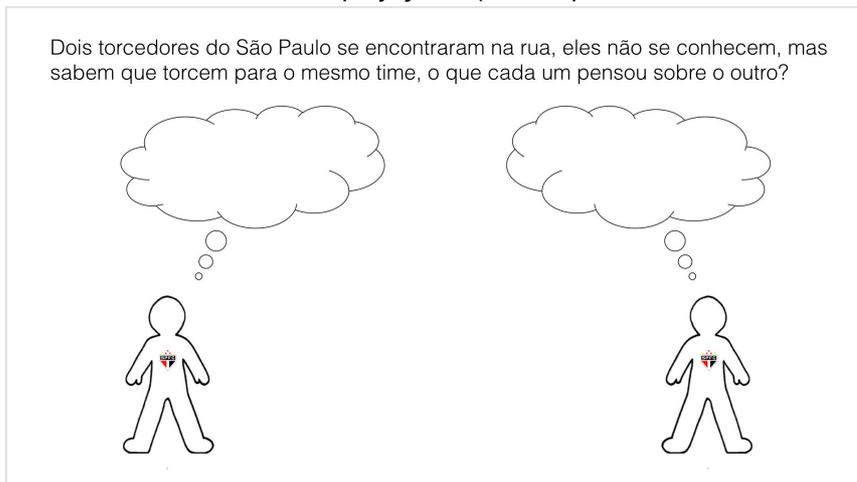
Desenhe ou escreva como é, na sua opinião, o típico torcedor do seu time

Imagem 9: Folha do exercício de projeção 1

**EXERCÍCIO PROJEÇÃO #2:** Dois torcedores do \_\_\_\_\_ se encontraram na rua, eles não se conhecem, mas sabem que torcem para o mesmo time, o que cada um pensou sobre o outro? (responder apenas sobre o seu time do respondente).



**Imagem 10:** Folha do exercício de projeção 2 (versão para torcedores do Corinthians)



**Imagem 11:** Folha do exercício de projeção 2 (versão para torcedores do São Paulo)

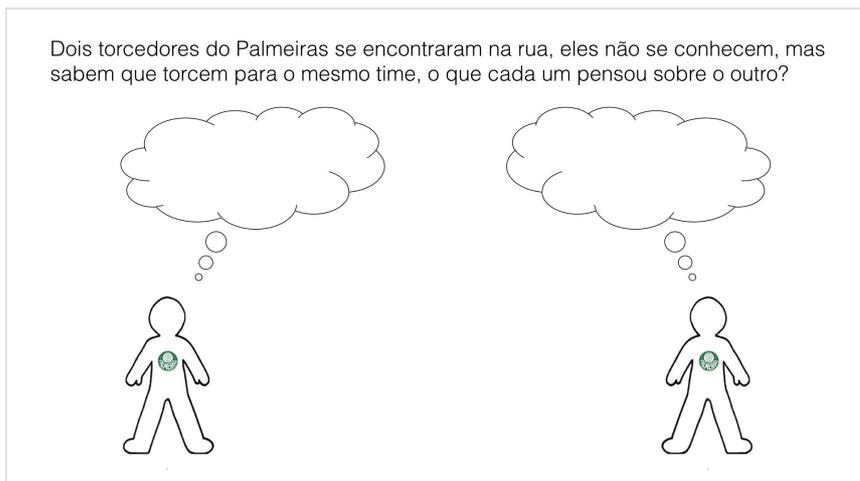


Imagem 12: Folha do exercício de projeção 2 (versão para torcedores do Palmeiras)

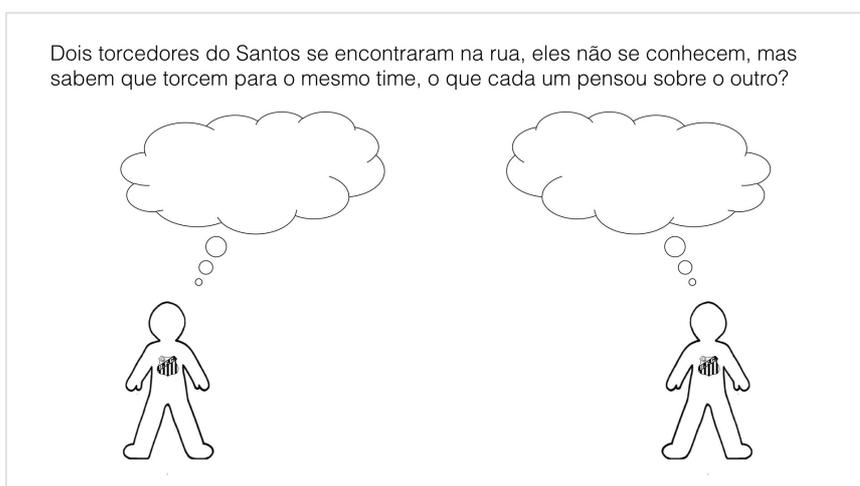


Imagem 13: Folha do exercício de projeção 2 (versão para torcedores do Santos)

**EXERCÍCIO PASSADO, PRESENTE, FUTURO:** Tente desenhar numa mesma página como você vê seu passado, presente e futuro do seu time e seus torcedores (responder só o seu time).





Imagem 17: Mosaico das folhas do exercício de projeção 4 (versão para torcedores do Palmeiras)

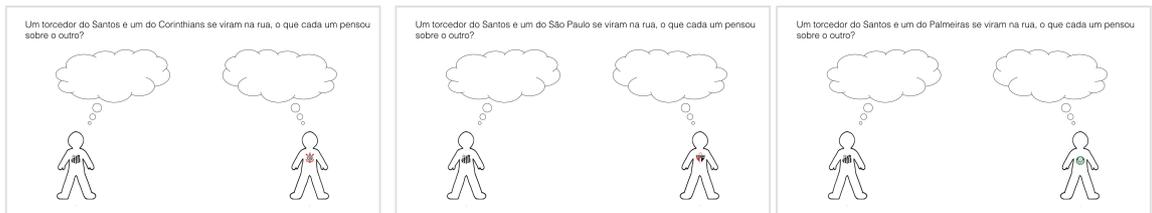


Imagem 18: Mosaico das folhas do exercício de projeção 4 (versão para torcedores do Santos)

## 5.5. Perfil da amostra

Seguindo a metodologia proposta, foram realizadas 12 entrevistas, sendo 3 por time (2 homens e 1 mulher), todos torcedores com alto envolvimento (vide filtro), a fim de buscar percepções mais genuínas e menos suscetíveis a fase do clube.

Dos 8 homens e 4 mulheres entrevistadas, a maioria era de Classe AB (um grupo minoritário da Classe C, com 3 pessoas); os respondentes tinham idade entre 26 e 33 anos (com duas exceções, 42 e 57). Importante ressaltar que a amostra de torcedores do Santos era composta por: 1 respondente residente e natural da cidade de Santos, 1 respondente residente e natural de São Paulo e 1 respondente natural de Santos mas residente em São Paulo. Os respondentes dos demais times eram todos residentes na Grande São Paulo (8 na capital, 1 em São Bernardo do Campo).

## **6. RESULTADOS**

### **6.1. Percepções gerais**

De modo geral, como o filtro selecionava apenas torcedores aficionados por seus clubes, as relações estabelecidas com os mesmos e com o futebol foram muito parecidas. Não foi notada diferenças entre o papel do futebol, do clube e social na vida dos torcedores.

Todos estabelecem relações de consumo, comprando camisas e outros itens, como forma de ratificar sua presença em seus Campos Sociais. A sensação de pertencimento também é a mesma entre os torcedores.

Outro fator comum é que todos os torcedores declararam que já foram mais aficionados por seus clubes em algum momento (por mais que ainda sejam altamente envolvidos), são dois fatores que levaram a essa frenagem no envolvimento (declarado): 1) Futebol como negócio: a clareza de que o futebol é um negócio, que os laços estabelecidos com os jogadores são comerciais e outros aspectos comerciais (como má gestão, corrupção, etc) faz com que o torcedor diminua seu envolvimento; 2) Maturidade: a medida que envelhecem os torcedores declaram diminuir a prioridade dada ao futebol e/ou aos seus clubes, itens como trabalho, família e contenção de despesas são lembradas.

Ademais, não existiu nenhuma diferença de percepção e projeção entre homens e mulheres. São praticamente idênticas. Talvez a única diferença é que, por ser ainda um ambiente muito machista, no início do seu processo de decisão para um clube do coração, os familiares parecem estar menos engajados a tornar as meninas em torcedoras. No entanto, foi uma sensação do observador e, como não era o objeto de estudo desse trabalho, é preciso investigar um pouco tal sensação para inferir conclusões (mesmo que de forma qualitativa).

### **6.2. Corinthians – Projeção própria**

Por ser a maior torcida do estado e a 2ª maior do Brasil, é impossível falar da torcida do Corinthians sem falar de seu caráter popular. Aliás, essa talvez seja a análise e a hipótese inicial de qualquer pesquisador nesse tema.

Nesse caso, não foi diferente. Uma das características marcantes dessa torcida (na projeção de seu próprio torcedor), sem dúvida, é sua característica popular e de massa. Óbvio que, falando de grupos sociais, tal característica é intrínseca, mas nesse grupo é mais forte e frequente. “Não é de um clube, o Corinthians é o time do povo” (Rafael, 27) e o “o corinthiano é meio do povo, ‘é nós’”. Vou até colocar aqui ‘time do povo” (Larissa, 29).

Quando eu era criança, ninguém queria torcer pro Corinthians, meu pai era dono de bar e não torcia pra nenhum time, e no bar só tinha os ‘pingaiada’ que torcia pro Corinthians, os desdentados, os pobres. E, como eu trabalhava no bar, esses caras que me fizeram escolher o Corinthians (Sergio, 57).

Em uma das projetivas, abaixo, podemos notar que a percepção de um corinthiano para o outro é de “esse cara é humilde, gente boa”. Além da empatia natural (“gente boa”) a valorização do “humilde” é perceptível.

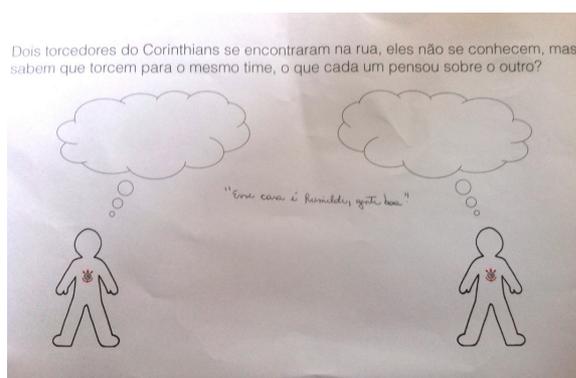


Imagem 19: Projativa da percepção de um corinthiano em relação a outro - Humilde

Durante as entrevistas, por mais que ninguém verbalizasse literalmente, o residual que ficava é que o corinthiano vê sua torcida (pelo menos em sua gênese) como formada pelos “rejeitados” socialmente. Um dos entrevistados chegou a mencionar que o maior crescimento da torcida se deu no período em que o time amargou um longo jejum de títulos (como veremos a seguir), mas nesse mesmo período (anos 60-70) ocorreu um intenso fluxo migratório do nordeste para a cidade

de São Paulo. Esses nordestinos erradicados em São Paulo e, teoricamente, sem um time que os representasse, escolheram o Corinthians por ser o com maior identidade das classes populares.

Se, de fato, tal torcida foi aquela que abrigou os “renegados” não cabia a esse estudo avaliar (não nesse momento, pelo menos). No entanto, é digno de destaque que esse foi o único clube em que nenhum dos entrevistados escolheu o time por influência do pai que, segundo Wisnik (2008), é o maior influenciador da escolha de um time. Dos entrevistados, sua famílias não eram tradicionalmente corinthianas, eram heterogêneas ou sem clube.

Não lembro exatamente quando virei corinthiano, mas parece que já nasci corinthiano, porque você fica doente pelo clube, você fica diferente mesmo. A paixão que o meu irmão tem, que o meu pai tem pelos clubes deles é totalmente diferente. (Rafael, 27)

Em alguns casos a escolha do clube passa pelo que Wisnik (2008) define como a “afirmação através da negação da afirmação” (quando o torcedor se afirma negando um modelo conhecido de torcedor).

O meu pai sempre me levava no estádio para assistir o Palmeiras, ele me comprava uniforme, e eu não queria usar (...), eu falava ‘não, eu não quero’. Porque quando eu ia ver os jogos do Corinthians com o meu avô, eu era bem pequenininha, eu achava mais animado, a energia, a torcida cantava mais, e eu adorava ficar cantando lá no meio (Larissa, 29)

No entanto, há outras características marcantes na torcida corinthiana e podem figurar como sua identidade coletiva. O envolvimento emocional que tem com o clube é uma delas. Ora chamado de “paixão”, ora chamado de “fanatismo”, são declarações muito frequentes e espontâneas nesses torcedores, os quais declaram **emocionalmente muito envolvidos e entregues ao time, onde vida pessoal e vida clubística se misturam**. “No geral, ele (torcedor) coloca o Corinthians na frente de várias coisas da vida, coloca o Corinthians na frente de tudo”. (Rafael, 27)

Eu sou apaixonada pelo time.(...). Eu não tenho filho, mas deve ser essa sensação. O filho faz uma coisa e você fica toda orgulhosa. Eu sinto isso (...). Eu defendo com unhas e dentes. (Larissa, 29)

Segundo os próprios torcedores, outra característica muito marcante dos mesmos é que, por esse fator “apaixonado” pelo clube, faz com que os mesmos reconheçam que não conseguem ter uma discussão com amigos de outros clubes de forma imparcial. De certa forma, esse envolvimento o cega. E, como veremos no subcapítulo a seguir, os torcedores dos demais times vê o corinthiano exatamente assim: difícil de ter uma conversa de futebol.

O Corinthians pra mim (...) é meio, religião. É meio que um negócio intocável dentro do futebol, que a gente gosta de discutir, que eu falo de um jeito e não entendo as pessoas que me contrariam (...). Todos os dias eu tento me munir mais de argumentos para tornar o Corinthians intangível aos outros. (Rafael, 27)

A identidade coletiva do Corinthians, todavia, não está nas características acima levantadas. Há dois fatores que, segundo os torcedores, mais os diferenciam: “ser fiel” ao clube e o “sofrimento” envolvido.

Ao chamado “sofrimento” a que os corinthianos se referiram como fator diferenciador de sua torcida, se relaciona com o fator do alto envolvimento emocional (o que gera sofrimento em algumas situações), assim como os resultados do time sempre ser conseguido de forma “sofrida”.

Além disso, há outros fatores que influenciam essa percepção de que “sofrimento” está ligado a personalidade do Corinthians, a maioria deles devido a experiências de frustração com o time, como: os 23 anos sem vencer títulos (entre 1953 e 1977), o rebaixamento para a série B do campeonato brasileiro (2007) e a, então, sina por ser o único clube paulista a nunca ter conquistado a Copa Libertadores da América (conquistada em 2012).

A galera chorando, você via que aquilo fazia parte de um objetivo de vida de quase todo mundo que estava naquele estádio. Era um sofrimento na hora que entrou no estádio e depois um alívio absurdo (...). Toda essa carga super emocional, de sofrimento, que é difícil, nada é fácil, é sempre aos 48 do segundo tempo, acho que mostra isso. (Larissa, 29)

Lembro que quando era pequeno o Corinthians ficou décadas sem ganhar, mais de 20 anos. Eu nunca tinha visto o Corinthians ser campeão, aquilo era sofrido, eu ouvia de todos 'já viu seu time ser campeão?'. Mas ser corinthiano era isso. (Sergio, 57).

No que tange o “ser fiel” o torcedor se refere ao comportamento da torcida, que apoia e acompanha o time em qualquer situação, não sendo volátil com a performance do time ou, eventualmente, a uma campanha ou momento de frustração. É como a afirmação através da persistência.

Eu acho que o torcedor do Corinthians é fiel. O que ele tem, que os outros não têm é que ele vai gostar do Corinthians, o Corinthians estando mal, bem, vai falar e vai comentar e vai viver do Corinthians (Rafael, 27).

Meu filho era pequeno e me perguntou chorando 'por que o Corinthians só perde e o Palmeiras só ganha?'. Porque é isso que faz da gente corinthiano: perder e continuar. (Sergio, 57).

Não por coincidência, os dois filmes sobre o Corinthians de maior bilheteria retratam esses dois universos. “Fiel – O filme” (PASQUINI, 2009) que, sob a perspectiva da torcida, conta a experiência do clube jogando a segunda divisão do campeonato brasileiro. Já no “23 anos em 7 segundos – O fim do jejum corinthiano” (MORETTI, 2009), como o nome indica, é sobre as duas décadas que o time ficou sem títulos e, mesmo assim, a torcida continuou crescendo e se entregando de corpo e alma ao time (segundo a narrativa cinematográfica).

Ambos os filmes são sobre a catarse corinthiana após tais períodos de tamanho sofrimento e superação. Do ponto de vista Aristotélico (*apud* FREIRE, 1982), a catarse nada mais é que purificação das almas (torcedores) por meio de uma descarga emocional provocada por um drama (o jejum, o rebaixamento, etc).



Imagem 20: Dois filmes sobre o Corinthians de maior sucesso – catarse coletiva

É da cultura popular que, **sofrer pelo Corinthians está intrínseco a torcer pelo Corinthians**, o que fora ratificado e intensificado (de forma midiática) durante tais períodos de percalços. O jornalista Rodolfo Borges discorre um pouco sobre essa possível personalidade e inclinação masoquista da torcida:

No Corinthians, a crise não é uma oportunidade para crescer; ela é o próprio crescimento. Não tenho certeza se isto está relacionado à vocação masoquista de todo corinthiano, a essa necessidade que ele tem de sofrer pelo time, mas é preciso reconhecer que a perversão veio bem a calhar. (...) O Corinthians precisa da derrota para se manter, ou melhor: a derrota está para um corinthiano assim como a vitória está para qualquer outro torcedor. (BORGES, R; 2008 in site OS GERALDINOS)

Podemos concluir, portanto, que **a identidade coletiva da torcida do Corinthians remete a signos do sofrimento e da entrega** (emocional e de esforço), que só existem porque esse torcedor está intimamente ligado ao clube e também se considera fiel a ele, seja porque se projeta nesse ideal do “time do povo” e sente incluso nesse Campo Social, seja por espelhamento social (copiando outros torcedores, vide as regras intrínsecas desse Campo Social), seja porque tem efetivamente um envolvimento maior com o time por motivos diversos.

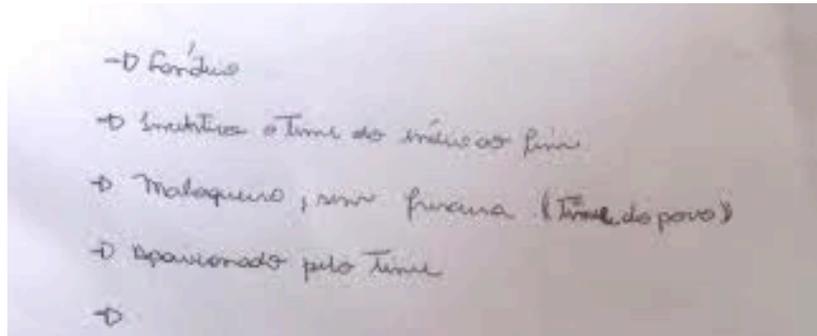


Imagem 21: Projetiva sobre o torcedor corinthiano – fanático, intenso e apaixonado

**O Troféu Social desse grupo é sentir-se representado dentro de campo, como o “time do povo”, como ambiente democrático e tolerante.** Mais do que ganhar, o importante é estar junto, porque é fortalece o Campo Social, o que explica um pouco que o “sofrimento” e a “entrega” estejam enraizados na identidade.

### 6.3. Corinthians – Projeção rivais

No que tange as demais torcidas, há dois atributos que se destacam na projeção da imagem do corinthiano, ambos co-relacionados com projeção própria.

O primeiro deles é a percepção de que o corinthiano é muito “fanático” e “doente” pelo time ratificando toda o campo de significado sobre “entrega emocional” e “paixão” como projetado na identidade coletiva projetada pelos próprios corinthianos.

O torcedor do Corinthians é o mais chato. É o mais chato e é o mais louco também. É um torcedor louco mesmo pelo clube, fanático, acompanha, que sofre mesmo, que está lá junto. É um torcedor chato, muito chato, mas eu acho bonito de ver o amor que eles sentem pelo clube (Iris, 26 – são paulina).

No entanto, esse fanatismo também ganha novos significados para os rivais, remetendo a questões negativas, como um certo “exagero” na tal paixão declarada,

a ponto de fazer com que os mesmos se tornem um pouco cegos. É comum ouvir declarações de rivais de que não conseguem discutir com corinthianos sobre futebol, uma vez que são muito “melodramáticos”, “cegos” e “intolerantes”.

O torcedor do Corinthians é muito icônico para o bem e para o mal. Para o bem porque você é um cara apaixonado e conseqüentemente sempre parcial. Eu conheço poucos corinthianos que conseguem discutir sobre futebol de forma imparcial. Eu acho que é um cara muito apaixonado, e isso faz com que ele não consiga ver a realidade. (Marcelo, 31 – são paulino)

Primeira palavra que vem, para mim, é chato. Porque eles não sabem, a maioria não sabe discutir futebol com sensatez. E eles levam a conversa de futebol puxando para o time deles, para levar vantagem (Marcos, 42 – palmeirense).

Outra percepção que se destaca é a de que a identidade corinthiana está relacionada as camadas mais pobres da população, carinhosamente chamados de “maloqueiros”. Interessante notar que, enquanto para a torcida do Corinthians ser provindo das camadas humildes e dos renegados socialmente é algo celebrado, para as demais torcidas se destaca o fator pejorativa desse (possível) fato.

Tem uma coisa do corinthiano ser mais o cara da classe social (baixa), o mano, o malandrão, o ladrão, tem um estereótipo que está mis ligado à classe social, não tem jeito (Gabriela, 30 – palmeirense).

Não passa ileso a percepção de “exagero”, “auto-referência” e, até, um pouco de inconsistência entre ser o “time do povo” e o fato de que alguns torcedores não se encaixarem nesse perfil e/ou estereótipo.

É uma masturbação sobre ele mesmo. É chato. “Vai, Corinthians!”. Eu não gosto dessas coisas, dessa afirmação pela torcida, e não pelo futebol do clube, é mala, é chato para caralho. E sei lá, tem aquele corinthiano que não é maloqueiro, mas gosta de dar uma de maloqueiro, é o pior tipo de torcedor corinthiano, que fala “aqui é Corinthians, mano”. Umas merdas assim. “Festa na favela”, esse tipo de coisa, mala para caralho. Corinthiano é mala, é encardido (Leandro, 27 – santista)

É digno de destaque que, com uma variação de interpretação (positiva para os corinthainos e pejorativa para os rivais), a personalidade coletiva da “entrega” e “sofrimento” são consistentes, assim como o Troféu Social e objeto de luta do clã em ser o “time do povo” e que representa as massas.

#### 6.4. São Paulo – Projeção própria

Importante ressaltar que, como o futebol é um esporte e que seus torcedores se projetam no time (como vimos nos capítulos anteriores) para qualquer clube/torcedor ganhar títulos é importante, além de representar conquistas, extravasar a vitória em diferenciação aos demais Campos Sociais, também oxigena a paixão e alimenta uma nova geração de torcedores. Eu repito: para qualquer clube (observado nesse estudo) títulos é importante, será sempre o Troféu Social dos clãs (ora com mais peso, ora com menos).

No entanto, para o torcedor são paulino, os títulos do clube, sobretudo do passado recente tem peso muito grande.



Imagem 22: Representação do São Paulo por meio dos 3 títulos mundiais (Iris, 26)

A história do clube (segundo os torcedores), em muitos momentos, se resumem unicamente aos títulos conquistados e todas as relações adjacentes a isso. Inclusive, como podemos ver na imagem abaixo na projetiva sobre o clube, sendo representado através de seus 3 títulos mundiais.

O são-paulino sempre esteve acostumado a grandes títulos. Querendo ou não, o São Paulo está longe do centenário ainda e é o que tem mais títulos

importantes. Tem três mundiais, seis brasileiros, três Libertadores, (...) é muita diferença dos outros times (Iris, 26)

Obviamente, outros aspectos - intrínsecos ao futebol - também são verbalizados e demonstram a relação do são paulino com seu time, como: a sensação de pertencimento, a escolha do clube por influência paterna, a lembrança afetiva, etc. Mas não é incomum que os discursos sobre esses aspectos se misturem a declarações do passado vitorioso do clube, possivelmente porque foi esta a relação construída de forma mais frequente na memória deste torcedor

Os momentos mais intensos com meu pai eram quando eu assistia um jogo do São Paulo. E o que mantém é o esporte mesmo, a paixão pelo clube e pelo histórico, por ter sido um time campeão, já foi mais campeão, e pela relação com o meu pai. (Marcelo, 31)

Socialmente, esse aspecto vitorioso do São Paulo e, por consequência de seu torcedor acaba por diferenciá-los dos demais grupos. O que o torna especial e seu Campo Social único.

Podemos ver, portanto, que **para o torcedor são paulino seu Troféu Social são os títulos do clube, tanto os já conquistados como almejar os próximos.**

Observando os dois filmes de maior bilheteria do clube, “Soberano – Seis Vezes São Paulo” (NADER, 2010) e “Soberano 2 – A heroica conquista do mundial de 2005” (NADER, 2012) fica ainda mais fácil observar esse papel definidor da identidade coletiva por meio das conquistas.



### Imagem 23: Filmes do São Paulo de maior sucesso - Títulos

O primeiro deles conta sobre a história dos 6 títulos brasileiros do clube, sendo os últimos 3 conseguidos de forma consecutiva (2006, 2007 e 2008), fazendo do São Paulo – até então – o único Hexacampeão brasileiro. O segundo Soberano, apesar de publicação posterior, conta uma história anterior, a da conquista do campeonato mundial de 2005 (o 3º do clube), o colocando – na época – no hall dos clubes com maior quantidade de títulos mundiais (junto com Milan-ITA, Real Madrid-ESP, Boca Juniors-ARG, Peñarol-URU, Nacional –URU).

Esse caráter vitorioso do clube faz com que o torcedor se projete com isso, tratando como suas próprias conquistas, e o diferenciando completamente dos outros. Fato que é mencionado pelos torcedores como “argumento definitivo” ou “super trunfo” durante uma discussão sobre futebol.

O que o são-paulino curte mais é a história do time, é o tri mundial, são os seis brasileiros, porque querendo ou não, o são-paulino pode estar em uma draga, mas ainda tem discussão em uma mesa de bar. (...) Tem mais títulos mesmo, títulos importantes. Então, em uma mesa de bar, pode zoar o que for, a gente ganha ainda. (...) É uma carta que a gente tem na manga. (Iris, 26)

A principal característica do torcedor do São Paulo é esse jeito insuportável de, em uma discussão, falar sempre dos nossos títulos (...). É ter esse tri mundial, esses seis brasileiros, essas três Libertadores, etc. É isso mesmo. Você entra em qualquer discussão e o são-paulino vai te encher o saco com isso. (Iris, 26)

No entanto, podemos notar que o próprio torcedor se reconhece dessa forma e questiona sua ligação e o modo de torcer pelo time. Podemos notar que o papel social do futebol é mais enfraquecido nesse grupo, sendo que alguns até classificam a relação como “egoísta”.

O São Paulo é o time mais vitorioso do Brasil. Então fez com que o torcedor tivesse um pouco essa soberba de ganhar as coisas. É orgulho por ter um time foda. O que faz que seja uma relação um pouco individual. O time tem

que ganhar para satisfazer esse desejo do de conquista do torcedor. É egoísta. (Renato, 33).

O passado vitorioso do clube, seguido da não continuidade da série de conquistas consecutivas faz com que, hoje, o torcedor classifique o são paulino como “mal acostumado”, o que o leva a ser muito suscetível a fase do clube.

O típico torcedor são-paulino é um torcedor que deve, eu tenho essa sensação. O torcedor são-paulino foi muito mal acostumado, principalmente os que hoje têm a minha idade, que gozaram das conquistas internacionais e daquela época, ficaram acostumados. E hoje, de uma época para cá, pelo São Paulo não estar tendo esse êxito, eu acho que o torcedor só vai acompanhar e só torce visceralmente quando está bem. (Marcelo, 31).

Na imagem abaixo, podemos ver como o torcedor se descreve, sendo acostumado com vitórias e, por isso, apoia muito nos momentos bacanas e pouco presente em momentos menos felizes.

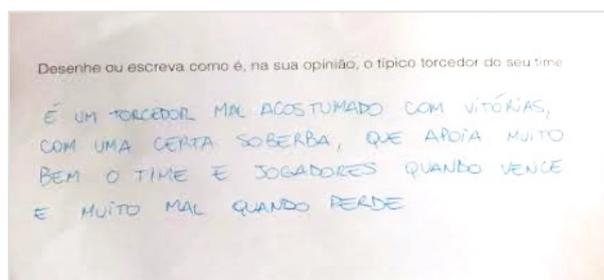


Imagem 24: Descrição do torcedor do São Paulo e suscetibilidade (Renato, 33)

**Como o Troféu Social são títulos e conquistas, quando isso não é conseguido, a relação de torcer perde um pouco o sentido e se esvai.**

O são-paulino, querendo ou não, está acostumado a grandes títulos, a ser grande. E o São Paulo, não. O último título do São Paulo foi em 2012 (...). É muito complicado para um são-paulino, então eles não sabem lidar com essa situação. (Iris, 26)

Eu acho que a gente deveria ter uma relação mais genuína, independente do momento, você não pode abandonar o time no meio do segundo tempo,

e eu fiz isso no domingo (...). Eu acho que os torcedores do São Paulo devem um pouco para o clube. (Marcelo, 31)

Ou seja, o mesmo fator que trouxe identificação e força para a torcida, talvez tenha se tornado uma relação demasiadamente dependente, mas é importante destacar que o Troféu Social do São Paulo é o mais marcante e o sólido de todos os outros times.

### **6.5. São Paulo – Projeção rivais**

Na projeção dos rivais, fica a sensação de admiração ao São Paulo pela coleção de conquistas que tem, nunca de forma declarada e, às vezes, até negado externamente. No entanto, é uma admiração do legado construído através de suas conquistas, e não no modelo narrativo e de identidade para com o clube.

Dois atributos se destacam na percepção dos rivais, um é de “soberbo”, outro de “modinha” (usando os termos usados pelos entrevistados).

Para “soberbo”, interpreta-se o lado “prepotente” vindo após a série de conquistas (sobretudo das últimas 2 décadas), a qual fez com que o São Paulo usasse tais títulos como seu super trunfo discursivo e se intitulasse o melhor time do Brasil, internamente e perante o futebol internacional.

Eu acho que o torcedor do São Paulo é um pouco arrogante. Todo torcedor tem, mas o que eu imagino é que ele é um torcedor arrogante, porque sempre foi um clube rico, que talvez efetivamente era melhor do que os outros, e aí o torcedor acabou incorporando esse discurso meio de elite mala (Leandro, 27 – santista).

Já o chamado “modinha” se refere ao fato de – na percepção coletiva – a torcida do São Paulo não está presente para apoiar o time, principalmente em períodos menos gloriosos do time.

Se o São Paulo não está disputando nada, eles não estão nem aí com o time, eles ficam em casa assistindo, não vão lá apoiar o time (Fernanda, 27 – santista)

Eu não vejo o são-paulino encher o estádio quando não está jogando bem, apoiando em todos os momentos, é aquele torcedor que apóia quando ganha. Quando ganha está ali, quando ganha, eu torço, se não ganha, está tudo certo. (Larissa, 29 – corinthiana)

Assim como na projeção do Corinthians, que já vimos, na do São Paulo é digno de destaque também que há uma grande coerência entre a identidade coletiva e os Troféus Sociais de seu torcedor e a projeção dos mesmos para seus rivais e, da mesma, forma há diferenças de interpretação para tais atributos. Enquanto para o são paulino sua identidade é “gloriosa” e “vencedora”, para os demais isso é “soberba” e “arrogância”.

Destaca-se também que, no caso do São Paulo, foi um dos poucos clubes a ter seu torcedor bem definido enquanto personalização, sendo este um homem, branco e elitizado.

## **6.6. Palmeiras - Projeção própria**

Diferentemente das hipóteses iniciais, a principal e mais marcante característica do torcedor do Palmeiras não é a herança e identidade italiana, a esta cabe papel secundário.

A projeção própria do palmeirense - e tudo que cerca seu campo social - gira em torno de signos de “família”, de forma literal e também ampliada. Esta sim, pode ser considerada a principal característica desse clã. Todo o envolvimento deste torcedor, desde a escolha do clube até no modo de torcer é notório a participação efetiva do núcleo familiar.

O Palmeiras para mim é um pouco dessa relação com o meu pai, com a minha família, e um pouco de tradição, eu não sei se de Itália, mas eu gosto dos valores do clube, eu acho que o Palmeiras é um time que me representa como valores, sabe? (Gabriela, 30)

A escolha do clube, portanto, passa pelo que Wisnik (2008) definiu como a “afirmação através do eu” (quando o torcedor se afirma ratificando um modelo de torcedor, normalmente na figura do pai). Esse tipo de afirmação é comum a outros times, é verdade, no entanto, a ratificação e perpetuação da time do pai é mais fortes e recorrente nesse grupo. É comum ouvir histórias de palmeirenses cujos pais eram palmeirenses, assim como tios, primos, cunhados e até a terceira geração, com avôs e avós.

Isso aí já veio de família. Como eu disse, todas as pessoas da casa eram palmeirenses, meu avô, minha avó, das duas famílias, era uma coisa de pai e mãe. Era uma coisa natural. Foi um negócio tão natural, que eu nem pensei `porque não torcer' (Marcos, 42)

Na imagem abaixo podemos notar uma das projetivas do “típico torcedor do palmeiras”. O cenário é um almoço de família, aos domingos, em uma mesa numerosa e contendo familiares de todas as idades, homens e mulheres.

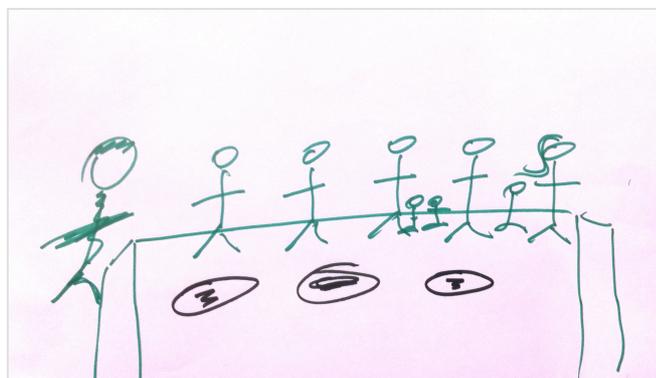


Imagem 25: Representação do Palmeiras e sua essência familiar (Gabriela, 30)

É digno de ressalva, também, que a torcida do Palmeiras é a que parece mais inclusiva quanto a presença feminina, tanto nas projeções de torcedor como nas descrições (por mais que, no geral, o universo futebolístico e de torcidas ainda seja muito machista). Na mesma imagem projetiva, a refeição é a macarronada denotando a descendência e herança italiana presente (como veremos a seguir).

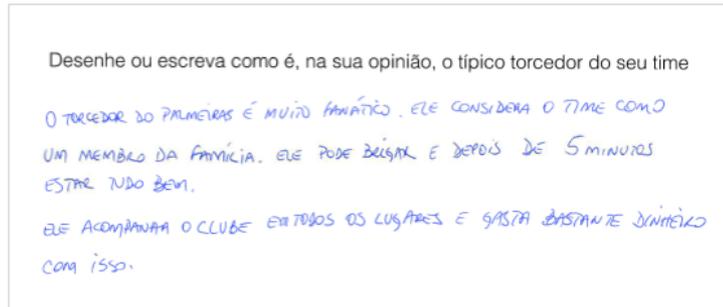


Imagem 26: Descrição da "família" palmeirense (Marcos, 42)

O significado dessa "família" ganha significado ampliado também, sendo usado para se referir a própria torcida ou a fidelidade ao time mesmo em fases ruins.

Só quem é da sua família sabe o que é almoçar no domingo, ali com seu pai, com seu vô, com sua vó, o que acontece, então só palmeirense sabe o que é entrar no Parque Antártica ali, no Palestra Itália, sentir aquilo e assistir um jogo junto. Então é essa grande sensação em torno do 'Palmeira' que é a causa e o motivo disso tudo." (Pedro, 26).

A gente associa muito o time à nossa família. O Palmeiras é uma grande família, e, ainda por cima é italiana, e a gente sabe como é, a gente briga direto, está sempre unido brigando, discutindo e se amando. É uma relação de amor e ódio igualzinho uma legítima família italiana." (Marcos, 42)

No entanto, por mais que as representações italianas estejam presentes de forma secundária, não podemos ignorá-las. Importante ressaltar que, os valores e a herança italiana (não apenas na torcida do Palmeiras, mas como um todo), são ligações sociais já enfraquecidas (visto a miscigenação e o tempo decorrido do processo de imigração). A "família", portanto, passa a ser uma leitura mais atual dos traços italianos, uma forma de manter o legado e a história, mas sem ser excludente.

E eu acho que tem uma coisa da comunidade italiana, que só o Palmeiras tem, de ter uma ligação com um país, com imigração, com valores dessa comunidade, pra mim tem esse pilar forte também de uma nação, de uma imigração que eu acho que os outros clubes não têm. (Gabriela, 30)

**Para o torcedor palmeirense, portanto, seu Troféu Social (segundo a definição de Bourdieu) é a manutenção da sua história e tradição, a qual pode ser**

obtida através de novos títulos do clube (intra-jogo), ou pela ratificação do pertencimento a este Campo Social (extra-jogo).

Eu acho que a tradição do Palmeiras é mais forte que a de qualquer outra torcida. (...). É uma tradição italiana, é descendente de italiano e os italianos são muito fortes. Italiano é uma coisa muito tradicional, de família. Você tem isso de família e tradição e isso foi levado pelos torcedores, e acho que isso é o que tem de maior. (Pedro, 26)

Podemos ver esse Troféu Social personificado e presente nos dois filmes sobre o clube com as maiores bilheterias, “Primeiro Tempo” (ZAGALLO, 2011) e “12 de junho de 1993 – O dia da paixão palmeirense” (BETING, 2014). Ambos retratam a perpetuação do legado do clube.



Imagem 27: Filmes do Palmeiras de maior sucesso - Renovação do Legado

O primeiro de forma mais literal, trazendo a história do clube e seus principais acontecimentos. Já o segundo, sobre a conquista do campeonato paulista sobre o maior rival e depois de 16 anos sem títulos, tem como residual o desejo de renovação e catarse da torcida palmeirense, iniciando uma série vitoriosa de títulos (e legado) na década de 90, que trouxe uma nova geração de torcedores.

Ou seja, para o palmeirense seus valores familiares (vindos da cultura italiana) e a tradição do clube é o que o diferencia de todos os demais, sendo a

manutenção desse Troféu Social (renovando as gerações com a influencia dos novos títulos ou apenas mantendo a tradição) o objeto de luta desse Campo Social. Torcer pelo Palmeiras é torcer por sua herança familiar.

### **6.7. Palmeiras - Projeção rivais**

A projeção dos rivais para o Palmeiras, dentre todos os times pesquisados, é a mais esvaziada de significado. Os rivais lembram, é claro, da origem italiana do time, assim como dos seus torcedores descendentes (ou simpatizantes) italianos. No entanto, por mais que esteja presente, essa história de origem italiana, assim como a personalidade coletiva da “família” não é vista como uma personalidade.

O torcedor do palmeiras para mim tem uma identidade meio indefinida, na verdade. Eu não consigo pensar. Eu tenho alguns amigos palmeirenses, mas não consigo definir uma identidade entre eles, um jeito de torcer pelo Palmeiras. Tem uns poucos caras que são muito fanáticos, tipo torcedor do Juventus fanático, um negócio meio sem explicação, e tem uma galera um pouco mais equilibrada, não liga muito. Eu não consigo ter uma característica que eu acho que unifica essas pessoas que eu conheço (Renato, 33 – são paulino)

Segundo os rivais, tal fato pode ser explicado pela ausência de títulos relevantes nas últimas 2 décadas (além de 2 rebaixamentos), o que fez com que o time perdesse a relevância e a rivalidade para com eles, tanto do ponto de vista esportivo como também do discursivo.

Todavia, o atributo de “tradição” e o de torcedor “fanático” são recorrentes e presentes nas projeções e descrições, demonstrando que – talvez – o torcedor palmeirense esteja apenas adormecido do ponto de vista de identidade.

A torcida que corneta o tempo todo, mas também é uma torcida que é apaixonada. Eu já fui em vários jogos no Palestra com meu pai e eu vejo que eles também são bastante apaixonados, assim como a torcida do Corinthians (Fernanda, 27 – santista).

Eu acho legal a tradição do Palmeiras, essa questão da origem do Palmeiras. Eu gosto disso. Eu acho que hoje em dia é um coitado, que tá na merda. Mas é um time que tem um quê de origem muito interessante, um torcedor que valoriza sua origem (Leandro, 27 – santista).

É preciso estudar com mais profundidade, misturando dados históricos, antropológicos e sociais, se a notável falta de identidade palmeirense perante os rivais é passageiro ou um indicativo de algo estrutural. Ademais, tal ausência de identidade externa pode ser interpretada de maneira positiva ou negativa, uma vez que do ponto de vista discursivo existe a oportunidade de construção de imagem.

#### 6.8. Santos – Projeção própria

Mesmo sendo a 4ª maior torcida do estado de São Paulo, e a 10ª maior do Brasil, os torcedores do Santos reconhecem e categorizam seu time espontaneamente como um time regional. Algo um pouco separado dos outros 3 grandes times do estado, a rivalidade se dá na essência por jogos e disputa de campeonatos, mas não há proximidade que justifique outras ligações. A torcida projeta o time do Santos como um time da cidade de Santos, onde também é muito mais fácil torcer para ele (visto a legitimação diária do Campo Social).

Aqui todo mundo torce para o Santos, a minha mãe torce para o Santos, a família da minha mãe torce para o Santos, e eu fui com a família. No dia do jogo do Santos eu comecei a ver (...) e falei 'pó, deve ser legal torcer para o Santos' (Fernanda, 27)

Em Santos é fácil ser santista. É mais fácil ser santista em Santos. Meus sobrinhos são santistas em São Paulo e (...) eles ficam meio assim, de ser são-paulino ou não, de ser palmeirense ou não, para eles é mais (difícil), mas para a gente não. (Leandro, 27)

No entanto, esse caráter regional não faz do time menor na projeção dos seu torcedores, pelo contrário, aliás. **O fato do Santos não ser um time da capital faz com que ele se diferencie claramente dos demais** e, algumas vezes, isso faz com

que a escolha pelo Santos não seja óbvia. **Uma escolha que é valorizada por ser a contra-tendência.**

O Santos tem um pouco disso, de gostar de ser a “zebra” nacional. Porque é uma zebra, se você parar para pensar na lógica, ele é uma zebra. É um time que não é de capital, mas tem uma história muito foda. Se você pensar que aquele estadiozico, que é a Vila, é tão icônico, porque ver o jogo na Vila é muito legal (Leandro, 27)

No meu contexto, torcer para o Santos, já é algo diferente. Nos maiores meios que eu ando, quando eu vim para São Paulo, eu sou a minoria absoluta. Na prática, é verdade. E quando você se mostra que além de santista, é santista de verdade, você meio que gera respeito. (Davi, 32)

Sendo o Santos, em algumas oportunidades, classificado como uma “zebra” no cenário nacional (por ser de uma cidade menor e com menor volume financeiro, mais uma torcida menor) sua história vitoriosa é ainda mais valorizada. Uma sensação de “Davi vs. Golias”, onde o aporte financeiro e de massa dos clubes da capital são Golias e, mesmo assim, o Santos consegue se superar e estar no mesmo patamar deles praticamente durante toda a história.

O que é legal do Santos (...) é a tradição. Isso é legal. (...). Você tem jogadores históricos, tem momentos legais, um time que não é da capital. No Brasil, um time que não é de capital e tem uma puta história gigantesca. (Leandro, 27)

Aliás, história é o que não falta nas descrições sobre o Santos. Há diversos elementos que constroem certa mística ao Santos, são elementos dispersos que compõem o todo, como por exemplo: o estádio da Vila Belmiro (modesto, mas romântico), a herança de família, o aspecto regional, ter revelado grandes craques em diferentes épocas, o legado vitorioso.

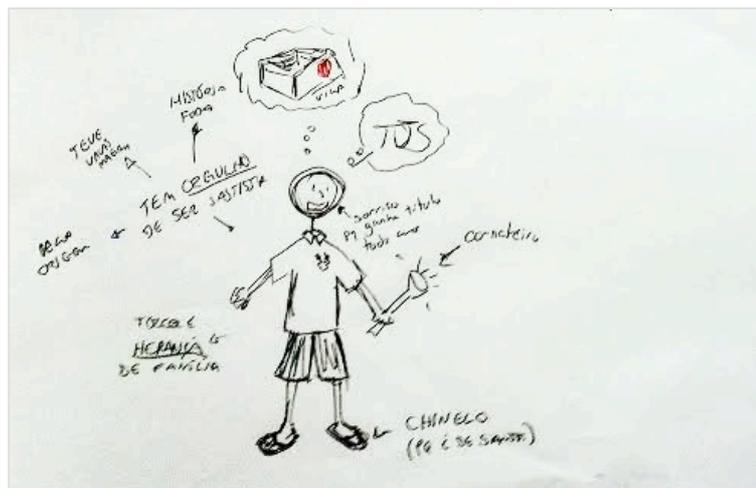


Imagem 28: Projetiva do Santista – Elementos tradicionais e românticos (Davi, 32)

Mas, de todos esses elementos, há dois que se destacam e indicam serem mais próximos da identidade coletiva e Troféu Social para o Santos.

Um deles é o papel histórico que o time teve para o futebol brasileiro e mundial (sobretudo nas décadas de 60-70), algo que é muito importante é recorrente na perspectiva dos torcedores. Além da perspectiva de títulos e vitórias, que é também muito importante, esse papel histórico vai um pouco além, passando por responsabilidade social, projeção do Brasil internacionalmente, construção da maneira brasileira de jogar futebol, etc.

O Santos parou a guerra. Essas pequenas histórias de que o Santos um dia foi o maior representante do futebol nacional no mundo (...) O futebol brasileiro lá fora, era o Santos, como referência, em uma época que o futebol brasileiro não era nada, do ponto de vista internacional. (Leandro, 27)

É um clube muito importante, não só para mim, para o torcedor, mas para o futebol. É o time que revelou o rei do futebol, o Pelé, é o time que parou a guerra, tem aquela história de que é o time que mais fez gol no mundo, eu acho que não é só para mim, é um clube mais do que especial, e eu tenho muito orgulho de torcer para ele. (Fernanda, 27)

O segundo elemento do Santos que se destaca, e é completamente diferente dos demais times, é a maneira do time jogar. Os torcedores encaram o futebol do Santos de forma diferente, mais romântico, um resgate do “futebol-arte”. Há um fator

que potencializa e legitima esse tipo de percepção, o fato do Santos ter revelado diversos jogadores talentosos no cenário nacional e internacional. São citados espontaneamente e com recorrência Pelé, Pepe, Chulapa, Giovanni, Diego, Robinho, Ganso e Neymar.

Em alguns momentos esses nomes ganham, para o torcedor, a mesma relevância que um título importante. Ser o clube que criou Pelé, “o maior jogador de todos os tempos” (Fernanda, 27), e Neymar, “o melhor jogador brasileiro da atualidade” (Davi, 32) traz sensações e lembranças mais intensas que os últimos títulos que puderam assistir.

O Santos, se não é o principal, é um dos principais berços do futebol brasileiro, como ele é visto lá fora, desse futebol arte, desse futebol bonito, com graça, mais líquido, mais fluido. Acho que o Santos é o berço disso, é o grande revelador de jogadores com essas características. De alguma forma ele é catalisador disso. (Leandro, 27)

Tanto que, em uma das projetivas, o resumo do time se dá por meio de diversas estrelas desenhadas, as quais representam tanto os títulos do clube como também os diversos jogadores talentosos que o Santos revelou.

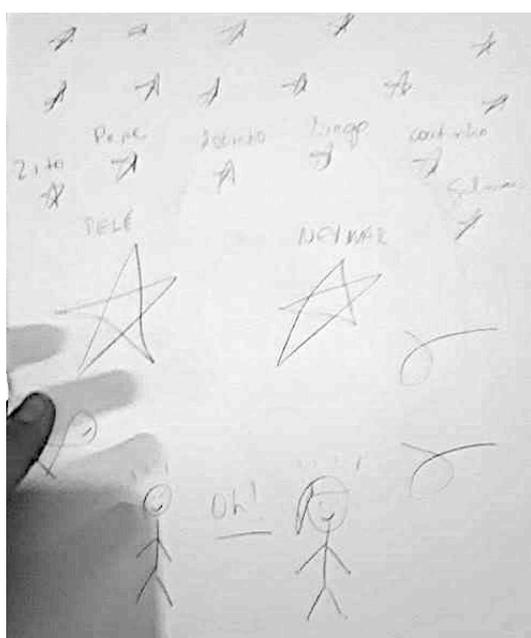


Imagem 29: Projetiva sobre o Santos – Jogadores e títulos (Fernanda, 27)

E, usando os filmes de maior bilheteria do Santos como análise e comparação, é notório que o “modo diferente” de jogar, seja por meio de suas revelações, seja pela história vitoriosa do futebol-arte na época de Pelé, está enraizado na identidade do Santos.

Os títulos dos filmes já são bastante explicativos, como “Santos – 100 anos de futebol arte” (CHAMIE, 2012) e “Meninos da Vila – A magia do Santos” (LUND, 2014) e nos indica a principal identidade desse Campo Social.

**Podemos inferir, portanto, que mais que títulos, o Troféu Social da torcida do Santos é ser o bastião do futebol bem jogado, plástico, romântico, e que se confirma por sua história nesse universo de significados, assim como a vocação do clube em revelar para o futebol jogadores com essa característica (de Pelé aos dias atuais)**



Imagem 30: Filmes sobre o Santos – futebol arte e formação de jogadores

Interessante analisar que essa identidade coletiva é tão única que enche de orgulho seus torcedores, de forma até maior que outros elementos clubísticos tradicionais.

É engraçado, porque você vê que eu não coloquei que ele é apaixonado (...). Mas é que eu enxergo muito mais na minha perspectiva de orgulho do que de paixão (Leandro, 27).

Quando você vê o time jogar (...) dá orgulho de torcer pro Santos. É diferente e todo mundo diz isso, até quem torce pra outro time, não é chato, é futebol bonito. Bem a cara dos 'meninos da vila' (Davi, 32)

### 6.9. Santos – Projeção rivais

O Santos, assim como o Palmeiras, possui um hiato entre a projeção de sua torcida e dos rivais, mas diferentemente do primeiro, é um *gap* parcial.

O santista tem uma exigência menor em ser um clube bem sucedido. Eu acho que ele se conforta na posição de ser um clube pequeno. (Gabriela, 30 – palmeirense)

A “tradição” e o “romantismo” do futebol, como é projetado pelos santistas, também é vista pelos adversários. O Santos muitas vezes é lembrado pela tradição e pelos seus grandes esquadrões históricos (sobretudo com Pelé, claro). No entanto, como visto em Corinthians e São Paulo, a interpretação costuma ser negativa. Essa tradição se traduz em algo “velho”, um futebol “nostálgico demais” e uma torcida “velha” (como personificação), algo muito recorrente. A exceção é o estádio da Vila Belmiro, a qual é vista como romântica, clássica e mítica, do ponto de vista positivo (e, por ser positivo, não é verbalizado literalmente).

Eu acho que o torcedor santista é mais velho. Por causa da época do Pelé. Passou uma boa parte de um período de fora, como se fosse um time pequeno eu acho que ele é mais saudosista. (Marcelo, 31 – são paulino)

O santista usa a geração do Pelé como base para ficar contando vantagem. O time ganhou um monte de coisas, com Libertadores, Robinho, Diego, Neymae e Ganso, mas acho que eles ainda vivem no passado. (Marcos, 42 – palmeirense)

Porém, a identidade do “futebol bonito”, ratificado pelos “meninos da Vila”, como agente que revela jogadores para o futebol, não é visto pelos torcedores adversários. De forma nenhuma, nem espontânea nem estimulada. Os torcedores reconhecem que o Santos revelou jogadores importantes (Pelé é *Hors concours*), mas não que exista algo maior em relação a isso, tão pouco algum traço de personalidade.

É importante ressaltar também que a maioria dos torcedores rivais, alegam que a relação do Santista com futebol é mais fria, com pouco emoção, mais ligado ao espetáculo do que sua relação com o grupo ou o time.

É um torcedor que é menos apaixonado por futebol, que tem uma relação mais fria com o futebol. Essa é a impressão que eu tenho. Com o futebol no geral. É o cara que vai zuar todo mundo quando o Santos ganhar, mas não vai ficar muito triste quando o Santos perder. (Renato, 33 – são paulino)

Não é um torcedor apaixonado e eu acho que eles vivem muito em função de conquistas passadas. Hoje eles fazem uns 3, 4 jogos que mostram um futebol mais bonitinho, mas não tem um resultado, e a torcida é conformada com isso. (Larissa, 29 – corinthiana)

## 7. CONCLUSÕES

Por mais que, nas características gerais do futebol, as relações entre todas as torcidas são semelhantes, podemos notar diferenças sutis de comportamento e claras diferenças de identidade. Mas, usando as definições de Bourdieu (2008), com a observação desse estudo, tais diferenças podem ser explicadas pelo fato do Troféu Social (objeto de luta e objetivo intrínseco da união de cada torcida) serem diferentes entre cada Campo Social (clãs clubísticos).

Os torcedores corinthianos e os palmeirenses, no entanto, se declaram um pouco mais apaixonados e entregues ao time (não apenas nas declarações literais, mas nos exemplos e nas histórias envolvidas com o time). Os torcedores do Corinthians se declaram os mais fanáticos dentre todos, mas analisando as declarações e histórias adjacentes, podemos inferir que a torcida palmeirense é tão envolvida emocionalmente quanto os rivais.

A torcida do Palmeiras é um sofredor que não arreda o pé. Ele não vai arredar o pé. Por mais que ele tenha perdido para caralho, você deixa de ir um pouco no estádio, mas, vai ter jogo, você quer saber quanto está o placar, você vai ficar nervoso. (Pedro, 26 – Palmeirense)

Eu não tenho dúvida disso. Eu acho que o corinthiano é um torcedor muito mais apaixonado do que os outros. Muito mais. (...) O torcedor do Corinthians é muito mais apaixonado. E o “eu nunca vou te abandonar” é muito verdade para o time, é muito real. (Larissa, 29 – Corinthiana)

Já os torcedores são paulinos e santistas, mesmo passando pelo filtro de envolvimento com o time, se declaram menos entregues emocionalmente ao time, não apenas a torcida como um todo, mas usando eles mesmos como exemplo. É uma diferença sutil em relação aos dois times anteriores, mas perceptível.

Para bem, sempre. Para mal, não. Nunca fui tão encanado, perdeu, perdeu e acabou. Nunca fiquei de mal humor por causa de clube, nunca foi a minha. Mas para bom humor sim, mexe bastante. (Leandro, 27 – Santista)  
O torcedor deve muito para o São Paulo, eu acho que a gente deveria ter uma relação mais genuína, independente do momento, você não pode

abandonar o time no meio do segundo tempo, e eu fiz isso no domingo.  
(Marcelo, 31 – São Paulino)

Importante destacar que não há juízo de valor nessa constatação, um torcedor não é mais ou menos torcedor porque se declara mais ou menos fanático. A questão são as diferenças entre os objetos de luta de cada Campo Social, que se misturam um pouco com as identidades coletivas de cada torcida.

Enquanto que, para o são paulino o objeto de luta de seu Campo Social são títulos, quando isso não pode ser conquistado a relação com seu time se enfraquece muito, o que explica de certa forma a percepção de que este é um torcedor volátil ao desempenho do time. Também explica, de certa forma, a identidade coletiva de “Soberano” e “Vencedor”, vide seu passado recente vencedor.

No caso do Santos, a identidade coletiva está no “romantismo” do futebol. Tanto porque foi o local que abrigou Pelé e outros ídolos nacionais do passado, como também porque até hoje possui vocação para revelar jogadores para o futebol, O Troféu Social para esse grupo, portanto, é a “plasticidade” do futebol, ver um belo espetáculo

Já Palmeiras e Corinthians possuem diferenças sutis. Ambas as torcidas se organizam em Campos Sociais onde o Troféu Social está ligado a fatores coletivos, pluarais e extra-campo.

O palmeiras quer manter seu legado e tradição, vindo principalmente da origem italiana (do clube e de seus torcedores), por isso sua identidade coletiva é a da “família” (de forma literal e ampliada).

Por fim, a torcida do Corinthians que – assim como a do Palmeiras – tem nas motivações extra-campo sua razão de existir enquanto Campo Social, seu Troféu Social é se sentir representado dentro de campo, como o “time do povo”, por isso sua identidade coletiva passa por signos de “sofrimento” e “entrega”.

A esse estudo, no entanto, coube o papel de tentar observar as diferenças entre as torcidas e quais projeções fazem, uma vez que é sabido o poder dos clubes como ferramenta social e, principalmente, como ferramenta de consumo como forma de afirmação.

Em uma próxima etapa, seria interessante observar as constatações desse estudo com outras metodologias. Destaco a possibilidade de outros estudos qualitativos, como grupos de discussão, para avaliar possíveis diferenças das conclusões desse estudo em um ambiente onde os torcedores possam se expressar juntamente com outros torcedores (como costuma ser no ambiente do futebol: coletivo). Também destaco a possibilidade da validação dos aprendizados de forma quantitativa, estratificando a amostra e usando o universo conhecido das torcidas de futebol (LANCE!, 2014) como forma de determinar as amostras

Por fim, conhecer e usar tais diferenças clubísticas, sobretudo as identidades coletivas, pode ser essencial no processo das construções narrativas no processo de consumo dessas marcas e/ou sigos clubísticos.

Portanto, encerro esse trabalho citando Bauman que, pode perfeitamente resumir essas relações de pertencimento, de consumo e identidade. É dito com frequência que o mercado de consumo seduz os consumidores. Mas para fazê-lo ele precisa de consumidores que queiram ser seduzidos (BAUMAN, 1999, p. 92).

## 8. ANEXOS

Segue abaixo as transcrições das entrevistas, organizadas prioritariamente pelos clubes e, de forma secundária, pela ordem cronológica de aplicação da entrevista. As verbalizações mais interessantes ou de destaque estão grifadas.

### 8.1. Transcrição das Entrevistas com Corinthians

#### 8.1.1. Torcedor do Corinthians 1 (Rafael, 27)

**Entrevistador (E):** Me conta primeiro, que time você torce, você gosta de futebol, qual é a sua relação [com o futebol].

**Corinthiano (C):** Eu torço pro Corinthians, eu sou fanático. Já fui mais, já fui doente, hoje eu só me considero fanático. Mas eu assisto todo dia, leio todo dia, toda hora, estou em grupo do WhatsApp, de discussão, de especulação, etc.

**E:** Igual eu [risos].

**C:** É, é foda. Basicamente assim: eu gosto pra caramba de esporte, mas eu sou viciado em futebol. Viciado, viciado.

**E:** E pegando uma carona nisso, o que representa o futebol na sua vida? O que é, o que significa?

**C:** É o meu lazer com os amigos; além de ser lazer é meio que um passatempo para tirar da rotina do dia-a-dia, então tem horas que eu tiro logo após o almoço, ou assim quando eu chego (eu chego bem cedo), eu falo “eu vou tirar 10 minutos para ver futebol”, e vejo tudo. É também assunto pra caralho com os amigos, então isso também faz parte do meu social, porque, por exemplo, você chega em uma roda de amigos, que você não conhece ninguém, tocou no assunto futebol, dá aquela quebrada [no gelo], e você já conhece a pessoa pelo estilo de conversa que ela está tendo sobre futebol com você.

**E:** É assim mesmo...

**C:** Então, faz parte diária da minha vida, eu adoro discutir, tento jogar (hoje em dia não está dando mais pelo físico) [risos], mas, basicamente, é uma parte da minha vida. Não sendo exagerado, nem nada, mas faz parte.

**E:** E se você não tivesse um time pra torcer, se você não tivesse nenhum time, como é que seria sua vida se não tivesse um time?

**C:** Olha... seria... não sei, porque eu não consigo imaginar assim sem... Eu, apesar de ser corinthiano doente-fanático, eu tento ainda... eu “tento” (e tem muitas horas que não dá) ver o futebol mais como “um esporte”, e não o futebol como “o Corinthians”. O que é muito difícil, eu já fui bem doente, de o Corinthians estar acima de tudo. Eu estou [agora] em uma fase que eu tento ver o futebol [pelo lado de] fora, estou em uma fase meio de querer pensar o futebol melhor. Então você vê coisa boa lá, coisa boa aqui, você imagina acontecendo aqui e lá, mas basicamente eu me pauto no Corinthians, e o Corinthians está em uma fase tão boa, que você consegue hoje dar exemplo com ele, então você ver sem o time é meio foda.

E eu falo meio frio aqui, aí quando você vai pro estádio, você fala “caralho, o Corinthians é demais, é isso que eu quero pra minha vida, etc.”, e eu preciso trazer, mas é difícil imaginar sem um time, assim...

**E:** E o que o Coringão representa para você na sua vida?

**C:** Cara...

**E:** Se quiser chorar, pode [risos]

**C:** Puta pergunta difícil... Caralho, o que o Corinthians representa... o Corinthians pra mim é meio (é um absurdo falar isso, né, mas eu falo, e foda-se) é meio religião. É meio que um negócio intocável dentro do futebol, que a gente gosta de discutir, que eu falo de um jeito e não entendo as pessoas que me contrariam. Então todos os dias eu tento me munir mais de argumentos para tornar o Corinthians meio intangível aos outros. Então, sei lá, se for discutir sobre títulos, eu já tenho uma

desculpa histórica e a desculpa futura para falar que o Corinthians é melhor que os outros. É meio que uma paixão mesmo, é uma coisa que não dá pra largar, é um vício...

**E:** Não dá pra largar então, é impossível?

**C:** É, é impossível. É impossível. Já tentei, mas não dá.

**E:** Tentou por quê?

**C:** Ah, eu acho que, pelo menos para mim, vícios não são tão benéficos, seja qualquer vício. Seja o Corinthians, seja vício de bebidas, seja cigarro... Eu tenho uma visão de que não é benéfico, então eu tento sempre me livrar dos vícios, ser um cara meio neutro, com tudo. E teve uma época que eu estava indo muito, muito no estádio e muito corinthiano, e vi que estava gastando muito dinheiro, eu não estava pensando em outras coisas, etc. Eu estava ficando bravo, estava brigando. Então é uma coisa que eu tentei me livrar. Eu não consegui, mas eu estou muito mais brando hoje. Brigar por time é uma coisa que hoje, para mim, é irreal e antes não era tão irreal assim. Não que eu tenha brigado, né, mas... não era um absurdo.

**E:** E por que você escolheu torcer para o Corinthians?

**C:** Então, é engraçado, né? Lá em casa meu pai é são-paulino, meu irmão é palmeirense e a minha mãe é santista. Eu escolhi porque meu tio (que era meu vizinho e era o tio que eu mais gostava) era corinthiano fanático, e quando eu nasci (final de 1980/ anos 90) foi uma época que o Corinthians começou a arrebentar. O meu pai nunca ligou tanto para futebol, aí eu fui indo mais para o lado dele [tio] e virei corinthiano. Não lembro exatamente quando virei corinthiano, mas parece que já nasci corinthiano, porque você fica doente pelo clube, você fica diferente mesmo. A paixão que o meu irmão tem, que o meu pai tem pelos clubes deles é totalmente diferente. Mas basicamente foi meu tio [que me fez torcer pelo Corinthians]. Eu tenho um primo da minha idade, então a gente vivia junto, meu tio levava a gente para o estádio, etc.

**E:** Ah, então seu tio foi só o cara que te incentivou mais?

**C:** É. Ele foi o cara que incentivou, que me ensinou também. Como meu pai não assistia tanto futebol (meu pai é surfista, ele é mais ligado em surf), ele não assistia tanto futebol. Até hoje ele não assiste tanto. Nas rodas de discussão que eu queria participar nas festas de família, meu tio era o mais ativo, e eu via que quem era mais ativo era corinthiano. Era um negócio que eu gostava bastante e onde eu cresci a maioria era, então acho que eu fui influenciado por um todo para virar corinthiano.

**E:** Tiveram outras pessoas que te convenceram a torcer para outro time, ou não? Quando você era pequeno, nessa época...

**C:** Que já tentaram? Meu tio do lado palmeirense já tentou que eu fosse palmeirense, mas acho que só... mas ele não tentou tanto não. Como ele morava um pouco mais distante, meu tio [corinthiano] teve bastante influência.

**E:** Entendi. Então não foi uma “treta”?

**C:** Não, não... meu pai também não ligava tanto, então também não foi uma “treta”. Lógico, no começo eu fui são-paulino porque ele era são-paulino, mas bem novo, tipo dois anos, três anos. Quando eu comecei a tomar consciência, com seis, sete eu vi que era Corinthians mesmo.

**E:** Entendi. E se alguém de fora, que não te conhece direito, ou conhece pouco... Se tivesse que explicar por que você é corinthiano. Por exemplo, “Ah, o Rafa é corinthiano por causa disso”. O que essa pessoa falaria? O que faz você ser corinthiano?

**C:** Que eu sou meio chato falando de futebol. Meio chato. Que eu sou meio maloqueiro. Maloqueiro assim: eu prefiro estar em um boteco mais família do que em um barzinho da “Vila Madá”. Acho que a pessoa vindo de fora fala que eu sou corinthiano [por] isso. É, eu sou mais povão. Acho que a pessoa vindo isso, ela presume que eu seja corinthiano.

**E:** Assim como eu, cara. Me dou muito melhor [risos]

**C:** Muito melhor ir em um boteco do que em uma balada. Simples. Acho que isso já é metade dos corinthianos. Eu acho, né?

**E:** Mas você concorda, você acha que é isso que para você te faz um torcedor corinthiano? Ou isso é para as pessoas de fora, que estão te vendo?

**C:** Acho que isso também. Concordo, concordo. Boa parte é isso. Principalmente o “chato” [risos].

**E:** Agora um pouquinho menos de Corinthians. O que você acha que faz um “torcedor de verdade”? Porque a gente fala muito [que alguns são] “modinha” ou “torcedor de verdade”... O que tem um “torcedor de verdade” que um “modinha” não tem?

**C:** Eu acho que – apesar do corinthianismo – o “torcedor de verdade” gosta do futebol, e eu acho que, principalmente, faz ele discutir o futebol. Porque pode ter “torcedores de verdade” que não vão tanto ao estádio. Eu vejo amigos meus que não vão ao estádio, mas eu discuto futebol com eles diariamente, e eles participam, vêem notícias e acompanham. Então eu acho que o cara que compra diariamente o “produto-futebol” e vende diariamente o “produto-futebol” eu acho que são “torcedores de verdade”. Pelo menos, eu vejo assim.

Esse lance de “modinha” eu acho que vem muito das organizadas, de quem está no estádio, de não querer discutir com pessoas que não vão. Eu acho que tem muito disso. Mas, no futebol é natural que quando o time está ganhando, vai mais gente no estádio, isso é natural. Quem não acontece isso é o Corinthians, e só. Então, se você fala que só a torcida do Corinthians é fiel e não é modinha é meio irreal falar isso assim.

**E:** É, todas têm um pouco das duas coisas, tem o modinha, que quando ganha vai, enfim... todo mundo já passou pela fase que era mais, ficou menos... E você gosta mais de ver o jogo sozinho, ou com mais gente?

**C:** Depende muito do jogo. Quando o Corinthians ta disputando uma coisa muito séria, um jogo meio foda, eu prefiro ver sozinho. Aí é coisa de corinthiano... mandinga, parece que os caras do lado não tão fazendo o mesmo pensamento que você, então, nossa cara, eu era meio assim desde a Libertadores de 2012, que parece que mudou um monte de coisa para vários corinthianos. Tinha uma TV... eu mudei de casa... eu mudei duas vezes de casa, e eu tinha uma tevezinha pequena, que eu só assistia aos jogos lá. Só na TV pequena e os jogos lá. E eu acreditava que aquela TV dava sorte, que eu precisava assistir sozinho, em casa, e naquela TV. Essa última casa que eu estou agora, foi quando eu me libertei da TV, que realmente não dava mais, porque ela não tinha mais nenhuma entrada que funcionava as TVs de hoje. Eu acreditava que toda vez que eu via fora dessa TV, o Corinthians perdia, ou não era o resultado que eu queria. E toda vez que eu estava com alguém, também não dava sorte. Então, tem jogo que eu falo “ah, vamos pro bar, foda-se, legal, vamos curtir”; jogo decisivo eu prefiro estar no estádio, porque lá é diferente, e jogo na TV, quando eu vejo na TV, sei lá, o Corinthians está jogando tipo hoje, o jogo do Vasco [jogo que confirmou o título brasileiro de 2015 para o Corinthians], eu preferia mil vezes estar em casa. Assistindo sozinho. Quando acaba, a gente vai pra rua e comemora, mas jogo decisivo eu prefiro estar sozinho ou no estádio, se for possível.

**E:** E você acha que ser corinthiano te ajuda em alguma coisa na vida? Em quê?

**C:** Ajuda. Pra caralho. Em tentar trazer algumas coisas do Corinthians para a carreira. Ser meio fanático – é que fanático é muito forte – mas você acompanhar tudo. Eu acho, né, pode ser uma coisa minha, mas eu acho que, assim como eu acompanho o Corinthians, eu acompanho novidades de Digital, que é minha área, todos os dias, e eu venho tentando ver a mesma coisa com o Corinthians. Então, sei lá, eu tiro 10 minutos para o Corinthians e 10 minutos para notícias que eu acho legais de Digital. E eu acho que isso vem muito do Corinthians, desde moleque, de acompanhar, de Globo Esporte... eu vejo que isso trouxe um pouco do Corinthians para minha vida, de tudo que eu faço, eu tento me espelhar, em como eu sou corinthiano. É meio loucura, né, mas... às vezes é subconsciente, você faz e depois para e fala “caralho...”.

**E:** E você já até falou que você tem umas mandingas. Além da TV, você tem outras mandingas que você usa, ou não?

**C:** Ah, tenho. Eu sempre começo o ano com uma mesma camisa. Eu sempre tento ir nos jogos do começo do ano. Eu compro uma camisa ou uso uma que está lá em casa. Se ela deu sorte, vai o ano inteiro. Se ela perdeu, já elimino uma e vai a próxima. E a camisa é o ano inteiro. Eu sou meio contra trocar de temporada de camisa não a que seja do ano (até porque a que eu estou usando esse ano é a de 2013), mas eu vou elegendo camisas, e se conquistou um título importante, ela meio que se aposentou.

**E:** Ah, já cumpriu a função dela, né?

**C:** É. Então, a de 2012 está guardada. Aí a de 2013, que teve Paulistão e Recopa, está guardada. Aí a desse ano, que eu comprei em 2013, faz um ano que está sem título, então eu ainda estou insistindo nela. Vixe, cueca, eu sempre uso as mesmas nos jogos também, ou pelo menos da cor preta, sempre. Dia de jogo do Corinthians eu não estou de verde, nunca.

**E:** Tem uns detalhes verdes aí...[risos]. Mas eu não vou olhar porque eu também tenho uns problemas com verde também.

**C:** Não, tem mesmo, essa tem, mas é que eu trouxe outra camisa ali.

**E:** Eu não toco em verde, cara...

**C:** Você não toca em verde? Ah, em dia de jogo?

**E:** Em dia de jogo, quarta e domingo, normalmente, eu não toco em verde... E se é jogo realmente importante, assim, "treta", aí cara... e, se sem querer eu encosto, se vem uns filhas da puta que chegam e ficam encostando em você, aí, cara, tem como limpar. Porque você tem que limpar no preto. Você tocou, aí você dá uma limpada, desintoxicou, meio que álcool-gel...

**C:** Você meio que tira a tinta [risos].

**E:** É, cara, é um perigo.

**C:** Eu não sei se tenho mais mandinga. Mas ver na mesma TV também é uma, que agora eu só vejo na do meu quarto. Está todo mundo assistindo o jogo na sala, aí eu vou para o meu quarto. Até é um pouco de ver sozinho também, mas é também ver na mesma TV. Nossa, tem uma que é muito idiota, que eu sempre faço isso, cara. Se o Corinthians está ganhando, eu não troco de canal. Por exemplo, eu estou assistindo a Globo, eu não troco. Se está empatado, ou precisando fazer um gol, você troca de canal. Põe na Band, no mesmo jogo. Acho que no geral é isso.

**E:** Você falou que tem um monte de camisas. Como você se sente quando veste a camisa do Corinthians?

**C:** Ah, diferente, né? Eu não sei porque, mas é que eu tenho uns rituais. Eu não sei se ritual conta como mandinga, mas começa o jogo, dá o primeiro apito, eu mordo o símbolo, e eu me benzo, e grito “vai Corinthians”. Quando eu visto a camisa também é meio que um ritual, então geralmente quando eu estou em casa, deixo ela em cima da cama meia hora antes do jogo, aí fico sem camisa, depois boto a camisa. Quando eu vou para o estádio, deixo ela meia hora pendurada em algum lugar, aí antes de ir para o estádio eu visto e vou. Sei lá, parece que você se sente melhor. Eu não sei, assim, descrever, efetivamente...

**E:** Te deixa meio que pronto pro jogo, carregado, né?

**C:** É, parece que você vai participar. É, tem essa.

**E:** Se você precisasse contar resumidamente a história do Corinthians, para um cara que não manja nada, tipo um extraterrestre, como você contaria?

**C:** Eu começaria do básico. Cinco funcionários, que queriam jogar bola e montar um time. Pararam em uma esquina, bem antigamente, não tinha nem luz, nem

eletricidade. Aí falaram assim: “olha, a gente vai montar um time, mas esse time é um time de funcionários, é um time meio que do povo. A gente vai fazer um time no meio de sociedades que tinham clubes, etc. Ah, a gente quer brincar de futebol e a gente vai fazer um time, só que esse time é um time popular. Então a gente vai aceitar tudo e todo mundo aqui”. E, de uma idéia de cinco caras, foi passando para outros e outros e outros, e cresceu além de um time, resumidamente. Virou meio que uma religião, uma tendência de que o Corinthians não é só um time, o Corinthians virou uma fé de que aquilo ali não faz parte de ninguém, faz parte de milhões. No meio disso tem o futebol, que foi crescendo cada vez mais, então as pessoas gostaram de fazer parte daquilo, a galera gostou de torcer para um time do povo, que não era um time da elite. Foi crescendo, e ganhando, e campeão regional, estadual, e aí foi ganhando dimensões. Uma época se envolveu na política, que é bem marcante [Democracia Corinthiana]. Uma época começou a ser dominado por uma pessoa só [Dualibi], que foi a pior fase do clube [rebaixamento]. Saiu do povo e ficou na mão de uma pessoa, tirou totalmente a característica do time, e graças a Deus, vem retomando e ficando cada vez mais forte. Tendo sempre essa mentalidade: o Corinthians não é de ninguém, nem de jogador, nem de dirigente, nem de presidente. Não é de um clube, o Corinthians é o time do povo.

**E:** Se você for falar a principal característica do torcedor do Corinthians, qual que é? Essa “uma coisa” que define o corinthiano?

**C:** Fanático.

**E:** Aproveitando o gancho disso, do “fanático”, eu queria que você escrevesse ou desenhasse como você vê o típico torcedor corinthiano. Como ele é, o que ele tem...

**C:** Eu vejo como um homem, de uns 20 e poucos anos, muito porque eu acho que – não sei se você tem essa impressão – mas quando você vai para o estádio do Corinthians você fica meio jovem. Você fica meio “caralho, que loucura!”. Deixa eu ver, uns 20 e poucos anos, popular, sem frescuras, que gosta de tomar cerveja, falar do Corinthians. Ele é classe média, **no geral, ele muitas vezes coloca o Corinthians na frente de várias coisas da vida dele, coloca o Corinthians na frente de tudo**, ele trabalha, um trabalhador comum, sei lá, tem várias coisas que a

gente pode falar... pode ser bancário, pião... Eu não vejo no alto padrão, eu vejo mais a maioria como trabalhador comum. É engraçado, geralmente o torcedor do Corinthians é engraçado e chato ao mesmo tempo. E fanático. Eu acho que é isso.

**E:** E o que você acha que ele tem, ou é. Qualquer coisa que o típico torcedor do Corinthians tem, que nenhum outro tem.

**C:** Você diz além do fanatismo? Ou vale o fanatismo? Eu acho que o torcedor do Corinthians – **é foda falar isso, é clichê, mas é verdade – ele é meio fiel.** O que ele tem, que os outros não têm é que **ele vai gostar do Corinthians o Corinthians estando mal, bem, vai falar e vai comentar e vai viver do Corinthians.** Eu acho (e posso estar sendo leviano aqui) que os outros deixam um pouco de gostar em algumas fases e o corinthiano meio que segue uma linha tênue. Claro, tem altos e baixos, mas, sempre na média ele acompanha mais o Corinthians.

**E:** É um cara mais persistente, mais “treta”, mais “osso duro de roer”, né?

**C:** Exato.

**E:** Mas você acha que isso aí é só pro Corinthians, ou você acha que na vida o cara é meio assim também?

**C:** Eu acho que na maioria das vezes com o Corinthians. Na vida ele pode ser meio “tanto faz”, mas com o Corinthians ele é meio diferente.

**E:** Eu queria que você fizesse esse exercício: Dois torcedores do Corinthians se encontraram na rua. Eles não se conhecem, mas os dois sabem que são corinthianos. O que um pensou sobre o outro, o que o outro pensou sobre o um?

**C:** Boa, essa é boa. Sempre quando eu vejo um corinthiano, eu falo “esse aí é mais um louco”. Coloquei aqui que um comenta “Esse é mais um louco mesmo”, o outro pensa “Nossa, a gente é gigante mesmo, tem corinthiano em todo lugar. E vai Corinthians!”.

**E:** Esse é o último exercício. Eu queria que você desenhasse, ou escrevesse, o que você quiser, que represente o que você acha que é o passado do Corinthians, o presente do Corinthians e o futuro do Corinthians.

**C:** No passado ele era mais popular, um time popular, hoje ele tá se tornando o maior do Brasil e no futuro ele vai ser um dos maiores do mundo. Porque ainda tem um longo caminho.

**E:** Agora mudando, falando um pouco dos outros times. Na sua opinião, como é um torcedor do São Paulo? Como é esse cara? Ele é um cara que acompanha mais ou menos, ele é mais rico ou mais pobre?

**C:** Eu vejo o do São Paulo um pouco mais rico, um torcedor de classe mais alta do que a nossa aqui. É um cara que gosta de esportes, mas nem sempre é só futebol. Ele pode gostar do futebol do mesmo tanto que ele gosta de, sei lá, de basquete, chutando algum esporte. Ele acompanha o São Paulo, mas eu não vejo acompanhando diariamente. Pode ser semanalmente, se a gente for fazer alguma escala. Ele gosta de ir ao estádio, mas ele não tem uma necessidade de ir ao estádio. Eu acho que o torcedor em geral do Corinthians tem uma necessidade em ir ao estádio.

**E:** Você acha que pro são-paulino é meio que um lazer, assim?

**C:** **É, para o corinthiano é uma necessidade, para o são-paulino é um hobby.**

**E:** E o palmeirense, como você vê um palmeirense?

**C:** O palmeirense é um pouco mais fanático que o são-paulino, eu vejo assim. Não tanto quanto o corinthiano, mas ele é um pouco mais fanático. Ele tem também boa parte da torcida de classe alta, ele é um pouco chato, quase igual o do Corinthians, mas o corinthiano é um pouco mais chato. Ele tem uma característica bem diferente do corinthiano, que eu não sei bem como falar, mas eu falando, você vai entender.

O Corinthians tem um negócio com o time, que o time precisa ser raçudo, precisa dar o sangue até o final. **O palmeirense valoriza mais uma classe de jogo.** A gente valoriza, sei lá, um Uendel que dá carrinho na lateral e o palmeirense valoriza o Valdívia, que dá um passe fudido, só que não joga três jogos. Só que pra eles, foda-se, é o ídolo deles, então tem uma diferença no estilo de gostar de futebol. Os dois gostam muito, mas tem uma diferença no estilo de gostar. Em questão de estádio, eu acho que o palmeirense acompanha um pouco mais do que o são-paulino, no geral, só que eles estão em pouca quantidade atualmente, pela crise que o time vem passando, deu uma diminuída boa, mas na minha infância eu lembro deles serem bem chatos.

**E:** Eles estão escondidos, né?

**C:** É, daqui a pouco fudeu.

**E:** Você acha que eles têm esse lance de ser a colônia italiana?

**C:** Acho que têm, uma raiz forte italiana deles. Italiano é meio chato também, né? Italiano é meio apegado às raízes. Eu vejo famílias palmeirenses. Não vejo tanto famílias são-paulinas... corinthianas eu também vejo bastante, mas palmeirense é muito mais forte isso.

**E:** E o santista, como é que você vê o santista?

**C:** O santista é difícil, que a gente nem conhece tanto assim. Dos três, acho que é o que menos gosta de ir ao estádio. Vai realmente quando o time ta muito bem. Mas ele acompanha pra caralho o time. Apesar de não ir pro estádio, ele acompanha o time. **O santista é meio... ele gosta mais de futebol do que do Santos,** eu acho. Ele gosta de ver. Eu tenho alguns amigos santistas que discutem mais de futebol do Corinthians do que do próprio Santos. Eles sabem que eles têm um passado fodido, e um presente promissor pra caralho, só que eles são mais “vagos” em alguns momentos do time.

**E:** Como assim “vagos”?

**C:** Tipo... o time está “médio” e eles já não acompanham tanto. E eles já sabem, eles têm a consciência do time que eles têm. Eu acho que, futebolisticamente falando, o santista é mais ciente do que vai dar certo. Ele tem um racional maior.

**E:** Entendi, eles são bem “pé no chão”. Você acha que os outros não são “pé no chão”?

**C:** Não. Eu acho que o corinthiano, principalmente, não. Corinthiano pode ter um time horrível ano que vem, que ele vai acreditar que vai ser campeão de tudo e vai cobrar como [se tivesse um grande time]. O palmeirense também. O são-paulino nem tanto, mas ultimamente eu estou achando eles bem irracionais frente ao time deles.

**E:** E se você precisar definir esses caras – o são-paulino, o palmeirense, o santista – em uma palavra, o que seria? Pode ser inclusive palavrão.

**C:** Caralho... Não pode ser “bambi”, pode?

**E:** Pode.

**C:** Bom, são-paulino é “bambi”; o santista é “velho”. Sempre velho, cara. Até os jovens que a gente conversa tem pensamento meio velho, que é um pouco desse racional. O palmeirense é “trouxa”. O palmeirense é trouxa com o time que eles têm. A gente vê de fora e não se conforma, mas mesmo assim eles acham que têm o melhor time.

### **8.1.2. Transcrição Torcedor do Corinthians 2 (Larissa, 29)**

**Entrevistador (E):** Me conta primeiro, qual sua relação com o futebol, o quão corinthiana você é.

**Corinthiana (C):** Eu já fui muito mais fanática do que eu sou hoje, eu era aquelas corinthianas chatas, de brigar, ficar zoando todo mundo, aí você vai ficando mais velha e vai perdendo um pouquinho isso. Eu vou no estádio desde pequenininha, por causa dos meus avós e da minha mãe, a família do meu pai inteirinha é palmeirense, então eu sou a única corinthiana por parte de pai e rola até uma rivalidade com isso, e sempre que possível eu vou em todos os jogos. Esse ano menos, porque a DM9 não permite muito [risos], mas quando o Corinthians estava na Libertadores eu fui em todos os jogos, todos daqui. Eu vou em estádio sozinha, eu gosto bastante, não só do Corinthians, mas de futebol.

**E:** Dos outros times você vai no estádio também?

**C:** Sim, eu vou mais para acompanhar meu pai, porque ele é palmeirense, então às vezes eu vou no estádio junto com ele, mas eu gosto de assistir futebol. Eu jogo também, então eu gosto bastante.

**E:** E você falou que sua família não era corinthiana. Eles são o quê?

**C:** A família por parte do meu pai é toda palmeirense. Descendente de italiano, então todos são palmeirenses. E por parte da minha mãe, são corinthianos. Inclusive meu irmão, eu sou a mais velha, e os meus irmãos, os meninos, eram palmeirenses, e um deles eu consegui converter para corinthiano com 12 anos de idade. É um milagre. Tem até filmagem dele beijando a camisa e falando que ia ser corinthiano, é super legal.

**E:** Mas quando você era mais nova rolou uma disputa para saber para que lado você ia torcer?

**C:** Sim, desde pequenininha, apesar de eu ser corinthiana, o meu pai sempre me levava no estádio para assistir o Palmeiras, ele me comprava uniforme, e eu não queria usar, mas eu ia no estádio com ele pequenininha, com 5 anos eu lembro dele querendo me obrigar a usar o uniforme do Palmeiras e eu falava “não, eu não quero”.

**E:** Mas você já dizia que você não ia usar?

**C:** É, e falava que não ia usar, que eu era “Curintia”.

**E:** Mas você lembra porque você decidiu por um lado, e não pelo outro?

**C:** Eu não sei, acho que é uma coisa de sensação mesmo. Porque quando eu ia ver os jogos do Corinthians com o meu avô, eu era bem pequenininha, eu achava mais animado, a energia, a torcida cantava mais, e eu adorava ficar cantando lá no meio. E com o meu pai, principalmente porque ele ia de numerada, era aquela coisa mais morna. Como eu era criança, eu preferia aquela bagunça, sabe? Que tem na torcida do Corinthians e que não tinha quando eu ia na torcida com o meu pai.

**E:** Você falou que já foi mais fanática. Em que momento você mudou, ficou menos, e por quê?

**C:** Na verdade, eu parei de ser mais chata, quando o Corinthians caiu para a série B. Porque tava acontecendo um monte de coisa lá na diretoria... acho que eu dei uma brochada. Eu pensei “porque eu estou brigando com as pessoas, estou sendo chata para caralho?” É só futebol. Então eu comecei a levar um pouquinho mais na esportiva mesmo, que é como tem que ser. Eu era chata, eu assumo que era aquela corinthiana insuportável de ficar infernizando os colegas, eu era bem chata.

**E:** Você acha que o desempenho do Corinthians, uma derrota, isso mexe com o seu dia?

**C:** Olha, apesar de não ser mais chata com as pessoas, eu ainda sofro muito. Então eu tenho tipo um ritual. Em dia de jogo, se eu não vou ao estádio, eu não gosto de assistir jogo perto de outras pessoas, então eu assisto o jogo sempre sozinha, justamente para não ficar mal humorada e descontar, não levar tão na boa alguma brincadeira, mas acho que isso é mais da minha personalidade. Eu fico chateada, mas nada que me faça deixar de fazer alguma coisa por causa disso. Mas eu fico chateada, puta, xingo. Por isso que eu assisto sozinha, quando eu não vou no estádio. Ou eu estou com corinthianos, ou sozinha. Não gosto de ver com meu pai

ou com torcedores de outros times perto. Eu acho que vai ficar zicando. É superstição mesmo, não é nem o fato de ficar brigando com outra pessoa, eu jamais vou brigar com outra pessoa por futebol, mas é mais superstição mesmo, se eu assistir com essa pessoa, o Corinthians não vai ganhar. Para você ter uma noção, no jogo contra o Atlético-MG [Atlético 0 x 3 Corinthians], o último que foi lá no Mineirão [Independência], eu queria que o Corinthians perdesse o jogo, porque eu queria que desse uma chance para o Atlético, para o Corinthians ser campeão contra o São Paulo. Eu queria que fosse muito foda. Por mais que o jogo contra o São Paulo a gente já fosse campeão, foi fodido, 6x1, nem nos meus melhores sonhos eu imaginei que seria isso, então eu queria ou que empatasse, ou que o Atlético ganhasse, para ficar mais emocionante para a gente ser campeão em cima do São Paulo. Aí como esse jogo precisava empatar ou perder, eu assisti o jogo com um monte de atleticano. Não deu certo, a gente ganhou, mas é umas loucuras dessas.

**E:** Baseado em tudo que você contou, o que o Corinthians representa para você hoje?

**C:** Ah, é meio foda falar isso, mas é paixão mesmo. Eu sou apaixonada pelo time. Agora que o Passos está no marketing dá orgulho de quando a gente faz alguma ação. Eu não tenho filho, mas deve ser essa sensação. O filho faz uma coisa e você fica toda orgulhosa. Eu sinto isso. Óbvio que, devido as proporções, mas eu tenho muita paixão pelo Corinthians. Eu defendo com unhas e dentes.

**E:** Você acha que o Corinthians é parte de você e você é parte do Corinthians?

**C:** Eu acho que sim, eu me sinto assim.

**E:** Você acha que esse sentimento é mais forte com você porque é corinthiana do que com outras torcidas?

**C:** Eu não tenho dúvida disso. Eu acho que o corinthiano é um torcedor muito mais apaixonado do que os outros. Muito mais. A gente vê por exemplo, o São Paulo, que não está em uma fase muito boa, que está com uma crise de diretoria, você não vê

a torcida do São Paulo apoiando o time como a torcida do Corinthians apoiava o time mesmo quando caiu para a série B. É claro, tem toda uma cobrança, a torcida organizada cobra, mas eu acho que o torcedor do Corinthians é muito mais apaixonado. E o “eu nunca vou te abandonar” é muito verdade para o time, é muito real.

**E:** E você acha que essas coisas que o corinthiano faz para o Corinthians faz ele uma pessoa diferente no mundo? Você sente que um cara corinthiano tem os valores do Corinthians?

**C:** Hmm... Não, não acho... Tem, tem sim, mas são casos específicos, eu acho, não é geral. O torcedor corinthiano que realmente frequenta o estádio, que acompanha um pouco mais o time de perto, ele traz para o pessoal algumas coisas que ele idealiza para o time, mas não é uma coisa absurda.

**E:** Se você precisasse contar resumidamente a história do Corinthians, o que é, para um cara que não sabe nada, tipo um ET, como você contaria?

**C:** Eu colocaria o vídeo de quando o Corinthians subiu de volta para a série A do Brasileiro, que estava o estádio lotado, a torcida gritando e apoiando... eu colocaria dois vídeos, o da Série B, que mostra toda a paixão do torcedor, que mostra que ele apóia o time independente de série, de campeonato, e a final da Libertadores, acho que são dois grandes momentos. Mais a final da Libertadores do que o Mundial, inclusive.

**E:** Porque você acha que esses dois momentos (queda e retorno) e a final da Libertadores são os que mais representam?

**C:** Eu acho que o retorno à série A, porque mostra claramente a paixão do torcedor pelo time, de apoiar, de gritar. O estádio lotado para um título de série B, e foi assim em todos os jogos da série B, recordes de bilheteria, e a torcida apoiando, incentivando. E a final da Libertadores porque ela foi libertadora mesmo. A galera chorando, você via que aquilo fazia parte de um objetivo de vida de quase todo mundo que estava naquele estádio. Era um sofrimento na hora que entrou no

estádio e depois um alívio absurdo, então independente do futebol apresentado, não estou nem discutindo isso, esses dois vídeos mostram o que é ser corinthiano. Toda essa carga super emocional, de sofrimento, que é difícil, nada é fácil, é sempre aos 48 do segundo tempo, acho que mostra isso.

**E:** O que você acha que de todas essas coisas só o corinthiano tem?

**C:** Eu acho que é essa paixão mesmo pelo time. O corinthiano não é da boca para fora, ele é intenso.

**E:** Eu queria agora que você descrevesse como é o típico torcedor do Corinthians. Como ele é, o que ele pensa...

**C:** Ele é fanático, ele é maloqueiro, ele incentiva o time do início ao fim, não tem frescura e é apaixonado pelo time.

**E:** O que você quer dizer com “ele é maloqueiro e sem frescura”?

**C:** Ah, não é que não tenha isso nos outros times, em torcida organizada tem isso, mas é menor... eu percebo que se você vai no estádio do Corinthians eu vejo todo mundo pulando, **ali não tem frescura, entendeu? Se tiver chovendo ele vai estar lá, no meio do povo, gritando e pulando.** Você não vê isso no jogo do São Paulo. A organizada vai, o resto não. É menos do que na torcida do Corinthians, o corinthiano não vai ter isso não. **O corinthiano é meio do povo, “é nós”.** Vou até colocar aqui “time do povo”.

**E:** Eu queria que você fizesse esse exercício: Dois torcedores do Corinthians se encontraram. Eles não se conhecem, mas os dois sabem que são corinthianos. O que um pensou sobre o outro, o que o outro pensou sobre o um?

**C:** Meu Deus! Toda vez que eu vejo um corinthiano, eu penso “esse cara é humilde, é gente boa”.

**E:** Agora eu queria que você desenhasse, ou escrevesse, o que você acha que é o passado do Corinthians, o presente do Corinthians e o futuro do Corinthians.

**C:** Passado do Corinthians eu acho que é um passado de... eu ia falar um passado de lutas, mas a gente teve muitas conquistas, mas é que o grande objetivo, que era a Libertadores, a gente não conquistou. A gente conquistou agora. Então é um passado de zoação eterna [risos]. Não, sei lá... o passado era “perseguir a Libertadores”.

O presente é um presente de conquistas.

O futuro eu não sei... o bi da Libertadores.

**E:** Agora eu queria que você falasse um pouco dos outros times, mais sobre os torcedores, as pessoas. Como você vê, por exemplo, um torcedor do Santos. Como é esse cara?

**C:** Eu acho que o **torcedor do Santos é... coitado**. Ele é um torcedor que **literalmente vive de Pelé**. Teve Neymar, uns nomes que chegaram e fizeram sucesso, mas não é um torcedor que tem muita paixão, sabe? É um torcedor mais velho, você não vê pessoas jovens torcendo pelo Santos, no meu círculo de amizade pelo menos. **Não é um torcedor apaixonado e eu acho que eles vivem muito em função de conquistas passadas**. Hoje eles fazem uns 3, 4 jogos que mostram um futebol mais bonitinho, mas não tem um resultado, e a torcida é conformada com isso.

**E:** Santista em uma palavra, o que seria?

**C:** Vive de Pelé, vive de passado.

**E:** E o são-paulino?

**C:** O são-paulino é um torcedor que cobra muito, está muito presente (falando mais da torcida organizada), mas eu acho que ele é um torcedor que **só apóia o time**

**nos momentos em que está ganhando.** Eu não vejo o são-paulino encher o estádio quando não está jogando bem, apoiando em todos os momentos, é aquele torcedor que apóia quando ganha. Quando ganha está ali, quando ganha, eu torço, se não ganha, está tudo certo. Eu acho que o são-paulino tem mais paixão do que o santista. **O santista, dos times de São Paulo, é o que menos demonstra essa paixão pelo time.**

**E:** É uma coisa mais pelo futebol, né?

**C:** É, eu acho que é exatamente isso, **o santista gosta mais do futebol**, até porque grandes jogadores são revelados no Santos. Isso não significa conquista de título, mas ele é mais apaixonado pelo futebol em si do que pelo time.

**E:** Se você precisar resumir o são-paulino em uma palavra só, o que seria?

**C:** Bambi [risos].

**E:** Isso está sendo bem comum [risos]. E o ilustre palmeirense?

**C:** O palmeirense, eu vejo isso pelo meu pai. Ele **é um torcedor mais clássico** (aquele torcedor que não tem tanta animação na torcida, é uma coisa mais da época do meu avô, mais blazé, não é aquela animação. A torcida do São Paulo e do Corinthians é muito mais animada do que do Palmeiras), acompanha o futebol, acompanha muito o time, mas não vejo ele cobrando diretoria e jogadores como na torcida do São Paulo e muito mais na torcida do Corinthians, e acho que faz tanto tempo que eles não ganham títulos, coitados, que eu acho que eles estão meio desacreditados, não querem acompanhar mais, perdeu aquele tesão de acompanhar o Palmeiras.

**E:** Você acha que ainda tem aquele aspecto da colônia italiana?

**C:** Eu acho, eu ia falar isso, porque minha família é italiana. Inclusive, eu acho que muitos torcedores do Palmeiras – eu vejo pela minha família – só torcem para o Palmeiras porque é descendente de italiano e porque foi meio obrigado. “Qual é o

time que representa Palestra Itália?” Ah então vamos torcer pelo Palmeiras. Tanto que as pessoas mais novas, que estão nascendo agora nem torcem pelo Palmeiras, são os mais velhos foi assim.

**E:** Se você precisar resumir o palmeirense em uma palavra só, o que seria?

**C:** Conformado. Tem a ver com tudo.

**E:** Agora eu queria que você fizesse o mesmo exercício, que é quando um corinthiano vê um cara do outro time e vice-versa, o que um pensa do outro, o que o outro pensa do um?

**C:** O Palmeiras não tem mundial, né?

**E:** Não, essa é a zoeira [risos].

**C:** O que um palmeirense pensa sobre um corinthiano? Eles xingam, né? Agora do Santos, o Santos é tão tipo “X”.

### **8.1.3. Transcrição Torcedor do Corinthians 3 (Sergio, 57)**

O mesmo não autorizou a reprodução completa da entrevista por motivos pessoais.

## 8.2. Transcrição das Entrevistas com São Paulinos

### 8.2.1. Transcrição Torcedor do São Paulo 1 (Renato, 33)

**Entrevistador (E):** Me conta um pouco de você: qual seu nome, que time você torce, o que você faz com futebol, essas coisas.

**São-paulino (SP):** Meu nome é Renato, eu torço para o São Paulo Futebol Clube. O que eu faço com futebol? Puta, cara, eu acompanha futebol diariamente, pelo noticiário, assisto futebol sempre que eu posso, independente do meu time. Eu jogo bola desde criança, mas não profissionalmente, nem nada, só recreativo, e é isso.

**E:** E o que o futebol representa na sua vida hoje?

**SP:** Cara, é entretenimento, é lazer. Independente se eu estou jogando com meus amigos, se eu estou assistindo na TV ou acompanhando na internet, é diversão.

**E:** E como seria sua vida se você não tivesse o São Paulo para torcer, ou outro time. Se não tivesse nenhum time para torcer, como é que você acha que sua vida seria?

**SP:** Puta, cara, que pergunta difícil. Cara, eu acho que eu não teria papo com alguns amigos. Com alguns amigos eu converso muito sobre futebol, e eu não teria o que conversar com eles, talvez essas pessoas não seriam meus amigos se a gente não tivesse coisa de futebol para falar.

**E:** Entendi. Então você acha que ele tem um puta papel para os seus amigos?

**SP:** É a amizade. Sem dúvida, eu acho que o futebol tem a ver com a união social.

**E:** Você se considera um torcedor fanático, moderado? Como você se considera?

**SP:** Eu me considero um torcedor moderado. Não sou fanático, faz um tempo que eu não vou ao estádio, e isso não é um problema.

**[a partir desse momento, houve um erro na captação do áudio, impossibilitando a transcrição]**

**E:** Eu queria que você falasse um pouco dos outros times, principalmente sobre os torcedores, menos sobre o clube. Na sua opinião, como são os torcedores dos times de São Paulo? Por exemplo, como é um torcedor típico do Palmeiras?

**SP:** Como é um torcedor do Palmeiras? Cara, **o torcedor do Palmeiras para mim tem uma identidade meio indefinida**, na verdade. Eu não consigo pensar. Eu tenho alguns amigos palmeirenses, mas não consigo definir uma identidade entre eles, um jeito de torcer pelo Palmeiras. Tem uns poucos caras que são muito fanáticos, tipo torcedor do Juventus fanático, um negócio meio sem explicação, e tem uma galera um pouco mais equilibrada, não liga muito. Eu não consigo ter uma característica que eu acho que unifica essas pessoas que eu conheço.

**E:** Entendi. Você acha que o que é dito de italiano é uma coisa forte deles, ou balela?

**SP:** Acho que já foi mais, né? Eu tenho uns amigos mais fanáticos que têm um negócio de “italianão”, talvez, com uma ou outra exceção, mas acho que essas coisas se perdem com o tempo também.

**E:** Se você precisasse definir o torcedor do Palmeiras com uma palavra, que palavra seria essa?

**SP:** Triste, né? [risos]. Acho que **é muito difícil ser palmeirense nos últimos anos, cara**. É um time muito irregular, muito mal administrado. A impressão que eu tenho lendo o noticiário do time é que é uma zona a administração do clube, como um todo.

**E:** E o time da baixada santista, como você definiria o torcedor do Santos?

**SP:** **Uma espécie em extinção**, apesar que voltou. Depois que os caras começaram a ganhar nos últimos anos, parece que não virou mais aquela coisa “o time do meu pai”, o “saudosista”. É um time que ganha coisa hoje. É um time sério. É um time que ficou muito tempo sem fazer nada depois do tempo do Pelé (é a impressão que eu tenho, pelo menos) e voltou a ser um time sério, no começo dos anos 2000, provavelmente, no final da década de 90. Mas eu lembro quando eu era moleque que quem torcia pro Santos era porque o pai forçou muito a barra e tal, não tinha muito motivo para o cara torcer para o Santos.

**E:** Mas se hoje você precisar descrever um torcedor do Santos, como você descreveria esse cara?

**SP:** Como eu descreveria um torcedor do Santos? Cara... eu acho **que é um torcedor que é menos apaixonado por futebol, que tem uma relação mais fria com o futebol**. Essa é a impressão que eu tenho. Com o futebol no geral. É o cara que vai zuar todo mundo quando o Santos ganhar, mas não vai ficar muito triste quando o Santos perder. A impressão que eu tenho é que, pelo menos as pessoas da minha idade, quando a gente cresceu, o Santos não era um time que despertava muitas emoções nas pessoas.

**E:** E o torcedor do Santos em uma palavra?

**SP:** Em uma palavra? Tradição, vai.

**E:** Ignorando um pouquinho a sapecada que o seu time levou [6x1], como você definiria/ descreveria o torcedor do Corinthians?

**SP:** Cara, **eu acho que é meio que uma paixão coletiva**. Estou definindo até em relação do que eu falei em relação ao torcedor do São Paulo. Aquela coisa que **o torcedor do São Paulo torce para o São Paulo para ele. Então, se o São Paulo joga mal, o São Paulo está me decepcionando e eu odeio o São Paulo**. Eu acho que o corinthiano... meu, vou lembrar até quando o São Paulo ganhou de 5x1 do Corinthians lá, com gol do Luizão, com aquela farofa toda. Óbvio que teve aquela putaria de torcida organizada invadindo o CT, não sei o que lá, chamando os caras

na chinha. Mas a impressão que eu tenho, é que os torcedores estavam muito mais tristes do que revoltados com o time. Eles estavam muito mais tristes pela derrota **(no sentido “eu me sinto parte daquilo”), sabe, do tipo “eu perdi junto” do que “esses caras perderam por mim”,** sabe? Acho que é isso. Doía neles também. Não tipo “ah, essas filhas da puta perderam”, não, era: “perdemos”. Acho que foi meio isso, de perder junto.

**E:** Tem um fator coletivo?

**SP:** Eu acho que sim.

**E:** Você acha que é mais do que os outros?

**SP:** Cara, não sei se é mais do que os outros. Eu posso falar do meu time, que é o que eu falei. **Quando o São Paulo perde, o torcedor são-paulino fica com a sensação de que o time está devendo alguma coisa para ele.** E eu acho que **o torcedor corinthiano, na minha impressão, ele tem uma sensação de que ele perdeu junto com o time.** Eu não sei. Como eu não acompanho, essas coisas de redes sociais materializam muito bem essas coisas para a gente hoje, né? Então eu vejo, a comunidade de jogador de torcedor são-paulino que eu estou, toda vez que o time perde, entra lá uns quatro, cinco e começa assim: “bando de filho da puta”, “sem vontade”, “não sei o que lá”, “blábláblá”. Eu não sei se nos outros times é assim. A impressão que eu tenho é que no Corinthians o cara fica triste porque o time perdeu e eu acho que acaba esculachando menos os jogadores, é a impressão. O Corinthians “queima” menos o jogador.

### **8.2.2. Transcrição Torcedor do São Paulo 2 (Iris, 26)**

**Entrevistador (E):** Você sabe se é verdade, assim, ou é um mito?

**São-paulina (SP):** É bem diferente o torcedor palmeirense, corinthiano e são-paulino. O palmeirense e o corinthiano são fanáticos eternos, na terceira divisão, em qualquer divisão que for, os caras vão lá, eles torcem sempre mesmo, sabe? E o do

São Paulo não, ele some literalmente, é incrível, é muito diferente do torcedor corinthiano e palmeirense. Corinthiano e palmeirense são fanáticos bem idênticos, mas o são-paulino não. O são-paulino some um pouco sim, mesmo eu sendo são-paulina, eu não sumo, mas a maioria sim.

**E:** Mas por que você acha que o pessoal some?

**SP:** Porque na minha opinião, o são-paulino sempre esteve acostumado a grandes títulos. Querendo ou não, o São Paulo está longe do centenário ainda e é o que tem mais títulos importantes. Tem três mundiais, seis brasileiros, três Libertadores, então é muita coisa, é muita diferença dos outros times, um Palmeiras que nem tem mundial, o Corinthians, que foi ter agora e teve o de 2000 que é zoadado eternamente, essas coisinhas. Então o São Paulo, querendo ou não, é o time mais novo do estado de São Paulo e o que tem mais títulos. Então o são-paulino, querendo ou não, está acostumado a grandes títulos, a estar sempre na Libertadores, a ser grande. E o São Paulo não, o último título do São Paulo foi em 2012, na Sulamericana, foi em 2012, faz 3 anos, e foi Sulamericana, que nem foi um “título”, assim, e evidencia que o São Paulo está acostumado. Então é muito complicado para um são-paulino ver esse retrocesso do time. É muito complicado para um são-paulino, então eles não sabem lidar com essa situação.

O torcedor corinthiano e palmeirense, querendo ou não, é aquela coisa de altos e baixos, está lá em cima, mas também já viu o time estar em uma segunda divisão, o são-paulino nem isso, então olha a diferença. O torcedor corinthiano e palmeirense está acostumado a ver o time lá embaixo e lá em cima, então é aquela coisa de amor e ódio, e é sempre amor, o são-paulino não está sabendo lidar com essa queda.

**E:** E você acha que essa queda é só agora, ou você acha que essa queda já existiu em outros momentos e o são-paulino não conseguiu lidar do mesmo jeito?

**SP:** Olha, é a partir de agora, porque em 2005 foi quando ganhou o mundial e parou, depois ganhou o brasileiro e parou. Depois disso, faz uns 5 anos que o São Paulo até tenta alguma coisa, mas não vai mais. Está na Libertadores, mas é sempre

eliminados, então nesses últimos 5 anos deu uma parada, você pode ver até no estádio, não é um time que lota o estádio, e você não vê nada. Você vê o Palmeiras fazendo a arena deles, o Corinthians tendo o seu estádio, e o Morumbi continuando a mesma coisa. É muita coisa. Está tendo muita baixaria na diretoria, na direção do São Paulo, então todo mundo vê também, é muita bagunça. Os são-paulinos nunca foram fanáticos como corinthianos e palmeirenses. Então chega esse momento, já não são muito fanáticos, chega esse momento, a galera some, aí o cara fica em crise junto com o time.

**E:** O são-paulino valoriza mais o quê? Você falou que a fase está ruim e por isso está esvaziando o estádio, está esvaziando a paixão como um todo. O que o são-paulino curte mais?

**SP:** Ah, o que o são-paulino curte mais é a história do time, é o tri mundial, são os seis brasileiros, porque querendo ou não, o são-paulino pode estar em uma draga, mas ainda tem discussão em uma mesa de bar. É o único time que é tri mundial, o Corinthians conseguiu o hexa brasileiro só agora, o São Paulo já é hexa brasileiro, está entendendo? O são-paulino ainda vai ter esse amor porque a história do São Paulo é maior do que qualquer outra história de Corinthians, de Palmeiras. **Tem mais títulos mesmo, títulos importantes. Então, em uma mesa de bar, pode zoar o que for, a gente ganha ainda.**

**E:** Você está dizendo que, em uma mesa de bar, é como se fosse um grande Super Trunfo, né?

**SP:** É lógico, é uma carta que a gente tem na manga.

**E:** Mas tudo que você fala de “história” tem a ver com conquista, título, esse tipo de coisa?

**SP:** Sim, sim, o são-paulino está acostumado a títulos, foi por isso, até que decaiu um pouco a torcida. Está acostumado a títulos, não tem jeito, são três brasileiros de uma só vez, foi ganhando. Aí teve a Libertadores, o mundial, aquela época do meio

de 2000 foi avassaladora aí, de repente você vê 2013, 2014, 2015, nada com nada, não fazendo nada, aí o torcedor não está sabendo lidar.

**E:** Você tem uma folha aí? Já adiantei que ia ter algumas coisas que ia precisar desenhar. Você consegue desenhar para mim alguma coisa que representa para você muito bem o São Paulo. O São Paulo típico. Pode ser o time, pode ser a torcida.

**SP:** Eu vou na base do que eu falei. Eu vou colocar três estrelas [risos].

**E:** E para você, qual é a principal característica do torcedor do São Paulo, tem alguma coisa que é muito típica do torcedor são-paulino que só ele tem?

**SP:** A principal característica do torcedor do São Paulo é esse **jeito insuportável de, em uma discussão, falar sempre dos nossos títulos. A principal característica do torcedor são-paulino é ter esse tri mundial, esses seis brasileiros, essas três Libertadores**, etc. É isso mesmo. Você entra em qualquer discussão e o são-paulino vai te encher o saco com isso. E outra coisa, por nunca ter sido rebaixado. Então, em uma discussão entre os grandes de São Paulo, a gente viu o Corinthians jogando a segunda divisão, a gente viu o Palmeiras jogando duas vezes a segunda divisão, nós não, nós nunca caímos em um brasileiro. E falam lá dos anos 90, do paulistinha, que o São Paulo era para cair, mas o São Paulo nunca jogou uma segunda divisão. Então o são-paulino é insuportável nessas horas, porque tem muitos argumentos, tem uma grande história.

**E:** Agora eu queria que você fizesse um outro desenho. Eu queria que você desenhasse o que representa o passado do São Paulo, o presente e o futuro dele.

**SP:** No passado, eu coloquei títulos.

No presente, crise, má gestão.

No futuro, eu espero títulos, mas está difícil, tem que ser mais pé no chão. Ah, eu espero que mude toda gestão do clube.

**E:** Agora falando um pouquinho dos outros. Você até falou um pouco do Corinthians, do Palmeiras, mas como é que você imagina que é o torcedor dos outros times?

**SP:** O torcedor do Corinthians é o mais chato. É o mais chato e é o mais louco também. Eu que acompanhei diversos jogos, é um torcedor louco mesmo pelo clube, fanático, acompanha, que sofre mesmo, que está lá junto. **É um torcedor chato, muito chato, mas eu acho bonito de ver o amor que eles sentem pelo clube.**

**E:** Você falou que sofre, é fanático. Mas sofre como? Não é igual aos outros?

**SP:** Eu acho corinthiano e palmeirense muito parecido, em questão de sofrimento e de torcida, para mim eles são fanáticos iguais, não tem essa de falar que o corinthiano é mais fanático que o palmeirense, não é. Não é, digo de sofrer, de ver o time rebaixar, e sofrer lá junto, estar lá junto. É legal, é legal de ver, mas o torcedor corinthiano é bem mais chato que um palmeirense, acho que tem essa diferença. Ah o palmeirense também é chato. Ah, os dois são chatos. [risos]. Mas o Palmeiras eu tenho um carinho a mais, não sei porque eu gosto um pouco mais do Palmeiras. O corinthiano, na verdade, não é que os outros são anti corinthianos, **o corinthiano é que faz os outros se tornarem anti Corinthians. É o próprio corinthiano. Porque às vezes eles não têm argumento nenhum, mas eles estão lá discutindo, e são os primeiros a encherem o saco.** Então eles acabam fazendo as pessoas passarem a ter esse ódio pelo clube.

O palmeirense também discute e é chato, mas o corinthiano é pior. Acho que é também pela história de cada time. O Corinthians a gente já viu muitas bagunças na história. A gente vê o Corinthians sendo Campeão Mundial de 2000, aí a gente vai ver a história e é uma farsa, aí você vê 2005, sendo campeão brasileiro em cima do Inter, uma roubalheira, então os outros torcedores vêem tanto roubo, que não tem como você gostar desse time. É pela história mesmo. Para o Palmeiras, você não vê tanto roubo assim, então você acaba virando anti Corinthians também por causa disso. É muito roubo que teve na história do Corinthians, e ninguém vai torcer mesmo, quem é contra.

E: Se você precisasse definir o torcedor do Corinthians em uma palavra, que palavra seria?

SP: “Louco” mesmo. São fanáticos, são loucos.

E: Diferenciando o torcedor do Palmeiras e do Corinthians. Quais são as diferenças, o que você acha que é só do palmeirense?

SP: Nossa, eu não consigo, porque eu não sei fazer muito a diferença entre corinthiano e palmeirense, os dois são muito insuportáveis. **Ele é fanático também, mas tem uma... como eu posso falar... tem uma leveza a mais.** E também, vindo como são-paulina, o Palmeiras tem uma história recente bem trágica, então a gente fica assim. Já o Corinthians não, essa é a diferença de ambos. O Corinthians está no ápice deles, está em uma crescente, crescente, crescente. O Palmeiras vai crescer agora, ele tem uma história aí trágica recente. Bem pior que a do São Paulo. O São Paulo está em crise, mas [a do Palmeiras] é bem pior que a do São Paulo. Então o [torcedor] do Corinthians fica mais insuportável. **O palmeirense você pode até zoar, mas pela história trágica que teve recentemente, você até zoa, você nem liga tanto.**

E: Se você precisasse definir o palmeirense em uma palavra só que palavra seria?

SP: A, eles são fanáticos. O corinthiano é louco, o palmeirense é fanático. Eles lotam mesmo, eles fazem bagunça mesmo. E tem muitos. Como tem palmeirense.

E: Eu confesso que ultimamente eu vejo pouco [risos].

SP: Olha, eu vejo mais palmeirense do que corinthiano, para você ter uma idéia, eu conheço mais palmeirense que corinthiano.

E: Se você precisasse falar uma palavra para definir o torcedor são-paulino, qual seria?

**SP:** Nossa, eu não sei definir. Vamos ver... eu ia falar “um mero torcedor”. Não é uma torcida que eu pago pau, mesmo sendo meu time, não é uma torcida que eu gosto.

**E:** E em nenhum momento você falou do Santos. Tem algum motivo?

**SP:** Ah, querendo ou não o Santos tem pouca torcida, é mais time da Baixada, mas é um grande time. Você vê um campeonato paulista, você vê o time do São Paulo, perto do time do Santos, o time do Palmeiras, o time do Corinthians... como você vai falar que um paulistinha vai ser do Santos? E os caras vão lá e ganham. Eles ganham todas. O São Paulo não ganha do Santos desde 2012. É um absurdo. É um time que dá trabalho demais, não é um time pequeno, é um time grande, e acaba se tornando insuportável demais. Por exemplo, essa Copa do Brasil. É muito a cara do Santos. Eu vou torcer para o Palmeiras, mas é muito a cara do Santos. Essas copas menores é a cara do Santos.

**E:** E como você acha que é o torcedor santista? Como ele é?

**SP:** Como eu posso dizer? Ah, **é outro insuportável, porque, querendo ou não, eles ganham muitos títulos**, eles estão ali todo ano beliscando algum título. Eles não ficam um ano sem pegar um título, pode perceber. Então você não tem papo com eles. Com eles você pode discutir, mas você não tem papo com eles. Eles estão lá bicando tudo, então eles **são bem chatos os torcedores santistas, bem malinhas, nem existem, mas são malas**.

**E:** E tem alguma coisa que só o torcedor do Santos tem, que os outros não têm?

**SP:** Ah, eles tiveram Pelé [risos] . Estou brincando. Nossa, o que só eles têm? Eu não sei dizer. Não sei.

**E:** Se você precisasse definir o santista em uma palavra só, qual seria?

**SP:** Eles são “chatos”. Porque eles ficam zuando o tempo inteiro, eles estão em todas.

**E:** Só uma coisa que esqueci de perguntar para você: como é que você escolheu torcer para o São Paulo?

**SP:** Eu sou irmã de três homens, e cada um torcia para um: um é corinthiano, um é palmeirense e outro é são-paulino. Eu tinha 4 anos, mais ou menos, quando eu gostava de assistir jogo junto com eles, e o time que ganhava eu torcia. O Corinthians ganhava, eu torcia para o Corinthians, o Palmeiras ganhava, eu torcia para o Palmeiras, só que aí o Marcos, o são-paulino, me deu uma camisa, que o São Paulo só tinha um mundial ainda, eu lembro dela, eu tenho ela até hoje. Ele me deu essa camisa, e eu comecei a torcer para o São Paulo, eu falei “vou torcer só para esse time agora”.

**E:** Então foi ganhando uma camisa que fez você decidir.

**SP:** Foi, foi.

**E:** E você tem as suas camisas do São Paulo. Você costuma usar elas?

**SP:** Eu tenho muitas. Agora eu voltei. Agora que eu dei uma afastada do futebol eu voltei a usá-las, mas quando eu estava no futebol mesmo, eu não estava usando, ficava tudo guardadinho nas gavetas. Mas agora eu voltei sim, na Copa do Brasil eu usei bastante.

### **8.2.3. Transcrição Torcedor do São Paulo 3 (Marcelo, 31)**

**Entrevistador (E):** Me conta um pouco de você: qual seu nome, que time você torce, o que você faz com futebol, essas coisas.

**São-paulino (SP):** Cara, eu torço para o São Paulo Futebol Clube. Eu sou são-paulino pelo meu pai, a família inteira é são-paulina, então eu já nasci em meio ao futebol, onde todos meus presentes eram ligados ao futebol e particularmente ao São Paulo. Então aniversário de 10 anos eu ganhava um uniforme completo que o

time jogou a Libertadores. E eu tinha os finais de semana junto com meu pai, que era bem fanático. Embora a gente morasse no interior, periodicamente a gente vinha assistir jogos do São Paulo aqui, fazia bate-volta, então eu tenho uma relação bem forte e antiga com o São Paulo.

**E:** Teve alguém que tentou fazer você torcer para outro time?

**SP:** Que eu me lembre não, porque eu, meu pai e meu irmão éramos são paulinos, e tinha meu vô que era palmeirense, alguns tios corinthianos e outros tios santistas, mas não me lembro. Acho que meu pai nos brindou nesse sentido, tanto é que meu time do interior, que era o Botafogo de Ribeirão, e o São Paulo, que era o time maior, que levantava mais torcida e tal.

**E:** O quão torcedor você acha que é? Você acompanha muito, pouco?

**SP:** Para caralho. Eu vou menos no estádio do que eu gostaria hoje, mas eu acompanho tudo. Eu sou um cara que chega um pouco mais cedo no trabalho, por questões particulares, e a minha uma hora, eu gasto meia hora lendo sobre o São Paulo. Em todas as minhas redes sociais eu sigo umas redes tanto amadoras, quanto , de fato, do clube, então eu estou sempre acompanhando, eu sou bem fanático.

**E:** Você acha que você já foi mais ou menos fanático em algum momento?

**SP:** Já fui mais, quando o futebol me parecia mais poético, hoje tem toda gambiarra por trás, você começa a entender um pouco mais sobre a política dos clubes, você começa a perder um pouco o tesão da coisa, ainda é forte, mas já foi muito mais pegado. Acho que não existe um momento pontual que eu senti isso... é mais quando você começa a entender os meandros, os bastidores da coisa. Talvez o momento que eu lembre, que não tem tanto a ver com o São Paulo em si, foi quando se discutiu na Copa de 98, quando o Ronaldinho teve o piripaque lá, começaram falando que o jogo foi comprado, e existe a teoria da conspiração. Ali começou a pintar uma coisa que não é tão visceral, tão genuíno como parece, não é só esporte. Aí tem o juiz, quando o Corinthians foi campeão, que o juiz vendeu não sei quantos

jogos, você vê agora a situação que o São Paulo passa, toda politicagem, acho que vem do amadurecimento da consciência. Quando você é moleque, é esporte, e de fato, eu acho que naquela época ainda era. Tinha dinheiro envolvido, mas não era tanto, não era uma infinidade. Acho que ali ainda era mais esporte. Embora já existia uma picada de política, ainda era mais esporte. Hoje é business.

**E:** Mas sua relação ainda continua bem pura?

**SP:** Pelo São Paulo ainda talvez me prenda mais essa pureza, o futebol já me traz mais uma... até hoje Seleção, embora eu assista e acompanhe, já não traz aquele tesão todo... mas eu ainda curto, cara. Ainda curto e acompanho. Eu gosto do esporte, gosto de acompanhar, sofro quando o time perde, mas no domingo [Corinthians 6 x 1 São Paulo], quando o Corinthians fez 3x0 no primeiro tempo, eu fui no cinema. Nem fui atrás porque estava uma merda o time, e era o reflexo dos bastidores.

**E:** Eu ia perguntar isso, se o desempenho do time mexe no seu dia.

**SP:** Mexia mais. Tanto que eu fiquei putão quando eu tava saindo do jogo e indo para o cinema, mas hoje eu logo esqueço, não é uma coisa que fica na minha cabeça. Eu gosto de discutir sobre futebol, sem ser muito tendencioso. Eu sei analisar o futebol, a fase do time, sei, por exemplo, que o Corinthians está foda o time e é justo que ele seja campeão. Mas o desempenho me deixava outo, hoje não mais. Interferia mais no meu dia.

**E:** Se você precisasse contar para alguém o que é ser são paulino. O que te faz ser são-paulino hoje. Que motivos faz você ser são-paulino?

**SP:** Cara, eu acho que é passado. É meu pai, a relação que eu criei, era um momento nosso. Meu pai já não é mais vivo, mas é uma coisa que me remete muito à ele. Os momentos mais intensos com meu pai eram quando eu assistia um jogo do São Paulo. E o que mantém é o esporte mesmo, a paixão pelo clube e pelo histórico, por ter sido um time campeão, já foi mais campeão, e pela relação com o meu pai, acho que mais por isso.

**E:** O fato de ser são-paulino facilita, ou já facilitou alguma coisa?

**SP:** Nada. Zero.

**E:** E se você precisa fazer amizade com alguém e você sabe que esse cara é são-paulino?

**SP:** Não muda nada para mim. Eu acho que talvez você tenha mais conversa, que é papo de homem, naturalmente, porque o papo de homem em bar é futebol, mulher, essas coisas, e acho que facilita porque o cara vai concordando, enfim, quando você pega outro cara apaixonado por futebol, a conversa flui. Mas, se tem um corinthiano que entende de futebol e gosta de falar de futebol, vai embora também. Não sou um cara tendencioso, que quando sai com uma mulher e ela é corinthiana, “puta, não deu, não rola”.

**E:** Você tem as suas mandingas, coisas assim, ou não?

**SP:** Mandinga normal, assistir jogo com a camisa do São Paulo. Quando eu não estou com a camisa do São Paulo, ela está do lado, no sofá, ela está presente.

**E:** E quando você veste a camisa do São Paulo, como é que você se sente?

**SP:** É uma coisa muito louca, porque eu não vejo como camisa de clube, eu não uso camisa de clube, eu não sou o cara que faz coleção de qualquer clube, que sai camisa do Real Madrid e eu quero, não, eu não gosto disso. Mas a camisa do São Paulo é uma coisa meio sagrada. Eu não uso no dia a dia, eu só uso para assistir o jogo, só para o jogo. É uma coisa minha, eu não torço para o São Paulo para mostrar que eu torço para o São Paulo. O próprio momento de assistir o jogo com o meu pai era sempre em casa. Então a gente sempre foi muito são-paulino em casa. Eu não sou um cara que gosta de assistir jogo em bar. Eu não gosto. Nego fica falando e desconcentra, corinthiano fala em cima, ai eu tomo o gol e o cara já começa a falar na orelha. Eu gosto de assistir o jogo só são paulino e em casa. Se for o caso, prefiro até assistir o jogo sozinho, com meu irmão, em casa, ou com

poucos amigos, mas em casa. Porque não tem variável de fora, falando alto, desconcentrando, falando alto, enchendo o saco. Acho que essa é a relação: o São Paulo para mim está dentro de casa.

**E:** Se você precisasse resumir a história do São Paulo para alguém que não conhece, em pouco tempo, o que é o São Paulo, como você resumiria.

**SP:** Foi o maior clube brasileiro de prestígio internacionalmente, hoje há alguns bons anos, ele não colhe mais os frutos desse prestígio internacional. Na época de 92, 93, o São Paulo era um time campeão e tudo mais, acho que veio uma leva muito grande de são-paulino, hoje o São Paulo peca pela guerra política interna do clube e isso reflete muito no desempenho do São Paulo. O São Paulo era, há pouquíssimo tempo atrás, há 3, 4 anos, era um dos times mais avançados estruturalmente, era até visto como um clube internacional no Brasil, pela estrutura do CT, por ser um dos poucos clubes com o estádio que tem, e por conta da Copa do Mundo, todos os clubes se estruturaram, seja com a ajuda governamental ou não, ou com parcerias privadas, e hoje o São Paulo ficou para trás. Hoje os próprios rivais diretos, o Palmeiras tem o estádio mais moderno do Brasil, tem um CT do caralho, o Corinthians tem um dos estádios mais modernos do Brasil, tem um puta CT, então acho que o São Paulo ficou um pouquinho para trás. Ainda assim, é o clube mais vitorioso internacionalmente, embora não goze mais desse prestígio todo, e um dos 3 maiores clubes do Brasil.

**E:** Independente do que é o São Paulo, o que é o São Paulo para você?

**SP:** Se eu fosse falar eu falaria que é uma religião, mas acho que a religião, quando se discute uma religião, você sempre é muito tendencioso para o seu lado, mas com o futebol não, com o São Paulo eu sei discutir, eu sei ser imparcial. O São Paulo para mim é um dos poucos hobbies que eu tenho. Estar acompanhando o São Paulo, seja no jogo, seja em uma notícia, seja falando com algum são-paulino, me dá prazer, independente se o São Paulo está mal, se perdeu, eu gosto disso, é um hobby que independe da situação, eu gosto de falar sobre isso. Mais do que falar sobre futebol, eu gosto de falar sobre o São Paulo. Talvez seja o maior hobby que

eu tenho. É o maior hobby que eu tenho. Mais do que ir em um show, no teatro, no cinema, para mim acompanhar um jogo do São Paulo é mais prazeroso.

**E:** É como se fosse um hobby diário?

**SP:** Sim, ele é perene.

**E:** Eu queria que você fizesse um exercício. Eu queria que você desenhasse o que representa o São Paulo, o que é o São Paulo.

**SP:** Cara, acho que ele é muito clichê. Eu acho que ser torcedor do São Paulo é ser um cara apaixonado por um bom futebol, pela história do futebol, pelos grandes ídolos e ter certeza de momentos inesquecíveis. É isso que me faz ser torcedor são-paulino. É um clube icônico, pelo bom futebol que temos na história, acho que é um dos clubes que tem o maior número de ídolos inesquecíveis, que vai desde Raí, Careca, Zetti o próprio Telê Santana, que é um treinador da história e treinador da Seleção Brasileira e me remete a momentos inesquecíveis que eu tive com o meu pai, então para mim é o residual que fica, de ser são-paulino.

**E:** Se você tivesse que representar o típico torcedor são-paulino, como você descreveria ele?

**SP:** Cara, **o típico torcedor são-paulino é um torcedor que deve**, eu tenho essa sensação. O torcedor são-paulino foi muito mal acostumado, principalmente os que hoje têm a minha idade, que gozaram das conquistas internacionais e daquela época, ficaram acostumados. E hoje, de uma época para cá, pelo São Paulo não estar tendo esse êxito, eu acho que **o torcedor só vai acompanhar e só torce visceralmente quando está bem**. Diferentemente do Corinthians, que é uma coisa meio louca, que é uma relação com o clube independente da situação, o São Paulo eu vejo só os estádios lotarem na Libertadores, ou quando está com um certo número de vitórias seguidas, quando o time está organizadinho então eu acho que o torcedor deve muito para o São Paulo, eu acho que **a gente deveria ter uma relação mais genuína, independente do momento, você não pode abandonar o time** no meio do segundo tempo, e eu fiz isso no domingo, mas eu acho que nesse

caso é mais por uma situação extra-campo, que a gente leva em consideração, mas eu acho que os torcedores do São Paulo devem um pouco para o clube.

**E:** Pensando nos torcedores do São Paulo, tenta imaginar dois são-paulinos se viram na rua, eles não se conhecem, mas eles sabem que eles são são-paulinos. O que um pensou sobre o outro, o que o outro pensou sobre o um?

**SP:** É sempre um otimista e um pessimista. Sempre tem um cara lamentando e vem outro e fala “não, esse ano não, esse ano vai ser diferente”, “a diretoria derrubou, agora...” Sempre no otimismo de o ano melhorar. Faz alguns anos que essa coisa não muda, mas o cara está sempre otimista.

**E:** Essa melhora é em título, em resultado?

**SP:** Não, eu acho que essa melhora é em sentir prazer, em ver o São Paulo jogar bem. Não falo nem pela vitória, mas em você ver o futebol bonito do São Paulo, que não está tendo. Não é nem pela vitória. Eu e meus amigos ficamos felizes quando há um empate, que o São Paulo buscou o empate de 2x0, e mostrou a garra, mostrou que os caras estão jogando pelo clube, que os caras mostraram amor pelo clube, o mesmo amor que a gente está sentindo aqui, os caras tem que sentir lá. Independente da vitória, mas o cara demonstrar amor por aquilo que a gente também tem amor. Só que a gente não ganha para isso, os caras ganham, então a gente só queria que eles sentissem amor por aquilo ali como a gente sente. A gente sabe que é poético, talvez até utópico, os caras ganham uma fortuna, é isso que movem os caras a jogarem bola. Podemos perder, mas honra essa porra. Sua até o final, mostra que vocês estão perdendo porque os caras são melhores, mas mostra que nós estamos jogando, que estamos tentando. O jogo de domingo contra o Corinthians foi ridículo. Os caras estavam morrendo em campo. Os caras estão brincando.

**E:** Eu queria que você tentasse desenhar o que você como passado do clube, presente do clube e o que você imagina que seja o futuro do clube do São Paulo.

Significa queda de muita coisa, né?

**SP:** [O presente] eu acho que são dívidas, e dívidas e dívidas, desde a última gestão do Juvenal, e esse ano inteiro do Aidar foi, cada vez mais roubalheira. Conseqüentemente, a qualidade do futebol em campo [caiu]. Acho que tudo isso tem a ver, eu tentei caracterizar como a direção, como quem dirige o clube, tipo um rei, não um presidente.

O passado era bom futebol e grandes títulos. Conseqüentemente, outro São Paulo.

O futuro, eu acho que é isso aqui ainda [presente], não vai melhorar tanto. Cara, acho que tem um futebol ok, um time mediano. Eu acho que é isso. É muita dívida, acho que o São Paulo vai ter que começar um pouco do zero e apostar em base como já fez no passado, e eu acho que o futebol vai ser isso aí. Acho que é meio de tabela, o São Paulo vai ficar lá pra cima, mas não vai ganhar nenhum título não.

**E:** Como é que você vê os outros torcedores? Como você vê o torcedor do Corinthians, como é esse cara?

**SP:** Não gosto de generalizar, que generalização sempre é burra, mas **o torcedor do Corinthians é muito icônico para o bem e para o mal.** Para o bem porque você é um cara apaixonado e conseqüentemente sempre parcial. Eu conheço poucos corinthianos que conseguem discutir sobre futebol de forma imparcial. Eu acho que **é um cara muito apaixonado, e isso faz com que ele não consiga ver a realidade.**

O palmeirense, eu tenho a sensação de que é um clube que cresceu. Acho que é um emergente. Ele sempre foi grande, mas teve muitos tropeços contundentes. O São Paulo está mal, mas está brigando no G4. Quando o Palmeiras está mal, o Palmeiras rebaixa. Acho que o momento dele é muito contundente. Ou ele briga por título, ou ele afunda de vez. O Palmeiras nunca foi meio de tabela. Acho que o primeiro ano que foi meio de tabela foi agora, que está ali brigando, mas está um pouco abaixo. Ou ele está brigando, com o Rivaldo lá, que é campeão com um monte de título, com a Parmalat, ou ele afunda. Não tem meio de tabela. Eu acho que é isso, **o Palmeiras é sempre muito contundente, pro sim e pro não, e eu**

**acho que o torcedor é assim, eu acho que ele é um reflexo, é um torcedor que já se acostumou com essas situações muito difíceis**, mas ele vive de um passado recente. Tem a Parmalat, que ele ainda se agarra ali. Tanto é que se for pegar o Palmeiras, embora tenha os seus títulos, o maior ídolo do Palmeiras é de mil novecentos e bolinha, que é o Ademir da Guia. Tanto é que os outros ídolos do Palmeiras jogaram no Corinthians, no São Paulo. Eu não sei como é ser palmeirense, mas é um torcedor que consegue discutir sobre futebol, de forma imparcial.

**O santista vive de dois momentos: vive do Pelé e vive do Neymar.** Justificado, porque são dois gênios. O santista corre por fora. Eu tenho parentes santistas, tios santistas. É que ultimamente tem sido fácil torcer para o Santos. Desde a época do Neymar é um time bem contínuo. Mesmo sem o Neymar, eu acho que eles acertaram a mão. Por isso que ninguém discute muito com o Santos sobre futebol. Eu acho que o Corinthians está hoje na frente, mas o Corinthians tem uma característica como torcedor, o santista não, o santista corre por fora, eu quase não discuto futebol.

**E:** Você acha que o santista não tem uma característica como torcedor?

**SP:** Não, é que eu **acho que o torcedor santista é mais velho.** Por causa da época do Pelé. Passou uma boa parte de um período de fora, como se fosse um time pequeno. Até vir o Robinho, Diego, depois o Neymar, até ganhar com o Robinho e Diego, fazia muitos anos que eles não ganhavam título. Quando ganhou, são torcedores mais velhos, por isso que eu acho que não há uma discussão assim, tão fanática.

**E:** Você acha que ele vê futebol de uma outra maneira, por ser mais velho?

**SP:** É, eu **acho que ele é mais saudosista.**

**E:** E o corinthiano, além dele ser apaixonado, icônico, tem alguma outra característica?

**SP:** Cara, eu **acho que ele é mais torcedor, mais irracional**. Acho que ele vai atrás do time independente da situação. Ele joga para debaixo do tapete as maluquices do Corinthians, da própria diretoria. Eles justificavam os erros políticos, as roubalheiras. Eu acho que o torcedor são-paulino não faz isso, eu acho que a gente é mais “não, tá errado mesmo, a culpa é da porra dessa política, dessa diretoria”, a gente é mais por aí.

**E:** Se você precisasse definir o são-paulino em uma palavra só, qual seria?

**SP:** “Devedor”.

**E:** E o corinthiano?

**SP:** “Irracional”.

**E:** E o palmeirense?

**SP:** O palmeirense... o santista é “saudosista”. O palmeirense... “atípico” [por toda transição que ele passa].

### **8.3. Transcrição das Entrevistas com Palmeirenses**

#### **8.3.1. Transcrição Torcedor do Palmeiras 1 (Gabriela, 30)**

**Entrevistador (E):** Me conta um pouquinho sua história com futebol. Você gosta, que time você torce, essas coisas.

**Palmeirense (P):** Desde que eu me conheço por gente eu sou palmeirense, eu torço pelo Palmeiras, meu pai é super palmeirense, meu avô é super palmeirense, então eu cresci com essa influência na família, então eu tenho lembrança desde os meus cinco, sete anos, de assistir jogo do Palmeiras e ter essa relação.

**E:** E o que você acha que o futebol representa na sua vida?

**P:** Cara, é muito louco, né? Primeira coisa aqui falando, da minha relação com o futebol, é uma conexão muito forte com o meu pai. Eu tenho três irmãs, três mulheres em casa (eu sou a terceira) e elas não eram muito ligadas com o meu pai, e pra mim foi um elo muito forte de ligação com o meu pai. Não sei se foi o futebol que criou, ou se eu já tinha e aí o futebol veio e... mas era um momento que eu tinha para estar com o meu pai e só tinha eu e o meu pai falando sobre isso. Então acho que tem uma conexão forte com o meu pai, e com a família e um pouco da ligação com a história do meu avô, de ser italiano e tudo mais, então eu acho que começou muito nessa relação de família, porque eu não tinha muitas amigas pra falar disso quando eu era pequena. Quando você é menina as pessoas não te perguntam pra que time você torce, sabe? Hoje talvez seja mais comum, mas quando eu era criança não era a primeira coisa que me perguntavam. Então, para mim acho que tem essa coisa da relação com a minha família. E hoje, para mim, é um entretenimento. Eu não tenho muitos momentos de entretenimento, então é uma coisa que me distrai e traz muita emoção também. E me coloca em rodas de conversa... Eu não sei explicar muito bem, mas eu gosto da tensão do jogo, eu gosto do esporte, eu gosto de jogar, então acho que também tem um pouco também dessa relação.

**E:** Tem bastante coisa envolvida, né, na verdade?

**P:** Tem. Essas são as principais e aí também, quando eu tenho um namorado que é mais envolvido com isso – e 90% dos homens são –, acho também que é uma atividade gostosa de fazer junto com o namorado, em casal, sabe? Porque é uma coisa que eu gosto de fazer, mas fazer isso junto é gostoso, sabe? Discutir... sempre tem uma rivalidade, nunca namorei com um palmeirense, então sempre tem uma rivalidade, e eu sou muito competitiva também, acho que tem esse fator do esporte que também me interessa. Eu gosto da discussão sobre o futebol, eu gosto da estratégia do futebol também, de ficar analisando jogadas, o jeito que o time é montado, e analisar até a indústria do futebol, sabe? Eu gosto.

**E:** E se você não tivesse um time pra torcer, o Palmeiras ou outro, se você não tivesse um time, como é que você acha que seria sua vida?

**P:** Ah, acho que não seria assim... acho que só faz sentido o futebol... por exemplo, eu gosto de futebol de salão, eu jogo futebol de salão, mas não tem um time que eu torço no futebol de salão. Tem alguns times que eu gosto, que eu acompanho, mas você fica muito mais ligado ao jogador individual do que ao clube, porque eu gosto de ver o jogo, mas, com certeza, às vezes quando eu estou passando na SporTV, passa e eu paro para assistir um pouco, mas tá longe de eu acompanhar o campeonato, porque não tem esse envolvimento com um clube específico, até porque os clubes do futebol de salão não têm a mesma alma e essência dos clubes de campo, então, para mim, perde um pouco isso.

**E:** Você acha que é uma relação um pouco mais vazia, sem a torcida, sem o clube que você gosta?

**P:** É, fica uma relação do esporte, eu acho. Não tem todas as outras coisas envolvidas de conexão com a sociedade. Fica sobre a estratégia do jogo, a habilidade individual do jogador, mas futebol é sobre a indústria como um todo, é sobre a conversa social... é muito maior. A vitória é muito mais importante, né, você quer que o time ganhe. Quando eu estou assistindo um jogo de futebol de salão eu quero ver um jogo bonito, quero ver gol. Eu estava até pensando isso ontem. O Palmeiras empatou 3x3 [contra o Atlético Paranaense], foi um puta jogo, e eu falei "caralho, é animal, porque hoje o time do Palmeiras está me proporcionando jogos bonitos". Mas eu trocava, fácil, jogo feio por vitória, sabe? É isso: eu gosto de ver o jogo bonito, porque eu gosto do esporte, mas puta que pariu, vamos ganhar essa porra, sabe?

**E:** E se você precisasse se descrever como torcedora, como você se descreveria?

**P:** Ah, eu não sou uma torcedora super fanática. Eu acho que eu sou muito de ocasião, sei lá, a série B, por exemplo, eu acompanhei muito menos do que eu estou acompanhando a série A. Quando o time está bom, eu acompanho muito mais do que quando não está. Acho que também vai muito do seu ciclo social de amigos e da conversa, entendeu? Se eu tenho amigos são-paulinos, por exemplo, tem o

Germano aqui no trabalho que é super são-paulino. Puta, eu gosto de dar uma olhada no São Paulo para poder dar uma tirada, sabe?

Eu não sou muito fanática, mas eu sofro e gera um mini enfarto. Ontem eu fiquei triste de o Palmeiras ter empatado, porque podia ter ganhado e virou, sabe? Rola uma tristeza, mas não é mais uma coisa que me afeta como me afetou no passado. Talvez porque eu estou um pouco mais decepcionada com o meu time e acho que também, vamos falar, historicamente, a relação dos jogadores com o clube é menos passional, ela é muito mais sobre uma visibilidade para o cara ir para fora, então você tem menos relação com os, jogadores, os jogadores ficam menos tempo, então acho que rolou um afastamento recente, dessa relação visceral que eu tinha, principalmente porque eu acho que é isso, porque tem poucos jogadores que você vê que se importam com aquilo. Aí você fala: “poxa, nem o jogador está se importando mais com essa relação com o clube, então por que eu vou me importar”? Acho que rola um pouco isso, sabe?

**E:** Legal, isso já era o próximo ponto, inclusive, se você acha que a sua relação mudou ao longo do tempo.

**P:** É, mudou, com certeza. Eu fico triste, mas a gente se adapta, porque é um assunto que eu gosto e é a minha fonte de entretenimento. Tem gente que, sei lá, escuta música, e eu gosto de assistir futebol. É uma fonte de entretenimento para não fazer nada, para não pensar, sabe? Eu vou gastar ali duas horas assistindo, eu, às vezes, assisto meio cozinando, fazendo outras coisas, mas está sempre ali e eu estou sempre meio ligada no resultado do jogo e tudo mais, sabe?

**E:** Você tem a sua rotina pessoal, como ela é?

**P:** Ah, eu assisto aos jogos que são televisionados, na maioria. Raramente eu vou escutar pelo rádio, se não está televisionando, mas eu sou capaz de assistir jogos de outros times quando está acontecendo no mesmo momento, só para ficar vendo pílulas do meu, ou para assistir um jogo de futebol. Eu não tenho tesão de escutar um jogo pelo rádio, por exemplo, mas se eu estou no carro, por exemplo, e está passando jogo eu vou ouvir certamente o jogo no rádio. Ou às vezes em casa

também, que eu estou cozinhando e está passando o jogo o rádio e fico escutando o jogo no rádio.

**E:** Mas além de assistir, tem outras coisas na sua rotina? Como é que o dia começa e termina?

**P:** Tem, super. Se eu estou em casa no horário do almoço, o Globo Esporte vai estar ligado. Tem dois programas de rádio que eu escuto, dependendo do horário que eu saio do trabalho: ou o Estádio 97, que termina às 20h, então entre as 19h e 20h eu consigo escutar o Estádio 97, e o Quatro em Campo, da CBN, que eu também gosto bastante. Gosto mais do da CBN, mas às vezes não dá pelo tempo, então na saída daqui até em casa, que é, sei lá, meia hora, vinte minutos, à noite eu estou escutando algum programa esportivo. Eu gosto, eu dou risada, então para mim também é entretenimento, é piada. Então eu tenho essa relação de acompanhar notícias. De vez em quando eu entro nos portais, para ver alguma notícia, e como meu newsfeed é muito de informação de futebol (porque eu acompanho o perfil do Palmeiras, tem os meus amigos que geram engajamento sobre futebol, então eu acabo recebendo notícias do newsfeed sobre futebol em geral, mas eu acompanho mais notícias do meu clube. É difícil eu entrar em uma página para saber do Corinthians ou do São Paulo, entendeu? Tenho pouca interação com a indústria do futebol. E são mais os clubes de São Paulo, a não ser que tenha um time muito bom, sei lá, o ano passado era o Cruzeiro, beleza, vou escutar, entendeu? Ou, às vezes, um jogador que eu gosto... eu gostava do Ronaldinho Gaúcho, então eu acompanhava um pouco, mas é esporádico, a minha relação é mais com o meu clube mesmo. Até porque não dá tempo e eu não coloco como uma prioridade, mas eu gosto, e é uma coisa que me entretém.

**E:** Você falou que você segue mais o seu time, né? O que significa o Palmeiras, para você?

**P:** Cara, eu falei no começo dessa coisa da relação com família, com o meu pai e meu avô. É engraçado. Quando eu morei em Londres, eu fiquei mais afastada do futebol, porque você não tem com quem conversar, não recebe informação, você não assiste jogos, mas eu assistia, pelo menos no meu primeiro ano, os jogos pela

internet, e muitas vezes eu assistia com o meu pai ligado no Skype. E de domingo, eu sempre almoço na casa dos meus pais e eu sempre assisto jogo de futebol com ele, mesmo que não seja do Palmeiras. Então, eu tenho essa relação. O Palmeiras para mim é um pouco dessa relação com o meu pai, com a minha família, e um pouco de tradição, eu não sei se de Itália, mas eu gosto dos valores do clube, eu acho que o Palmeiras é um time que me representa como valores, sabe? Eu consigo ver claramente os valores de todos os clubes. Eu tenho uma antipatia pelo Corinthians tanto quando pelo São Paulo. Tem coisas de valores dos dois times que me incomodam muito. A arrogância do são-paulino, do clube e da diretoria é uma coisa que para mim chega a ser nojenta, sabe? E o Corinthians também é uma coisa meio desmedida, meio “sofredor”, meio exagerada demais, e eu não sei, eu não gosto dessa relação que o corinthiano tem também, mas é porque eu estou fora.

Eu consigo identificar até valores mais – é louco, né, eu não quero falar nunca bem do Corinthians porque eu fui ensinada a vida inteira a odiar esse clube – mas eu consigo ver valores mais legais no Corinthians do que no São Paulo. O Corinthians tinha uma obsessão pela Libertadores e uma coisa exagerada demais, muito passional, eu acho. Essa coisa do “sofredor”, não sei, era uma coisa que me incomodava muito. Um pouco desleal, talvez, sabe? Eu acho que o corinthiano é muito agressivo na relação com o futebol. Você vai discutir com um corinthiano, é uma “porta”, parece, pra discutir, sabe? É simplesmente irritante. E o são-paulino é uma soberba... para mim é a representação clara do Rogério Ceni, que é um cara que eu consigo odiar e desejar coisa ruim, sabe? Que eu tenho com poucas pessoas na vida. Ele nunca fez nada para mim, mas ele realmente um cara que eu tenho uma antipatia muito grande. E pelo clube, em geral. É engraçado, eu não conhecia muito a história do São Paulo. Agora eu estou namorando com um são-paulino e aí eu comecei a entender um pouco a diferença que era o São Paulo antes dos mundiais, que era o time da fé, que tinham valores legais, e aí passou a ser o time soberano, né? Que para mim é tudo que eles não poderiam ser e eu acho que eles estão completamente perdidos nisso. Tem até um texto muito bom de um amigo meu, que eu quero te mandar, que ele colocou um vídeo do primeiro Campeonato Brasileiro que o São Paulo ganhou (1970 e pouco, 1980, não sei quando foi) e era a final nos pênaltis contra o Atlético Mineiro, lá no Mineirão. Cara, foi uma puta disputa de pênaltis, de raça, de vontade, os caras todos sujos de lama, e ele coloca um texto

muito foda, que fala exatamente sobre isso. Eu não tive contato com esse São Paulo, eu tenho contato com o São Paulo de 2006/07/08, do tri mundial, do tri Libertadores, do Rogério Ceni, e isso, para mim, é completamente disgusting.

**E:** Uma coisa que eu fiquei na dúvida, mas eu não quis te interromper... Você falou que tem um “bode” grande dos valores do Corinthians, mas em algum momento você falou assim: “ah, mas são alguns valores que de certo modo eu admiro, que eu acho até que são mais próximos”. Eu fiquei confuso, porque é uma coisa que você não gosta, mas que a mesmo tempo gosta... Eu queria saber mais sobre isso.

**P:** Tem uma coisa que me irrita muito no palmeirense, e que eu gosto do Corinthians, que é que a torcida do Palmeiras não tem paciência e ela é muito... assim, se eu ver o desempenho do Palmeiras jogando dentro de casa, a torcida não sabe apoiar, a torcida fica impaciente logo. O Palmeiras tava no G4, a torcida vai para campo com “está acabando a paciência”, sabe? Eu não gosto desse comportamento da torcida do Palmeiras. Eu não me enquadro nisso, na “turma do amendoim”, sabe? Eu não gosto disso, e tanto o Santos quanto o Corinthians, eu vejo um comportamento diferente em relação a isso, que é estar empurrando o time mesmo quando não tem mais chance, e isso você vê se revertendo em resultados, sabe? Ontem o Palmeiras poderia ter ganhado ou ter perdido, não sei se você viu o jogo. Foi 2x1, empatou 2x2, eles viraram 3x2 e aí eu fiquei feliz pra caralho que o Palmeiras empatou, porque ele foi buscar o gol no final do Jogo, sabe? Que é uma coisa que às vezes eu vejo que o Palmeiras perde um pouco. Às vezes eu acho que o Palmeiras desiste, que não tem essa coisa de ir até o final, e isso é uma coisa que eu acho legal do Corinthians e do corinthiano, da fiel. Só que eu também acho que é um pouco desmedido e um pouco demais. Porque eles são cegos. A discussão com um corinthiano é cega, ela é muito passional.

**E:** Bom, eu sei que o Corinthians é super legal, mas eu posso voltar um pouquinho no Palmeiras?[risos]

**P:** Não... [risos]. Eu estou tentando fazer uma coisa lógica, mas é que hoje eu odeio mais o São Paulo que o Corinthians. É muito louco, né?

**E:** Engraçado, eu concordo com 99% das coisas que você falou, sobre os valores.

**P:** É porque eu sou uma pessoa que tem bom senso, mas eu amo, amo o Palmeiras, que é uma relação inexplicável, mas eu consigo fazer um julgamento crítico sobre os defeitos do clube. Jamais trocaria de time, jamais. E eu amo mesmo, é louco, mas é uma relação construída talvez irracionalmente.

**E:** Que você não trocaria de time eu não duvido, que senão você nem estaria respondendo. Uma pessoa que troca de time você questiona muito o caráter dela, né?

**P:** Não, e eu jamais vou admitir isso em público, inclusive você pode queimar essa entrevista depois que eu falar, porque eu jamais vou chegar em uma roda de corinthianos e falar... não, talvez eu fale, mas tem uma coisa da discussão engraçada com o corinthiano que eu jamais vou abrir mão, entendeu?

**E:** Alguém, quando você era mais nova, tentou te convencer a torcer para outro time?

**P:** Cara, não. É porque eu acho que com mulher não existe essa pressão. E acho que tem uma coisa do meu pai que era muito forte, do meu avô. É que eu também cresci, eu sou de uma geração que quando criança viu o Palmeiras ganhar títulos. Então eu acho que isso também ajudou. Quando eu tinha 14 anos o Palmeiras ganhou a Libertadores. Aí eu já era palmeirense, mas eu lembro de 93, por exemplo, que eu tinha 8 anos de idade, e eu já era apaixonada, e pra mim fazia total sentido aquela escolha. Não sei se o Palmeiras talvez tivesse nos tempos de hoje, mesmo meu pai sendo palmeirense, se eu não pudesse escolher outro time. Mas na época o Palmeiras era muito forte, e aí não teve de nenhum outro lado. Eu até tinha o meu tio que era são-paulino, todas minhas primas eram são-paulinas, mas não, nunca cogitei. Não tem nenhuma imagem, sabe, fotinho de criança que você coloca a camisa de outro time e aí ficam te zuando pelo resto da vida, sabe? Não, não tenho. Nenhuma dessas. Nunca tive nada de outro time.

**E:** É porque tem gente que tinha um tio que enchia o saco, pra torcer para outro...

**P:** É? Mas eu faço isso com o meu sobrinho. Meu cunhado é são-paulino e a minha irmã é palmeirense, mas não torce, e meu pai super palmeirense. Aí a gente fica infernizando. Ele tem dois anos e meio e é um inferno. A gente fica, eu e meu pai, e não desiste. Ele ainda não tomou uma decisão, ele ainda não entende muito isso, mas se está passando o jogo do Palmeiras e é gol, ele torce, a gente torce, é bem divertido. Eu acho divertido essa coisa de você conseguir convencer alguém a torcer para o seu time. Eu vou fazer isso certamente com o meu filho, eu vou ter um problema em casa, porque, né, o Antonio é são-paulino, mas, enfim, nunca tive.

**E:** Você acha que pode dizer que o Palmeiras já é meio que uma parte de você?

**P:** Sim, com certeza. Acho que você pega um pouco dos valores do time, né? Eu começo a te definir como pessoa. É engraçado. Quando eu conheço um cara que eu vou ficar, namorar, uma das primeiras perguntas que eu faço é sobre futebol, e vou te dizer que pega negativo se o cara é corinthiano. É porque também corinthiano tem uma coisa – eu vou ser preconceituosa, mas acho que os dados devem mostrar isso – uma coisa meio de classe social também. Meio maloqueiro, meio periferia, então ele já te dá um frame da condição social dele. Talvez seja isso que eu não goste em um corinthiano. [risos] Que coisa horrível de falar. Porque são-paulino eu também não gosto, mas o Antonio se transforma quando está torcendo para o São Paulo, ele fica nojento, eu falo para ele: “eu não quero você são-paulino”, porque ele vai, coloca a camiseta, estica a faixa do tri campeão mundial, não é sobre o clube, é sobre os títulos. Tem uma coisa que é muito arrogante, e que se o São Paulo perde, mas joga bem, ele não aceita, e se o São Paulo não chega na final ele não aceita. Tem uma cobrança com o time... Ele foi de uma geração que viu muitos títulos então ele ficou realmente muito mal acostumado, acho que a torcida inteira ficou meio mal acostumada. Então eu não gosto desse lado dele são-paulino, ele realmente se transforma quando ele está com a camiseta do São Paulo, é muito louco.

**E:** Você falou que pega alguns valores do time. Que valores você pegou do Palmeiras?

**P:** Eu vejo meio que uma família, eu acho que é mais família. Uma coisa idiota: eu amo a cor verde. Tenho certeza que tem alguma coisa a ver com o Palmeiras. Já não gosto de vermelho, preto e branco, a combinação eu já acho esquisita. Muito louco, né? Mas eu amo verde, eu tenho muita coisa verde. Cara, eu acho que é essa coisa de família e tradição. Palmeiras é um clube muito antigo, que tem história, acho que é um time mais correto também, pode ser uma ilusão minha, mas tem valores corretos, sabe? De não ser tão arrogante, também.

**E:** E se você precisar dizer “o que te faz torcedora do Palmeiras”, o que seria?

**P:** O que faz de mim uma torcedora do Palmeiras? Cara, eu não sei, é uma pergunta difícil. Acho que tem uma coisa também, que é a sensação de você estar pertencendo a um clube, de estar todo mundo naquele momento, sofrendo aquilo e vivendo aquilo e torcendo por aquilo. Eu me sinto conectada com alguma coisa, me sinto pertencente, me sinto parte de uma família mesmo, parte de uma história que é verdadeira.

**E:** Independente do Palmeiras, o que faz, na sua opinião, alguém se tornar um “torcedor de verdade”? A gente até ficou zuando, né, os torcedores “modinhas”, os “torcedores de verdade”. O que diferencia um “torcedor de verdade” de um “modinha”?

**P:** Ah, eu acho que é você realmente conseguir se abalar emocionalmente com os altos e baixos do futebol, isso ter um impacto na sua vida maior do que os 90 minutos de jogo. Por exemplo, eu com a seleção brasileira, eu consigo assistir um jogo e ficar triste ou feliz, mas tirando Copa do Mundo, eu assisti o jogo agora, o Brasil ganhou do Peru, eu gosto, mas não é uma coisa que vai me afetar. É que isso também, você tem menos relação com a Seleção, são menos jogos que são importantes. Você tem os jogos das eliminatórias, que são importantes, mas também a gente vai passar... Não tem essa coisa de “não ser”, e com o Palmeiras não, ou com um time de futebol. Uma coisa que eu acho é que é muito dinâmico, e isso é muito gostoso. Porque tem um dia que você está mal e tem dia que você está bem. A gente estava bem no Brasileiro, agora a gente está mal no Brasileiro, mas a gente tem a Copa do Brasil. Você tem sempre a chance de reverter. Eu acho que é esse

impacto maior do que simplesmente um esporte. É um impacto que muda meu humor. O Antonio até brinca, que ele agora está torcendo para o Palmeiras que ele sabe que eu vou ficar mal humorada se o Palmeiras perder. Eu ainda não consigo torcer para o São Paulo. Eu inclusive tenho que sair da sala quando ele está assistindo o jogo do São Paulo, porque às vezes eu dou uns gritos e ele fica muito puto. Rola brigas lá em casa.

**E:** E você acha que o fato de ser palmeirense facilita alguma coisa na sua vida, ou já facilitou alguma coisa?

**P:** Eu acho que sim. Eu não sei se eu tenho a visão distorcida sobre o Palmeiras, mas acho que ele é um time muito simpático. Para mim, quando você coloca os principais ídolos de cada clube, você consegue entender um pouco os valores. O Marcos, para mim, é o que eu quero que o Palmeiras seja visto. É um cara que tem bons valores, que não vai passar a perna, que consegue admitir, que tem humildade quando ele vai perder, mas também tem muita raça. Eu acho que tem alguns jogadores do Palmeiras, que eles acabam não indo bem no Palmeiras, porque eles não representam esses valores do Palmeiras. E, para mim o Marcos é essa pessoa: íntegra, correta, família. Para mim, por exemplo, o Rogério Ceni, ele é um cara escroto na vida pessoal. Ele trai a esposa, ele não consegue admitir uma derrota... eu tenho que trazer para a pessoa, porque eu acho que fica mais fácil explicar, mas para mim, essa personificação do Marcos, do cara que é guerreiro, que não desiste, que eventualmente vai ter umas cagadas, mas ele vai se redimir, que vai até o fim pelo clube, mas que tem a decência de parar na hora certa, que tem a decência de admitir que ele não consegue mais. O Rogério Ceni, para mim, está estragando o São Paulo. Ele não está criando um sucessor, ele não está mais em condição de atuar, e, para mim, o Marcos fez tudo certo. Ele era amigo de todo mundo, ele era bem querido por todo mundo, então são essas coisas do Palmeiras que eu simpatizo. Hoje eu brinco que o Palmeiras hoje não ameaça mais, mas eu prefiro muito mais esse Palmeiras como essência do que o Palmeiras do Edmundo, que era um cara que era agressivo, era antipático... tinha umas coisas legais do Edmundo, de raça, que eu valorizo muito – e que talvez todos os clubes valorizem, talvez o São Paulo um pouco menos, que o Corinthians valoriza muito. Acho que talvez seja isso também, o Palmeiras é um pouco o Corinthians em um nível com mais noção, com

mais bom senso, mais humano. É foda, né, mas acho que o Corinthians é meio assim, tudo a qualquer custo.

**E:** E você acha que ser palmeirense te aproxima, ou te afasta de algumas pessoas?

**P:** Me aproxima, com certeza. Eu acho que futebol já aproxima, independente do clube. Porque mesmo corinthiano, você vai querer discutir futebol com um corinthiano, você não vai deixar de discutir. Você pode ficar irritado e tudo, mas... e o futebol é uma coisa que aproxima. Eu vejo muito como uma vantagem, principalmente em um ambiente mais masculino ou, eventualmente, mais machista, eu vejo muito como uma vantagem, poder falar de um assunto que as mulheres não falam normalmente. Sofro muito preconceito, de cara que fala “ah, eu não vou discutir futebol com uma mulher”, mas tem algumas pessoas que me respeitam porque você mostra o conhecimento no dia-a-dia. Eventualmente eu vou ter uma discussão de futebol com o Germano, eu sei que ele não vai ter a mesma discussão que ele tem com os amigos dele, comigo, talvez eu não entenda o mesmo nível, nem tenha o mesmo repertório que ele tem, de estádio, e tudo mais, mas, sei lá, é um assunto que eu gosto de falar, que é um bom papo de elevador.

**E:** Quebra gelo também?

**P:** É, é, quebra gelo. Eu tava em uma reunião com a Ambev. Eu não tinha nada para falar, era só falar do jogo do Inter, porque o meu cliente torcia pro Inter. Aí você já quebrava o gelo, e aí o papo engata rápido. Você pode conversar com o porteiro ou com outro cara... você tem assunto em qualquer momento com homem, é muito louco. E eu tenho algumas amigas que eu discuto futebol, que são as amigas que jogam comigo, e que a maioria delas assiste também, então eu também tenho esse meu momento de meninas falando de futebol que é gostoso.

**E:** Qual que é a diferença, de uma roda de mulher e de homem?

**P:** Cara, eu acho que mulher é muito menos competitiva do que homem na discussão. Eu já saí chorando de discussão com o meu ex-namorado, de sair falando “você está louco, você acha que está falando com seus amigos”, e eu tive

uma discussão feia na Young, quando eu trabalhava na Young, com o Germano e com o Heitor, que os dois eram são-paulinos fanáticos e o Heitor meio que mandou um “chupa”, uma coisa completamente grosseira, completamente fora do meu repertório de palavras, e eu fiquei extremamente ofendida e eu até chorei, de raiva, do tipo “brother, com quem você acha que ta falando?” Então eu não consigo alcançar o nível de discussão masculina, quando está fervorosa, de grosseria. Não são todos que chegam nesse nível, mas eu às vezes acompanho conversas de bar, de amigos e eu não consigo entrar na conversa, porque o vocabulário é muito baixo. E eu acho que a mulher tem um pouco mais de... talvez pelo envolvimento não ser tão passional, e ela não ser tão cobrada disso (porque eu acho que o homem é cobrado, de ter uma posição), então eu consigo ter uma discussão. Sei lá, tem uma amiga minha que joga futebol, ela torce pro cruzeiro, a outra é palmeirense, a outra é são-paulina. A gente tira sarro uma da outra, mas é muito, é completamente diferente. É muito mais leve e é uma discussão mais técnica, talvez porque elas joguem, do que uma discussão completamente cega. Acho que o homem é mais cego na discussão. O são-paulino, qualquer coisa ele vai terminar com o “tri mundial”, e mulher eu acho que não é assim.

**E:** Mudando de assunto, você tem alguma mandinga, ritual, superstição para assistir, ou não?

**P:** Eu gosto de assistir jogo com o meu pai, eu acho que dá sorte, e se eu não estou assistindo com ele, eu ligo para ele no intervalo, ou eu ligo antes. Mas acho que não tenho não. O Antonio tem muitas. Ele estende o negócio, ele usa a mesma camisa, ele fala “não, não vou assistir mais jogo aqui que está dando azar”, e tem a cadeira, ele é todo cheio das manias. Mas eu não tenho não.

**E:** Você tem camisa do Palmeiras?

**P:** Tenho, tenho umas três. Eu uso para jogar bola, uso às vezes para ir na academia... terça-feira eu usei, e tenho um meião também. Eu gosto de jogar uniformizada. Eu já joguei pelo Palmeiras quando eu era pequena. Eu fiz teste, daí eu joguei um pouquinho na escolinha (era escolinha society). Eu gostaria de ser

jogadora de futebol, mas também não era uma coisa que eu queria levar muito a sério. Mas eu tenho, e eu gosto de usar camisa.

**E:** E como você se sente quando você veste a camisa do Palmeiras?

**P:** É muito louco. Não é uma camiseta normal. Você está estampando a tua paixão. Cara, é muito louco, eu amo jogar com o meião do Palmeiras, e toda vez que eu jogo, eu sinto que eu jogo melhor. Inclusive, eu lavo ele logo que eu chego, porque eu quero jogar com ele sempre. E acho que com a camiseta é a mesma coisa. Acho que você pertence, você mostra uma paixão. É que também é meio exótico mulher gostar de futebol, né? Então vira um assunto maior. Homem também, quando está com a camiseta do time vira um assunto. Você está meio que com um crachá de coisas que você gosta, de valores, talvez. Nunca parei para pensar, mas talvez ela te represente um pouco. É uma marca, no final, porque é a mesma coisa eu usar uma marca da Nike, da Adidas ou da Abercrombie e eu estou querendo passar algumas coisas, e no futebol é uma marca com uma relação emocional, com uma importância muito maior, mas no final das contas, eu acho que é uma marca. Se eu vejo um cara com a camisa do Corinthians e sem a camisa do Corinthians, eu vou pensar coisas completamente diferentes dele. Inclusive pode ser uma pesquisa para você fazer. Colocar a foto de uma pessoa com camiseta, e sem a camiseta, e pede para a pessoa dar três atributos de cada um. O mesmo cara, para pessoas diferentes. Tenho certeza que o resultado vai ser incrível. É louco... talvez você não tenha isso, mas o meu filtro para relacionamento passava pelo time de futebol. Inclusive tinha um cara que eu ficava, que ele não gostava de futebol, e para mim isso era uma coisa horrível. Porque ele não tinha crescido com o pai... falta uma masculinidade ali, eu achava ruim não ter esse assunto com o cara, eu achava ruim o cara não gostar que eu assistisse jogo.

**E:** É, eu já tive isso, e é uma merda.

**P:** É, mas acho que ao contrário é mais merda ainda. “Brother, você está louco, em que mundo você vive?”

**E:** Duas coisas para matar Palmeiras. Se você chegasse em um extraterrestre e precisasse contar, resumidamente, qual que é a história desse time, o que você contaria?

**P:** Acho que é um time sólido, com tradição, família, com valores. Tem uma coisa da comunidade italiana forte, do Palestra. Eu gosto do bairro que o Palmeiras está, eu gosto da Pompéia, sabe? Eu gosto daquele bairro. É muito louco, o Antonio é da Pompéia, o Antonio cresceu no Palmeiras e ele tem muitos amigos palmeirenses. O bairro é uma coisa que também diz muito sobre o clube, né? Tipo o “Morumbi” e a “zona leste”, é muito legal isso.

**E:** Dessas que você falou, qual você acha que é a principal? De ser sólido, da família, dos valores?

**P:** Eu acho que eu falaria da tradição/ família. De ter história, de ser o campeão do século, de ter muito título na história, ou de ter participado de muitos campeonatos, de ter enfrentado todas as mudanças de regulamento, de ter ídolos.

**E:** Agora eu queria que você desenhasse, ou descrevesse qual é, na sua opinião, um típico torcedor palmeirense.

**P:** Ai, meu deus, que horrível. Vai ser muito abstrato, porque eu sou horrível para desenhar. Para mim eu vejo muito uma família em uma mesa de domingo, só de palmeirense, obviamente todo mundo usa verde. Eu só vi a figura do pai masculino. Pode ser machista também, pra caralho, porque o futebol é machista. Eu não sei porque eu usaria também o vermelho, e tem um prato de macarronada, e **é um almoço de domingo, que tem a coisa da família, tem a coisa da Itália, tem a coisa de estar junto**, de todas as pessoas estão comendo macarrão e discutindo sobre futebol. Não sei, acho que eu tenho uma visão muito do que eu vivo do futebol, porque eu nunca fui muito de ir ao estádio, mas para mim **é a família italiana comendo macarrão na mesa de domingo** e depois assistindo o jogo. E tem o pai ali. E só tem homem, caralho. Não, não, tem umas mulheres, tem umas crianças também, senão vai parecer que é só amigo. Tem umas crianças, tem umas mulheres. Não, só tem uma mulher.

**E:** O que você acha que só o Palmeiras tem? De valores... Você repetiu várias vezes a questão da família.

**P:** Que só o Palmeiras tem? Eu acho que o Corinthians, apesar de ser também um time centenário, acho que ele tem menos história, ele tem uma história mais recente. Ele tem torcedores mais recentes, eu acho. E eu acho que tem uma coisa da comunidade italiana, que só o Palmeiras tem, de ter uma ligação com um país, com imigração, com valores dessa comunidade, pra mim tem esse pilar forte também de uma nação, de uma imigração que eu acho que os outros clubes não têm.

**E:** Mais um exercício de desenho: tem dois torcedores do Palmeiras. Eles se viram, não conversaram, mas eles sabem que os dois são palmeirenses. O que um pensou sobre o outro, e o que o outro pensou sobre o um?

**P:** Cadê o verde? Eu quero o verde, brother. Sai pra lá com esse azul. O máximo que eu vou usar é um preto. Puta, é muito foda isso, né? Eu estou muito pensando em palavras, é difícil pensar. Eu estou me sentindo muito uma pessoa limitada, porque eu acho que as coisas são meio óbvias, mas eu acho que rola uma coisa de parceiro, de "gente boa". Eu acho que se eu tiver em uma situação na rua onde eu vejo um palmeirense passando uma necessidade, eu vou ter mais vontade de ajudar do que se for um corinthiano. É muito louco. Se eu ver um palmeirense sendo assaltado e um corinthiano sendo assaltado, talvez eu resgate o palmeirense primeiro. Acho que tem uma coisa de uma ligação que está em uma nuvem, que é coletiva. Então eu acho que é um cara do bem, é gente boa. Sabe de uma coisa que eu gosto muito do Palmeiras? Aí eu vou citar de novo o exemplo do Marcos. O Marcos não é aquele cara obcecado pela performance. Ele é um cara que vai se divertir, que vai ter uma barriguinha, ele leva mais na boa. Por isso eu acho que tem gente que fica impaciente com o Palmeiras, mas eu acho que é isso aí, que o corinthiano tem demais, que não tolerava a barriguinha do Ronaldo, que o cara tem que estar 100%... cara, como que o Valdívia ficou tanto tempo no Palmeiras? Porque ele é esse cara que é talentoso, mas acho que é mais easy going. O palmeirense ficava muito irritado com o Valdívia, mas no final você tinha uma tolerância com o cara, porque senão ele não tinha ficado tanto tempo. Então acho

que também tem essa coisa de ser menos perfeccionista e mais tolerante, que eu não sei se é uma coisa que eu já tinha falado, mas que me caiu agora, que poderia ser um cara mais careca e gordinho, que está tudo bem. Não é tipo o Guerrero, cara forte, acho que isso é muito do corinthiano.

**E:** Tenta agora representar para mim o que você acha que é o passado do Palmeiras, o presente e o futuro.

**P:** Eu vou desenhar uma taça. O presente? Empatia e acho que também uma simpatia. O presente eu vou falar de hoje, porque se eu for falar dos últimos dez anos, a gente está se recuperando de um baque. Se você me fizesse essa pergunta dois anos atrás, eu ia falar muito mais de um clube desmotivado, meio “caindo aos pedaços”. A gente era uma casa velha e a gente está hoje reformada. Não somos uma mansão, mas a gente está reformadinha. Acho que tem uma coisa de garra e eu acho que tem uma coisa da busca... Vou colocar uma frase, ta? Eu gosto muito do Marcelo Oliveira (esse é o jeito que eu penso o Palmeiras, tem muito palmeirense que não pensa assim), que ele busca o título, mas não é a qualquer preço. O Corinthians, eu vou retrancar o São Paulo, na época do Muricy, puta que pariu, o time feio pra caralho... o importante era o título, título, título, e eu acho que o Palmeiras tem uma coisa mais gostosa com relação à isso. Eu me sinto menos comprometida. Tudo bem se a gente não ganhar o título, a gente está se divertindo aqui nessa porra. Foi o jeito que eu também comecei a entender o futebol e comecei a aceitar, porque senão você sofre muito. Uma vez que a gente está há 15, 20 anos sem título relevante (Copa do Brasil eu não conto). O futuro, eu acho que a gente está caminhando para um futuro um pouco mais – agora tem o que eu quero, ta? [risos]. Eu acho que a gente está se arrumando, eu acho que tem uma coisa da família se fortalecendo. Eu gosto muito da nova direção, eu acho que ela traz uma solidez, porque eu acho que o Palmeiras ficou um pouco perdido, e eu acho que traz uma solidez, traz um caminho certo, uma consistência. Eu acho que a gente está no caminho certo. Tem muitas peças faltando no time, mas acho que a gente está no caminho certo. E tem uma coisa, sei lá, o Zé Roberto para mim. O Zé Roberto, eu gosto muito dele, porque ele não é um cara fantástico, mas ele é um cara comprometido, essa coisa da história dele com a família, e dele ser um cara dedicado. Ele não precisa ser o cara perfeito (e não é, tem um monte de defeito),

mas ele tá lá. É difícil falar do Palmeiras, porque eu estou tentando tirar o meu olhar de irritada de torcedora, mas honestamente, pensando, no fundo, eu fico feliz, dessa clareza que a gente tem, de não ser obcecada... acho que faz mal para o corinthiano. Eu não tenho uma Ferrari, então eu vou ficar feliz com o meu Golzinho, tá tudo bem. Se me der uma Ferrari na mão, eu não sei o que eu vou fazer.

**E:** Qual é sua opinião sobre os torcedores dos outros times?

**P:** Acho que tem uma coisa do social, que já diz muito: **o São Paulo é o riquinho**, o Palmeiras é “médio-riquinho” ali também, está um pouco mais na elite, mas também tem (né, todos os clubes têm, no Brasil a população classe C é maioria, então, obviamente você vai ter), mas acho que tem uma coisa do **corinthiano ser mais o cara da classe social [baixa], o mano, o malandrão, o ladrão**, tem um estereótipo que está mis ligado à classe social, não tem jeito. Todos os estereótipos que pintam... para mim, **o Pato, hoje, é a representação da fraqueza e soberba são-paulina**. O Pato, o Raí, o Kaká... **é o branquinho, que é talentoso, que fala bem, mas meio que não se suja, fica arrumando o cabelo** [risos]. É muito louco como o Pato deu certo no São Paulo e deu errado no Corinthians. Para mim explica tudo. Ele é a cara do São Paulo. Ele é a arrogância, ele acha que é muito mais do que ele é, que ele não precisa mais provar. Enfim, acho que tem esses aspectos aí. E o corinthiano é um cara insano, escroto, não dá para discutir, acho que tem uma coisa intelectual (desculpa falar isso) que não é que todo corinthiano é burro, mas quando ele vai falar do Corinthians, ele parece menos coerente sobre a vida

**E:** Quase uma cegueira?

**P:** É, é. Não estou querendo dizendo que todos são, tenho amigos corinthianos inteligentíssimos, mas **quando entra na discussão de clube, parece que o cara entra num nível de cegueira**. Eu queria muito ver a sua entrevista com um corinthiano, que eu acho que ele vai ter menos clareza na hora de falar os defeitos do clube.

**E:** Tem um clube que você não citou em momento nenhum – o Santos.

**P:** Ah, não citei. Não tenho muitos santistas, não foi onde cresceu toda rivalidade. A estatística mostra que ele é o clube menor, é um clube da baixada, não tem estádio aqui, não tem o bairro, tem várias coisas que me afastam do Santos. E é muito louco, porque a gente está indo para a final da Copa do Brasil contra o Santos, a gente perdeu a final do Paulista para o Santos, eu deveria ter todos os motivos de me incomodar com o Santos, mas eu não tenho nenhum problema de perder para o Santos, não tenho vontade de discutir com santistas, mas acho também que é um clube com muita tradição, muita história, o Santos é um time simpático. Na verdade, acho que o Santos é um time com muitos valores que eu acho que se eu tivesse que aproximar um clube, hoje, do Palmeiras, eu acho que o Santos é o que tem mais proximidade. Até porque os dois passaram por momentos de glórias em épocas parecidas, então tem uma coisa de compartilhar a tradição e tudo mais.

**E:** E como é o típico torcedor santista?

**P:** Cara, **eu vejo um velho, sei lá, para mim falta um pouco de energia no santista.** Eu não sei se é porque ele é cutucado pelos clubes e ele não fica com essa coisa de se auto-promover, mas acho que santista é um cara menos... sei lá, eu não tenho muito contato com santistas passionais, mas até o Davi mesmo, sabe? Você vê o Davi falando de futebol e o Germano... eu acho que **o santista tem uma exigência menor em ser um clube bem sucedido. Eu acho que ele se conforta na posição de ser um clube pequeno.** Ele não tem uma ambição de ser um clube grande. Eu fico triste de saber que os torcedores do Palmeiras estão diminuindo, eu quero ser um clube grande. E o santista acha que está tudo bem, ele é o time do interior, “ah, tudo bem, eu sou o time da baixada mesmo”. O que deve ser animal, eu nunca fui na baixada, mas deve ser animal, só os jogos que eles ganham, os títulos que eles ganham.. eu estou muito feliz que a gente não vai jogar o último jogo da Copa do Brasil lá, porque ia ser muito difícil. A gente deu muita sorte, de disputar a final em casa. Se bem que em casa não é muito casa para nós. Porque eu acho que para o Palmeiras falta um pouco de identidade com o estádio novo. Tá fragmentado com essa coisa do estádio ser outras coisas, sabe? O fato dele ser fragmentado para ser Arena multiuso, você vai lá e não tem jogos lá por causa da porra do show que teve, acho que isso está prejudicando um pouco o desempenho do Palmeiras.

**E:** Para finalizar, o último exercício. É a mesma coisa que o anterior, mas o torcedor do Palmeiras viu um corinthiano e vice-versa.

**P:** Ah, que ladrão... Desculpa, vou ser totalmente estereótipo. Ai, não sei porque eu usei o preto... O que o corinthiano pensa do palmeirense? Isso não vai ser muito bom, cara. Ah, eu acho que tem uma rivalidade, mas eu vou te falar que eu acho que é o rival do passado. É que tiveram os jogos emblemáticos, em que o Palmeiras superou o Corinthians, então, acho que ficou mais forte, mas eu não consigo pensar em mais nada.

Cara, eu acho o são-paulino tão arrogante, que ele não pensaria nada sobre nenhum outro clube. Ele só consegue ver ele mesmo, sabe uma pessoa tão egocêntrica, que se eu tivesse que falar sobre o outro time, eu falaria sobre “eu [falando] sobre o outro time”? Eu sempre sou base de comparação. Eu acho que hoje o São Paulo está na merda, igual o Palmeiras, então talvez role uma empatia. Eu vou falar da relação com o Antonio, que o Antonio gosta do Palmeiras, então talvez eu esteja completamente enviesada aqui. Empatia, e eu acho que aqui rola mais uma conversa. Aqui [palmeirense e corinthiano], não rola uma conversa, aqui é “eu vou passar longe e vou atravessar a rua, não quero conversar com esse cara, no máximo eu vou dar um soco”. Aqui [palmeirense e são-paulino] pode rolar uma conversa sobre futebol. Eu acho que o Palmeiras e o São Paulo têm escolas de futebol e o Corinthians é meio (agora não, mas acho que se for lá na história), o Corinthians é mais passional, joga feio, mas o que vale é fazer gol. O que vale é ganhar o campeonato, não é nem fazer gol. Vocês passaram muito tempo sem título, aí virou uma obsessão. Vocês tinham uma obsessão exclusiva com Libertadores.

Um torcedor do Palmeiras com um do Santos, sei lá, acho que eu pensaria que é um brother, um amigo de família. E acho que o santista pensa o mesmo do Palmeiras, ia rolar uma conversa também. É isso.

### **8.3.2. Transcrição Torcedor do Palmeiras 2 (Marcos, 42)**

**Entrevistador (E):** Marcão, o que o futebol representa na sua vida?

**Palmeirense (P):** Bom, acima de tudo é uma diversão, que não é minha prioridade, mas eu gosto muito de acompanhar, como um hobby mesmo, e principalmente freqüentar o estádio, que é o que mais me agrada desse hobby.

**E:** E como seria sua vida se você não tivesse um time para torcer?

**P:** Com o passar do tempo, você consegue distinguir mais as coisas. Quando eu era mais novo seria impossível, hoje eu ficaria mais ou menos assim: fim de semana sem jogo, a gente não sabe o que fazer, mais ou menos essa sensação.

**E:** O que você acha que mudou desde que você era pequeno?

**P:** Ah, são as prioridades. As obrigações do trabalho, família... são outras responsabilidades que o futebol e o time acaba ficando para segundo plano.

**E:** E como você se descreveria como torcedor?

**P:** Eu sou fanático consciente, não brigo pelo time, mas acompanho e faço tudo que for possível para melhorar, inclusive angariar sócios pro programa, já fiz isso, já tentei achar sócios para o clube.

**E:** Entendi. Mas, quando você diz “não briga”, você não diz briga de sair na mão?

**P:** “Briga” de discussão. Não existe essa discussão de um cara falar para você que o seu time é uma droga ou vem te zuar de uma derrota e você ficar dando corda. O negócio se encerra ali mesmo e não vai muito para a frente.

**E:** Você acha que foi mais fanático do que é hoje? Você pode falar como que era?

**P:** Sim. Quando eu era mais novo, eu era bem mais fanático. Eu acompanho o time assiduamente desde os 14 anos, onde quer que seja acompanhar o time, ser sócio da torcida, eu já fui sócio da torcida, e parei de freqüentar quando rolou aquele

negócio de credenciamento da polícia, por causa das brigas. Eu nunca entrei em briga por causa disso, eu corria, como todo mundo. Como a maioria, né, tirando os caras que eram da linha de frente, mas eu ia com o ônibus da torcida, eu ia com o ônibus que a prefeitura dava, a gente encontrava a torcida direto nos metrô, nos ônibus, e aí rolava aquela tensão. Era mais assiduamente acompanhar, e, obviamente, ficava mais ferrado com as gozações.

**E:** Você sente falta desse tempo?

**P:** Para dizer a verdade, eu acho que me arriscava um pouco, né? Tudo bem que quando a gente é moleque, não vê essas coisas, mas, para dizer a verdade, não. Eu acho que agora é mais legal. Principalmente porque agora o estádio é mais freqüentado pela família, eu já levei minha filha várias vezes, é mais legal de freqüentar com as pessoas que você gosta, não só amigos, mas também familiares, e antes era um negócio mais individual. A gente ia com pouca gente conhecida, era impossível levar minha mãe no estádio e, agora, com a arena nova, ela já foi umas três, quatro vezes. Esse tipo de coisa que acho melhor hoje.

**E:** Você acha que você influencia muito a sua família? De você fazer eles serem mais palmeirenses?

**P:** Então, a minha família nunca teve divisão de torcida, sempre foi de ponta a ponta palmeirense. Meu pai casou com a minha mãe já era palmeirense, aí meus dois irmãos também, e a minha filha eu influenciei um pouco sim. A primeira coisa que eu fiz a ela foi ensinar ela a odiar o Corinthians. A partir do momento que ela começou a odiar o Corinthians, aí foi naturalmente. Ela fala que ela é palmeirense... ela não gosta, por ser menina ela não se liga muito ao futebol, eu também não insisto muito, mas ela não gosta do Corinthians e isso é uma grande coisa que eu consegui fazer.

**E:** Você tem alguma rotina própria, só para o futebol? Como o futebol está na sua rotina?

**P:** Geralmente, quando eu vou sair, e não estou perto de alguma TV, ou do estádio, eu me preocupo com o pay-per-view, assisto no celular. Ou se eu vou com meus

amigos, eu tento já me preparar, ou alguém se preparar para passar o jogo. E em dia de jogo, quando já é domingo ou sábado, a gente já desde cedo começa a falar com os amigos que vão, que a gente tem uma turminha que se encontra no mesmo lugar, ou para tomar uma cerveja, ou para se encontrar lá no lugar, e dia de trabalho, que é o mais corrido, a gente tenta sair mais cedo, deixa o carro na empresa e vai de metrô, para chegar mais rápido, essas coisas.

**E:** E durante a semana, quando não tem jogo, como é que o futebol está na sua vida?

**P:** Eu leio bastante sobre a mídia palestrina. Eu não fico vendo muito sites como Lance, UOL, até a Globo.com eu leio um pouco, porque eu acho que eles atrapalham, querem minar o torcedor e fazer jogar contra. Eu leio muito a mídia palestrina e blogs e páginas que são dos nossos torcedores, que aí as pessoas colocam coisas mais do nosso interesse, dá para dar uma filtrada nos assuntos. Tem uma página no Face que chama Palestra Il Vero. Tem umas 1000 pessoas, algumas muito influentes, até jornalistas, dono de agência de propaganda, empresário famosos que estão lá, artistas globais, e a gente segue os caras porque eles dão uma podada nas notícias e fica mais legal de acompanhar.

**E:** O que o nome Palmeiras significa para você?

**P:** A gente associa muito o time à nossa família. O Palmeiras é uma grande família, e, ainda por cima é italiana, e a gente sabe como é, a gente briga direto, está sempre unido brigando, discutindo e se amando. É uma relação de amor e ódio igualzinho uma legítima família italiana.

**E:** O desempenho do Palmeiras influencia no seu humor?

**P:** Pra caramba. O dia que perde é difícil. O pós-derrota é bem ruim, e depois vai levando a vida normal em outro dia, obviamente, se tiver que vir trabalhar, principalmente quando perde jogo importante, é bem ruim demora para entrar no ritmo.

**E:** Você lembra as suas primeiras memórias como torcedor do Palmeiras?

**P:** Eu lembro a primeira vez que eu fui no estádio, que o meu pai me levou, foi no Parque Antartica, eu tinha uns 10 anos, não lembro contra quem foi o jogo, mas eu lembro que o Palmeiras ganhou de 2x0, foi até o gol do Jorginho que eu lembro que era um cara famoso da época, e lembro que a gente não passava na TV, dificilmente passava na TV, e a gente ficava eu, meu pai e meu irmão, principalmente quando era clássico, com o radinho, ouvindo juntos.

**E:** E quais são para você as lembranças mais marcantes, para o bem e para o mal?

**P:** Para o mal, eu vou citar a fase que a gente ficou sem ganhar, que foi de 73 a 93. Como eu nasci em 73, eu não lembro de nada de título até 93. Essa foi a parte ruim de ser torcedor, e como a gente conseguiu segurar a onda até ser campeão, então não tinha como ficar mais ligado ao clube. Em 86, foi muito ruim porque eu era moleque, tava na escola, já nessa fase de não ganhar nada e a gente perdeu a final do Paulista para a Inter de Limeira, então esse dia foi muito ruim, de tudo desse período que o Palmeiras ficou sem ganhar nada, foi para uma final, ficou cheio de expectativa e perdeu para a Inter de Limeira. E eu era bem moleque, e foi aquela fase que isso era uma das prioridades, porque a gente não tem muita obrigação quando é criança, e pesou bastante.

Coisas boas, obviamente a final contra o Corinthians que a gente gritou “campeão” pela primeira vez na minha geração, eu tava lá no estádio, a gente voltou do Morumbi até o Belenzinho cantando o hino, foi uns 20 km de hino, e a Libertadores de 99, que eu fiquei 8 horas na fila para comprar ingresso, deu a volta no bairro, a gente achava que nem ia conseguir, no final das contas eu consegui e ainda foi campeão, então foi a primeira vez gritar campeão e depois a Libertadores.

**E:** E porque você escolheu torcer pelo Palmeiras?

**P:** Isso aí já veio de família. Como eu disse, todas as pessoas da casa eram palmeirenses, meu avô, minha avó, das duas famílias, era uma coisa de pai e mãe. Era uma coisa natural. Foi um negócio tão natural, que eu nem pensei “porque não

torcer...” Quando eu era pequeno, isso aí eu lembro bem, eu tinha um pouco de vergonha de falar que eu era palmeirense, por causa daquela fase, que a gente só passava vexame. Então uma vez, meu mpai, a gente estava tomando café na padaria e o cara do balcão perguntou que time eu torcia, e eu não queria falar, e meu ai percebeu que eu não queria falar, ele me deu até uma broca. Essa foi a maior influência que eu tomei para falar que time eu torcia. Mas eu nunca questioneei nem outra coisa por torcer para o Palmeiras.

**E:** E você acha que hoje o Palmeiras é uma parte de você?

**P:** Com certeza. Até pelo que eu te falei, que a gente tenta arrumar sócios, eu participo do clube sou sócio do clube e participo para que isso se reverta em coisas boas para o clube, desde ser sócio, que agora ficou meio difícil, porque quando trocou a diretoria, ficou muito cara de se associar, porque a gente quis levar sócio para o clube para ter poder de voto para tirar os caras que não tava resolvendo nada e mais atrapalhavam do que ajudava. E a segunda foi o sócio torcedor, que é o que arrecada bastante dinheiro para o clube crescer. Por esse motivo de eu participar bastante, tanto no clube, quanto no sócio torcedor.

**E:** E o que você acha que faz de você um torcedor do Palmeiras, uma característica sua?

**P:** Não sei se isso tem em outras torcidas, mas eu vou falar por mim. Eu não fico lendo muito coisas dos outros times, nem que seja para comentar. É óbvio que eu me informo das notícias, mas bastidores, eu não entro na página do seu time para ver o que vocês estão passando, a não se que seja em uma véspera de clássico, ver quem joga, quem não joga. Acho que isso tem um pouco do palmeirense, se preocupa mais com o próprio clube, até para cornetar do que ficar lendo de tudo. Aí já é fora da informação do esporte, é mais uma característica do clube mesmo. Você acaba lendo notícias que aparecem coisas do dia a dia, mas não se aprofunda nos outros, como tem outras pessoas que eu conheço, que sabem até coisas que eu nem conheço, o cara do outro time entrou na página, e você vê até pelos comentários. Às vezes você entra na página do seu clube e tem caras até de outros

times falando no final, ou para falar mal, ou para zoar, e eu não faço isso, eu acompanho mais o meu time profundamente e deixo os outros de lado.

**E:** E se alguém tivesse que definir o que faz você um torcedor do Palmeiras, o que você acha que essa pessoaalaria?

**P:** A primeira coisa era que eu sou fanático pelo clube e... não sei outra coisa. As pessoas me vêem pelo fanático pelo Palmeiras, por causa do meu dia a dia, de acompanhar e ajudar, mas não tem outra coisa.

**E:** Na sua opinião, o que faz alguém se tornar “torcedor de verdade”? O que é um “torcedor de verdade”, de qualquer time?

**P:** O cara primeiro ele quer o bem do clube, obviamente, de forma que ele vai apoiar até a hora que não der mais. Eu vejo que tem pessoas que vão no estádio e com 5 minutos de jogo já está xingando, reclamando, e a gente tenta apoiar até a hora que der, e participar do dia a dia também. Se puder ir no treino, vai apoiar, a gente faz um corredor antes do time chegar, para dar um apoio, toda vez que o time desembarca em um aeroporto, tem 100, 200 torcedores para receber. Isso é o dia a dia de participar do clube diariamente, da maneira que for possível.

**E:** Onde e com quem você costuma assistir aos jogos do Palmeiras?

**P:** Quando eu vou no estádio, desde o antigo Palestra, a gente tinha um lugar que não era numerado, mas a gente pegava uma placa de publicidade e se encontrava lá. Ninguém se falava, e a gente se encontrava lá. Agora a gente faz a mesma coisa. Como a cadeira é numerada, a gente arrumou um lugar, uma mureta, que dá para ficar os amigos sem ter que ficar pegando lugar marcado. Quando não é em casa, ou quando eu não posso ir, eu tento ir em algum bar, ou na casa de alguém com pay-per-view, mas geralmente com 2 ou 3 amigos e com meu irmão, que a gente tá sempre junto. Por exemplo, agora vai ter a final quarta-feira [Palmeiras x Santos, na Copa do Brasil], a gente jê escolheu um bar para ir todo mundo e assistir.

**E:** Você acha melhor ver o jogo sozinho, ou com mais pessoas?

**P:** Dificilmente eu vou sozinho, eu sempre tento arrumar um amigo. Como a gente já tem essa turminha que vai sempre, a gente nem fica se falando muito, a gente nunca fica sozinho, mas se algum dia eu ver que ninguém vai e eu tiver que ir sozinho, eu vou pensar 2 vezes antes de ir. Porque é legal ir com amigo, acho que é costume nosso. Já fui várias vezes sozinho. Na hora que o jogo começa você assiste normalmente, acaba fazendo amizade na hora com outros torcedores, comentando, mas é legal todo percurso, ir junto, tomar cerveja, ir embora junto.

**E:** E você acha que ser palmeirense já facilitou ou dificultou algo na sua vida? Você acha que também é mais fácil fazer amizade com palmeirense?

**P:** Não, eu tenho muitos amigos de todos os times. Algo que facilitou é... sei lá, um cara conseguiu ingresso e falou assim “ah, eu vou dar pro Marcão porque eu sei que ele gosta”. Coisas assim, nada além disso. O dia a dia é normal.

**E:** O fato de ser torcedor do Palmeiras te aproxima ou afasta de algumas pessoas? Acha isso besteira?

**P:** Quando as você torce para o mesmo time, já gera uma afinidade imediatamente. Quando entra um cara novo no trabalho, e fala que ele é palmeirense, você já tem assunto sem conhecer assunto, sem conhecer você já tem uma afinidade, já facilita um pouco o relacionamento.

**E:** Você tem alguma mandinga, algum ritual?

**P:** A única coisa que eu faço, que é até recente, eu comprei a camisa, por exemplo. Se eu for uma camisa que eu for em um jogo e perder, eu já vou ficar com isso na cabeça. Se eu for de novo e perder de novo, pode ser até que eu use ela pela rua, mas se for no jogo eu nunca mais vou usar. Eu estou com duas encostadas, uma delas é a verde-amarela que foi feita para a Copa, eu fui em 2 jogos, perdeu, nunca mais usei.

**E:** E você tem algum produto além de camiseta?

**P:** Eu tenho acessórios. Chaveiro, tenho aquelas mini-bolas, que eu comprei até para minha filha, tenho mais coisas. Eu tenho o cachecol, copo, um monte de copos, mais acessórios, para casa.

**E:** Você lembra porque você comprou esse produto, ou você ganhou?

**P:** Copo eu ganhei de aniversário, foi um jogo de copos do Palmeiras, o cachecol eu comprei na loja, eu tenho alguns outros de times europeus, do Brasil só do Palmeiras, eu tenho uma coleção, e queria ter do Palmeiras também.

**E:** E como você se sente quando você usa esses produtos? Tem alguma coisa especial, ou não? E quando você veste a camisa?

**P:** Quando vai amigo em cãs, eles tem que tomar nesse copo, gostando ou não vão TR que tomar nesse copo. Em especial, o cachecol já levei no estádio como souvenir, como se fosse uma bandeira. A camisa eu fico com muito orgulho. Às vezes, até o time perdeu e no outro dia eu ponho a camisa para mostrar que eu sou palmeirense mesmo e não tem dessa de usar só quando o time ganha.

**E:** Se você precisasse contar resumidamente a história do seu time para alguém que nunca ouviu falar, o que você falaria?

**P:** O Palmeiras é um time grande, um dos maiores do Brasil, ele já conquistou muitos títulos, a torcida é muito apaixonada, de vez em quando ele passa um vexame, normalmente um por ano, um negócio muito feio, mas isso faz com que a torcida fique cada vez mais fanática, como tem sido nos últimos anos. Depois que construiu o estádio, que é um dos mais bonitos do Brasil, parece que a torcida ficou mais ligada ainda e o time melhorou e as pessoas estão olhando para o clube de outra maneira.

**E:** Na sua opinião, qual a característica principal do torcedor do Palmeiras?

**P:** É igual eu falei, que a relação de amor e ódio, você pode apoiar 90 minutos, tem uns até que não fazem isso, que eu não acho certo, mas, depois, se não ganhar, ou passar um vexame, segura que o bicho vai pegar, e os caras vão para cima e é uma relação de amor e ódio bem forte.

**E:** Eu queria que você desenhasse ou escrevesse como você enxerga o típico torcedor palmeirense.

**P:** Se eu for desenhar, você não vai entender nada.

**E:** Você compra camisa todo ano?

**P:** Sim. É muito caro sustentar esse monte de modelos que saem, mas eu compro uma por ano, duas no máximo. Geralmente os caras que eu conheço que não têm muitas obrigações, filhos, escola, essas coisas, eles gastam muito dinheiro com o clube, principalmente com roupa. São essas coisas: eu estou precisando reformar alguma coisa em casa e fazer uma melhoria no carro, e isso aí vai ficando para um segundo plano.

Eu coloquei: o torcedor do Palmeiras é muito fanático, ele **considera o time como se fosse um membro da família**, ele pode brigar e depois de 5 minutos já estar tudo bem.

**E:** O que você acha que o torcedor do Palmeiras tem, que nenhum outro torcedor de outro time tem?

**P:** Eu vou tocar de novo nesse ponto da família. As pessoas que se relacionam com o mesmo time têm um laço como se fosse de irmão, um irmão mais velho, essa relação.

**E:** Tem mais um exercício: Dois torcedores do Palmeiras se encontraram na rua. Eles não se conhecem, mas sabem que torcem para o mesmo time. O que cada um pensou sobre o outro?

**P:** Você sabe que isso é engraçado, né? Porque se a gente encontrar um outro torcedor com camisa pela rua, a maioria das vezes a gente nem se olha, passa batido, não fala nem “tudo bem, beleza?” Mas no estádio é diferente. Mas, se você for na padaria, tomar um café, você não fala nada. Mas pensar, deixa eu ver... essa é difícil. Às vezes até rola um papo, se o time está indo bem, se não está, rola um comentário...

**E:** Mas não tem nada? Eu, por exemplo, se vejo um são paulino eu já penso “será que esse é um são-paulino de verdade, ou é um são-paulino típico”? Dá até uma raiva pela situação do time

**P:** Então, geralmente, o torcedor do Palmeiras que usa camisa não tem muito isso de que ganha ou perde. Então o pensamento inicial é que o cara é firmeza, é fanático, porque quem usa camisa é um torcedor fanático. Então vamos colocar assim: “esse cara é fanático igual a mim”. E o fanático é igual eu falei aquela hora. Não é minha prioridade, eu sou fanático porque eu gosto do clube, mas você pode ser fanático consciente. Deixar as coisas nas suas devidas ordens.

Vou por assim: “estou tranqüilo aqui com mais torcedores do meu time”. Parece que não, mas é assim. Se você vai em um lugar e tem mais torcedores do seu time, dá uma segurança, mais ou menos o princípio da torcida organizada, você não quebra nada, mas se sente seguro.

**E:** Agora, tente desenhar em uma mesma página, como você vê o passado, o presente e o futuro do seu time e dos seus torcedores. Pode também escrever.

**P:** O passado se divide em 2 partes: tem a década de 70, que é a geração que mais deu orgulho aos torcedores, que era a que tinha Ademar, aquele time que ganhou tudo. O passado recente, um clube com dirigentes de pensamento antiquado, levando o time para o fundo do poço. Esse é o passado de 10 anos atrás. Acabou a era Parmalat, virou esse retrógrado.

O presente é a era do Paulo Nobre. Visão moderna, com investimentos. O clube tratado como empresa, que é o que tem que ser. Não como uma empresa de

família, e sim como uma grande marca. Para gente seria com algumas alegrias e muita esperança.

O futuro talvez eu tenha dado até uma forçada, mas é o que eu vejo daqui para a frente. Se continuar do jeito que está, com os investimentos, com o estádio, em um futuro próximo pode ser que supere até a Academia em conquistas.

**E:** Agora a gente vai falar mal dos outros times [risos]. Na sua opinião, como é um torcedor do Corinthians?

**P:** Primeira palavra que vem, para mim, é chato. Porque eles não sabem, **a maioria não sabe discutir futebol com sensatez**. Por exemplo, nesse ano teve esses jogos que todo mundo viu que o juiz estava ajudando. E o cara mesmo sabendo disso, ele fala que não foi e continua curtindo. Por exemplo, se o Palmeiras ganhar com um pênalti que não foi ou gol impedido, eu não fico totalmente à vontade. Como a gente geralmente é prejudicado, o dia que ajuda, a gente já sabe como é ser garfado, e o corinthiano não, ele acha que tá tudo bem. E eles **levam a conversa de futebol puxando para o time deles, para levar vantagem**.

**E:** E o torcedor do São Paulo?

**P:** O São Paulo, os caras que eu conheço... tinha uma fase, quando o São Paulo ganhava tudo, **que era mais difícil de conversar porque os caras se achavam**. Mas eu acho que consigo ter uma conversa mais de alto nível, de esporte, independente de ganhar ou perder, eu não vejo um problema.

**E:** E o santista?

**P:** O santista... se ele ouvir, vai ficar muito puto comigo, mas **o santista usa a geração do Pelé como base para ficar contando vantagem**. O time ganhou um monte de coisas, com Libertadores, Robinho, Diego, Neymae e Ganso, mas **acho que eles ainda vivem no passado**.

**E:** Se você tivesse que definir, com uma palavra só, um corinthiano...

**P:** Chato.

**E:** São-paulino?

**P:** Metido.

**E:** Santista?

**P:** Velho.

**E:** Agora é um exercício. É um torcedor palmeirense que vai se encontrar com um cara do outro time. O que você acha que o palmeirense pensa dele, e o que ele pensa do palmeirense?

**P:** Isso é difícil, hein? São Paulo e Palmeiras não é nem rivalidade, é treta mesmo. Quando é Palmeiras e Corinthians parece que se respeitam mais.

**E:** É, São Paulo briga com todo mundo agora, São Paulo se isolou.

**P:** Tem um amigo meu que aposta todo ano, com a turma lá do churrasco, e ele é são-paulino, que ele fala “eu aposto whisky ou vodka quem vai terminar na frente”. É o quarto ano que ele ganha. Eu nem aposto mais. A gente está mal há anos.

Do corinthiano coloquei aqui: “Esse cara deve ser maloqueiro”. E ele fala: “lá vai o porquinho”. Eles falam isso toda hora.

O santista não tem como não pensar em uma coisa dos avós dos caras. Eu escreveria: “Seu avô deve ter te contado ótimas histórias do Pelé”. E o santista, o que ele acha do palmeirense? Se bem que os caras fica aí se matando pela rua, né? A torcida do Palmeiras com a do Santos. Depois eu penso mais nessa pergunta. Não sei o que botar no santista. Ah, eu vou colocar aqui o que os caras falam, que podia ter colocado até para todos os outros: “vocês não têm mundial”. Isso aí os caras falam direto, tem até os memes aí.

**E:** Tudo bem. Como você vê o futuro desses times daqui a 10 anos? O time a torcida.

**P:** O Corinthians do jeito que está hoje, dificilmente algum clube vai conseguir se igualar, por conta da estrutura que eles têm hoje, e da quantidade dos torcedores, que é mais do que o dobro de todos os outros (sem considerar o Flamengo). E a torcida tem apoiado bastante. Então eu acho que o Corinthians, com a visão empresarial, e com o apoio da torcida, dificilmente alguém vai conseguir chegar à altura nos próximos anos.

O São Paulo está na pior fase que eu me lembre. O time que eu vejo eles como o Palmeiras estava há uns anos atrás. Um time com uma diretoria retrógrada, com brigas internas, então enquanto não limpar tudo isso e botar uma gestão com visão empresarial e só se empenhar em ver o time crescer, não vai ter futuro, vai piorar. Se continuar com briga, vai acontecer igual o Palmeiras, vai cair para a segunda divisão, vai ter que dar um basta e começar do zero. O São Paulo chegou no ápice do crescimento e agora vai só manter. Porque a gente via muito a molecada, quando o time ia muito bem, o moleque vai no embalo, que ganha de todo mundo, e o São Paulo fez muito isso, mais de uma década. Não é a toa que ultrapassou o Palmeiras em número de torcedores, quase 50% a mais, por causa dessa década que rolou o bi-mundial, dessa geração que deve estar com uns 30 anos. E agora eu vou entrar nessa questão que tem que mudar a gestão e o modo de gerir o clube para alavancar de novo.

O Santos está sempre no mesmo nível. Ele conquista os títulos, mas não progride. Talvez com um estádio maior, melhor, com uma reforma alavancaria mais grana, mais torcedores. Eu acho que é uma gestão enxuta e eles conseguem se manter no mesmo nível por vários anos, mesmo porque eles revelam jogador todo ano, então ta sempre gerando receita. Eu não vejo crescimento da torcida do Santos, óbvio que quando teve a era Robinho, Neymar, teve crianças que torciam para outros times e acabaram mudando, ou não tinham time e começaram a gostar do Neymar. É igual hoje, que os moleques usam a camisa do Barcelona. Pode ser que ele usasse a camisa do Neymar do Santos e agora use a camisa do Neymar do Barcelona, mais

por causa do jogador. Eu não vejo crescimento. O time se mantém estável, mas a torcida eu não vejo crescimento, como outras vão crescer.

**E:** Se você pudesse dar um recado para qualquer torcida, menos do Palmeiras, que recado você daria?

**P:** Isso é difícil, hein? Eu acho que cada um deveria se preocupar mais com seu clube e evitar violência com outros torcedores e usar o futebol como uma diversão, igual a gente trata na empresa, na escola, ou com os amigos.

**E:** Para finalizar, como você se sente sendo torcedor do Palmeiras?

**P:** A torcida do Palmeiras, principalmente na mídia, o pessoal desfaz um pouco do time, às vezes vira um pouco de chacota, porque a mídia desfaz um pouco, porque eles torcem para outros times e eles querem ver o circo pegar fogo mesmo, né?

Então, eu vou te falar o momento atual. Eu estou satisfeito com o time, com o que está sendo feito, deu até um pouco de orgulho agora, por tudo que o agente passou e como está agora e, no geral, até pelo que a Globo faz, de tratar os clubes diferentes, mesmo de pagar as cotas diferentes, e alguns canais desfazer um pouco do clube, é um pouco chato.

**E:** A última, se você pudesse mudar alguma coisa na sua relação com o seu time e com o futebol, o que você mudaria?

**P:** Eu queria conseguir deixar um pouco de lado, porque quando está em uma fase ruim atrapalha um pouco. Se no dia seguinte que o time perde, você se sente mal, teria que deixar isso irrelevante. Acho que só isso. Por conta de vários fatores de esquema, que o futebol não está 100% confiável, deixar isso em segundo plano e tentar não ligar tanto quando o time perde ou quando acontece alguma coisa lá dentro que a gente não gosta.

### **8.3.3. Transcrição Torcedor do Palmeiras 3 (Pedro, 26)**

**Entrevistador (E):** Me fala um pouquinho de você, inicialmente. Me fala que time você torce, o que você faz.

**Palmeirense (P):** Meu nome é Pedro, sou palmeirense e sou publicitário. Eu sou palmeirense desde 1995. Eu nasci, meu pai era palmeirense, só que ele nunca quis fazer eu virar palmeirense, ele era um cara bem tranqüilo, e meus amigos do prédio me davam roupas do São Paulo, e eu fui são-paulino na minha infância. Só que eu ia em todos os jogos do Palmeiras com o meu pai, tinha camiseta, mas eu me dizia são-paulino só porque eu tinha meus amigos. Até que, acho que 1994, por aí, eu comecei a perceber mais o que era o futebol, que eu comecei a entender futebol, vi que era o time da minha família, que eu tinha ido em todos os jogos, e virei palmeirense. Fui até meu pai, na sala, tava assistindo ao jogo do Palmeiras, o meu pai, eu estava brincando no quarto, aí levantei, fui até a sala e falei “pai, agora eu sou palmeirense, eu queria ser palmeirense”. Aí ele falou “beleza”. No dia seguinte ele já me trouxe uma nova camisa e me fez palmeirense. Então eu não sou palmeirense desde que eu nasci.

**E:** Então por um bom momento você teve os dois times te dividindo?

**P:** É, não foi dividido, porque eu não sabia o que era futebol, mas tinha vídeos meus de criança cantando a merda do hino do São Paulo. E isso é triste.

**E:** Que louco. Mas seus amigos deram coisas do São Paulo, também?

**P:** Davam, porque eram amigos mais velhos do prédio, sabe, moleque já adolescente? Era um prédio que tinha muita gente, então eu era como se fosse a nova criancinha do prédio, então eles compravam, cantavam o hino, o São Paulo estava, ao mesmo tempo que o Palmeiras tinha um puta time, o São Paulo também estava sendo bi campeão mundial. E meu pai era bem tranqüilo, o cara era fanático, mas ele não tem esse tipo de impor e tal. E eu dou umas broncas, falando assim: “como você me deixou ser palmeirense [são-paulino]?”, essas coisas, e ele fala “ah, você faz o que você quiser, o São Paulo era um time bom também, e deixei você ser são-paulino”. Aí eu fiquei meio puto com ele um tempo, depois, mais velho. Eu ficava questionando, mas eu falei “ah, foda-se”. Mas eram meus amigos um pouco mais

velhos, adolescentes, 16, 17 anos, e sempre fazendo festa, e tinha muito são-paulino no prédio. Até o pai do cara, então ele comprava o uniforme, flâmula, porque eu lembro que tinha flâmula com o hino, então eu estava aprendendo a ler e decorei o hino, esse tipo de coisa assim.

**E:** Era uma lavagem [cerebral] bruta?

**P:** Foi uma lavagem cerebral de merda.

**E:** E você conseguiu sobreviver, basicamente, por causa do seu pai?

**P:** É, por causa do meu pai e o convívio que eu tinha com o Palmeiras, porque apesar de eu me dizer são-paulino, eu usava a camiseta do Palmeiras, além de ter a do São Paulo, e eu ia a todos os jogos do Palmeiras, eu nunca tinha ido a um jogo do São Paulo. Uma vez eu enchi o saco do meu pai e ele me levou no jogo do São Paulo, eu lembro até hoje, foi um jogo no Morumbi, e só isso, mas eu fui em mais de centenas de jogos do Palmeiras com meu pai, ia em todos, meu pai ia em todos os jogos, ali em 93, 94 e 95, assistimos um time bom até, e ia com a camiseta do Palmeiras... eu lembro até do meu pai dizer na arquibancada, uma vez, que eu era são-paulino, e eu fiquei puto, com medo. Mas eu vivia isso, meu pai assistia jogo, então eu assistia jogo junto. Eu não era aquele torcedor “ah eu não torço pro Palmeiras”, eu era criança, nem sabia o que era futebol. Quando eu entendi o que era futebol, entendi que eu gostava do Palmeiras.

**E:** E como você acha que seria sua vida, se você não tivesse um time para torcer? Já que você já viveu quase dois times.

**P:** Como seria? Ah, não sei, cara, porque no Brasil é o esporte que você convive e curte, e eu acho que não teria graça, porque o Palmeiras, pensando no time de futebol, o que o Palmeiras trouxe tiveram várias coisas na minha vida, por exemplo, amizades, momentos que sem o futebol não teria graça. Não consigo entender como a pessoa fala assim: “ah, eu não gosto de futebol”. Por exemplo, assistir à final do seu time no estádio, ou começar a ficar nervoso no final de qualquer joguinho, e não ter esse tipo de sentimento que eu gosto, que é o esporte. Então, por exemplo, eu

não tenho um time de basquete, um time de qualquer outra coisa. Teu clube é ter algo para você torcer ali, que é um momento que você fala “não, agora vai ser futebol”, então você se reúne com palmeirense, você sente a mesma coisa que ele, você sabe o que ele está sentindo, é uma coisa bem engraçada, porque pode ter pessoas completamente diferentes, eu tenho amigos que fazem sei lá o que e outros fazem uma coisa nada a ver, a gente não se vê muito na vida real, mas quando a gente está no campo, a gente sabe que sente a mesma sensação, e isso é legal.

**E:** E qual é essa sensação?

**P:** Ah, a sensação é inexplicável, cara. Tem até aquela frase do Mauro Beting, que “explicar a sensação de ser palmeirense a um não-palmeirense é impossível, e explicar o que é ser palmeirense para um palmeirense é desnecessário”, acho que é uma coisa assim, sabe? Mas é uma sensação de pertencer a algum lugar, você pertence àquilo, você faz parte do clube, da história do clube, muito mais que os jogadores. Você faz parte do Palmeiras. E quando você faz parte de um time, você é torcedor, você se sente parte daquilo, dos momentos. Eu lembro de um jogo, Palmeiras x Flamengo, Copa do Brasil de 99, eu sei onde eu tava, sabe? Eu sei onde eu tava sentado naquele momento, eu sei com quem eu estava (eu tinha 11 anos), eu sei qual lugar da sala, qual amigo do meu pai estava, esse dia em casa. Eu lembro, por exemplo, quando o Palmeiras ganhou a Libertadores, onde meu vô tava sentado e a frase que ele falou quando o Zapata foi cobrar o pênalti. É esse tipo de sensação que eu levo para a minha vida, momentos do Palmeiras que você lembra. Palmeiras x Sport, lembra aquele jogo que aconteceu aquilo? Pô, eu lembro que amigos estavam no estádio, o que a gente fez antes, é meio que um momento da sua vida, assim, que você vai levando.

**E:** Meio que faz parte da sua vida, né? Não tem o Palmeiras e a sua vida.

**P:** São as duas coisas juntas, é uma coisa que agrega. Eu gosto, por exemplo, de luta, eu já lutei, é uma parte da minha vida. Tem a música, que eu tenho banda, que eu toco guitarra, e tem o Palmeiras, que entra como uma outra coisa que quando eu estou vivendo aquele momento, é um momento único na minha vida que eu vou levar para o resto da vida, sabe?

**E:** O que o Palmeiras significa para você?

**P:** É que eu estou em uma fase meio ruim com o Palmeiras, tá? Inclusive, os torcedores do Palmeiras devem estar. Eu não sou mais um adolescente cego. Ele significa... ah, eu nunca tinha pensado nisso... Ah, eu sinto o Palmeiras como uma grande família, cheio de agregados. O Palmeiras é uma família que você encontra um cara no jogo, ou um cara da minha família mesmo, um parente, a gente se encontra e é como se fosse um momento em família, sabe? É isso que eu sinto. E é bom que é aquela coisa, sabe, “hoje eu vou passar a tarde com a minha família”, aí você vai almoçar no almoço de domingo, e você tem um tempo só para aquilo? Quando eu falou “hoje eu vou assistir ao jogo do Palmeiras com tais pessoas” é como se fosse uma reunião de família para celebrar o time, que é a causa de tudo isso.

**E:** Você acha que esse sentimento de família representa até quem nem é da sua família? Com os outros torcedores você sente isso?

**P:** Sim, é isso que eu pensei, é isso que eu quis dizer. Porque muitas vezes eu vou no jogo sem meus familiares. Meu pai não vai mais no estádio, meu irmão vai de vez em quando.. eu não estou indo muito, mas eu já fui bastante. Mas é aquele momento quando eu penso em família, eu vejo muito que tem um cara que é dono do bar, que é o Isidoro, que é um dos fundadores da Mancha Verde. É um cara que eu ia no bar dele desde que ele tinha uma sede em 2006, dentro da Mancha Verde, ele abriu um novo bar e eu fui acompanhando aquilo, como se fosse Godfather. Sabe Godfather? Ele tem até uma tatuagem do Godfather. E eles sempre me recebeu muito bem e todas as pessoas em volta. Então eu comecei a ver caras bem mais velhos que freqüentavam aquilo, era como se fosse uma grande família. Então eu me sinto parte da família do Isidoro, eu sou muito bem tratado por esse cara. Assim como eu vou encontrar um amigo que eu não vejo há muito tempo e eu falo assim “vamos no jogo?”, que a gente ia no jogo quando era criança, aí ele fala “pô, eu vou”, aí ele leva um amigo dele, aí leva um outro, e você sente aquilo, tem aquele abraço, aquela torcida, porque a gente está sentindo a mesma coisa que uma família sente. Só quem é da sua família sabe o que é almoçar no domingo, ali com

seu pai, com seu vô, com sua vó, o que acontece, então só palmeirense sabe o que é entrar no Parque Antártica ali, no Palestra Itália, sentir aquilo e assistir um jogo junto. Então é essa grande sensação em torno do “Parmera”, que é a causa e o motivo disso tudo.

**E:** E você falou que você já foi um pouco mais aficcionado.

**P:** Eu já fui mais. Ah, porque... eu ainda não trabalhava, era época de adolescente, até entrar na faculdade, dentro da faculdade eu ainda era... eu ia em todos os jogos, eu era meio cego ali. Eu não ligava que o Palmeiras estava perdendo, que eu estava gastando dinheiro, ou qualquer outro tipo de coisa. Eu só queria ter alguma coisa naquele momento para pegar e curtir. Eu não sei se eu já tinha na cabeça que eu já tinha que trabalhar, ou namorada... sabe quando você não sabe o que você vai fazer? E o Palmeiras eu tinha certeza que ia ser pro resto da minha vida, então era o lugar onde eu mais me apegava e freqüentava. Encontrava as pessoas, já fiz parte de torcida organizada, viajei atrás do time. Para mim, a razão da minha existência naquele momento era o Palmeiras. Eu não sei se essa menina eu vou namorar para o resto da minha vida. Não sei o que eu vou prestar na faculdade ou o que eu vou ser. Mas o Palmeiras eu tenho certeza que é para o resto da vida, e eu ia atrás dele, eu freqüentava. Era legal, era gostoso, apesar de perder bastante, de estar em uma fase ruim.

**E:** Mas porque você acha que você está acompanhando menos o time?

**P:** Eu estou menos não só por causa do time, mas por causa do futebol como um todo. Você vê muita malandragem, muita coisa acontecer, que o valor do torcedor, do que significa o clube Palmeiras, ou qualquer outro clube, ele é deixado de lado. O único clube que você vê ainda que o clube pode ser maior, é o Corinthians. Você vê que ta dando certo, sabe, que dá certo. Que tem a torcida, os caras souberam cuidar disso. E o Palmeiras é tão grande quanto o Corinthians, mas não soube aproveitar isso. O Palmeiras fica com uma briguinha interna entre a gestão, uma coisa de time de bairro, que você vê um conselheiro brigar com outro conselheiro por causa do ingresso da cadeira cativa, em vez de brigar por uma coisa maior que é o Palmeiras, ou o que a torcida representa para o Palmeiras. Então você começa a perceber isso.

Você começa a perceber que gasta maior grana, eu fico nervoso, não consigo dormir à noite quando eu vou no jogo, fico puto, soco a parede, já chutei poste e quase quebrei a canela. Ver você passando por esse tipo de nervoso e os caras lá, até jogador, você não vê essa reciprocidade. Então eu comecei a perceber isso e comecei a dar valores a outras coisas na minha vida. No trabalho, mais a minha família, agora eu prefiro assistir jogo com meu pai na casa dele, antes eu não ia lá nunca, eu falava “eu vou pro estádio, pai”. Então eu voltei a assistir o jogo com meu pai. E também o lado emocional, que eu ficava muito nervoso, discutindo, chorava de raiva, essas coisas. Eu percebi que não precisava ser tão emocional o futebol. É o time que eu torço, fico feliz quando ganha, quando perde eu fico puto, mas eu não deixo levar tão para o emocional tão forte, a ponto de perder a razão.

**E:** Se alguém, uma pessoa de fora, precisasse definir por que você é torcedor do Palmeiras. O que essa pessoa diria? O Pedro é palmeirense por causa “disso”. O que você faz, que faz de você palmeirense?

**P:** Eu faço uma coisa típica de um palmeirense. Os caras vão falar assim “o Pedro gosta do Palmeiras porque...” pensando em estádio, em um momento de estar no jogo... “ele chega cedo no estádio, ele vai nos bares que tem em frente o Parque Antártica, come uma porpeta, alguma comida italiana que é o que tem ali na frente, toma uma cerveja, senta ali e, não importa quem esteja, começa a relembrar momentos do Palmeiras, e jogos e a história e começa a conversar sobre o Palmeiras, e o Palmeiras vai perder e ele sai e vai voltar e foda-se”. Acho que é isso.

**E:** Você falou de comer a comida italiana. Você acha que esse traço italiano é presente na torcida do Palmeiras?

**P:** Demais. Ele é muito presente. É bastante presente. É porque o Parque Antártica é um estádio que ele tem aquela rua com um monte de bar, pizzaria, cantina e família, e você vê aquela reunião da família. Típico “parmerense”: é o gordinho, com a camiseta colada, aquela regata... o gordinho com a maionese, ou com o catchup que caiu na pança, uma latinha de cerveja na mão, com o filhinho gordinho indo pro estádio... tem muito isso ainda. Tirando a parte organizada, a torcida mais normal, tradicional, que faz parte da organizada, está muito presente. Você vê a nonna indo

no jogo, você vê bastante essa coisa de família: o vô indo com o filho e com o netinho e a netinha. Você vê isso na torcida do Palmeiras. Em frente, nas pizzarias ao redor do estádio.

**E:** Idade não é uma questão, tem pessoas de todas as idades?

**P:** De todas idades, tem bastante.

**E:** Se você precisasse falar qual a principal característica do torcedor do Palmeiras, qual seria?

**P:** Cara, a principal característica é que a torcida do Palmeiras é uma torcida muito fiel. Não fazendo comparação como Corinthians, mas é uma fidelidade do tipo “é difícil torcer para o Palmeiras”. Quando ele acha que vai, ele acredita, aí fica puto, cai na desgraça, sabe? Você acha que vai, só que não, é uma merda. Você deve saber como é o Palmeiras... Então você acha que vai, e torce, e você fala “esse ano vai ser foda”, e você começa a ir em todo jogo, e no final, puta, você toma no cu, perde, e foda-se e cai na desgraça... só que daí você volta a torcer. Ele é muito fiel e sofre. É difícil torcer para o Palmeiras. Falam que o Corinthians é “sofredor”, mas, sei lá, é muito mais difícil torcer para o Palmeiras. Tem aquela tretinha, aí nada dá certo, é zica, é difícil...

**E:** Que tipo de tretinha?

**P:** Ah, tretinha interna, de diretoria, que faz a porra do Palmeiras desabar. Em vez de você pensar em uma coisa maior, os caras ficam discutindo internamente quem vai ser o conselheiro daquela bosta. Isso é briga de síndico de condomínio, não sei... Sabe, esse tipo de coisa? Mas a torcida do Palmeiras é um sofredor que não arreda o pé. Ele não vai arredar o pé. Por mais que ele tenha perdido para caralho, você deixa de ir um pouco no estádio, mas, meu... vai ter jogo, você quer saber quanto está o placar, você vai ficar nervoso. E vai perder de novo e você vai ficar “puta, vai tomar no cu”, e na quarta-feira você vai pegar de novo o rádiozinho, ou está no trabalho e vai arrumar uma TV e vai tentar olhar quanto está o jogo. Não arreda o pé

apesar de saber que não vai. Mas a esperança é uma coisa que não acaba, sempre vai ter esperança. Porque o verde é esperança, né?

**E:** Cara, eu queria pedir para você desenhar ou escrever como é o típico torcedor palmeirense. Se você quiser escrever, o que você achar melhor.

**P:** Bom demais, isso aqui vai ser da hora. É um gordinho. Aqui vai ter uma cerveja, ou qualquer coisa que ele queira. Ele tem a parte da comida italiana, que são as coisas que agregam ao futebol, não é só ir lá assistir ao jogo. Tem essa coisa da colonização italiana, então vem essa tradição, então pode ser um pedaço de pizza. **Ao mesmo tempo que ele chora para caralho e é triste, ele vai ser feliz, sabendo que ele gosta do Palmeiras, porque a gente vive isso muito.** É um choro de tristeza, não de alegria. Ao mesmo tempo que ele é triste, ele tem momentos de raiva no domingo à noite. Na segunda, na terça, ele já vai estar preparado para o próximo jogo, feliz como se fosse mais um momento em família. Ele se renova. É tipo brigar alguém da sua família, mas no próximo jantar você já consegue conviver, tem outras coisas da família que você vai trazer, que não só a raiva e a tristeza.

**E:** É uma coisa muito dividida... a alegria, a tristeza.

**P:** É. É como é o futebol, né? É que hoje está em uma fase muito ruim.

**E:** Você acha que isso afeta os torcedores, a fase?

**P:** Afeta bastante. Afeta porque a fase do Palmeiras está muito ruim há muito tempo, então em um jogo ou outro, você perde alguns torcedores, sabe? Mas a fase como está, é uma coisa que você perde já na infância, gerações de torcedores, eu sinto muito isso. A gente vai perder gerações de torcedores. É obrigado na minha opinião criança entrar de graça, crianças até 15 anos, porque o cara entrando de graça, pensando em famílias mais humildes, o filinho dele entrando de graça, ele vai poder ir em todo jogo com o pai, porque hoje está caro o ingresso. Você pega um cara mais humilde para ir em um jogo e ele se mata, ele gostaria muito de levar o filho, mas ele não pode porque ele tem que pagar o ingresso do filho. Se ele começa a

levar a geração infantil, essa geração vai chegar na escola, vai chegar em qualquer lugar e vai falar “eu sou palmeirense, eu fui no jogo sábado, vou em todo jogo”. O amiguinho da escola começa a ver que o amigo palmeirense tá indo no jogo, que existe alguma coisa assim, você começa a criar um negócio que é mais importante é a torcida, e a gente tá perdendo torcedor. E é uma fase desde 99, beleza, a gente ganhou a Libertadores, mas de lá pra cá foi uma bosta. Um paulista, uma Copa do Brasil, duas série B, então são 15 anos, é uma geração já de torcedores... quantos pais palmeirenses agora têm filhos são-paulinos, corinthianos.

**E:** O que você acha que um torcedor do Palmeiras tem, que nenhum outro tem?

**P:** Eu acho que a tradição do Palmeiras é mais forte que a de qualquer outra torcida. De história... foi o primeiro time paulista a ser vencedor, a ganhar grandes títulos. É o time que disputava com o Santos, era o time que batia no Santos na época do Pelé. Então foi o primeiro grande campeão, primeira grande academia, único time que jogou com as cores da Seleção Brasileira, tinha uns caras foda, era um time que tinha o nome “Palestra Itália”, aí em 42 teve que mudar o nome para Palmeiras, na Arrancada Heróica, tem tudo isso. É uma tradição italiana, é descendente de italiano e os italianos são muito fortes. Italiano é uma coisa muito tradicional, de família. Você tem isso de família e tradição e isso foi levado pelos torcedores, e acho que isso é o que tem de maior.

**E:** Dois torcedores do Palmeiras se encontram na rua, eles não se conhecem, mas eles sabem que os dois são palmeirenses. O que um pensou do outro, o que o outro pensou do um?

**P:** Tem dois momentos: um é o cara pensar: “esse cara é guerreiro”. Pra torcer pro Palmeiras, tem que ser guerreiro. O outro pensa: “é da mesma família que eu e támo junto”. E outra coisa que eles pensam é “esse cara odeia corinthiano igual eu”. Esse cara vai pensar “esse cara sofre”, mas também vai pensar “támo junto, que eu sinto tudo isso que ele sente também”. E o outro fala “ah, ele odeia corinthiano, e eu também odeio”. Corinthians é o nosso maior rival. Não tem nada pior que o Corinthians. Não gostamos do São Paulo, não gostamos do Santos, mas eu acho que a rivalidade com o Corinthians é bem maior do que qualquer outra. É uma coisa

histórica, que começou bem antes. Quando o São Paulo nasceu, já tinha 20 anos de disputa entre esses dois caras, é uma história bem maior.

**E:** Agora mais um: se você puder desenhar o passado, o presente e o futuro do Palmeiras.

**P:** O passado do Palmeiras é vitória. Time vitorioso, campeão, que disputa qualquer filho da puta nessa merda. Um time grande. O presente, ele está em uma fase que eu não sei. Pensando em dinheiro, apesar de não gerar tanto... os preços abusivos... o dinheiro significa você ter um estádio que não é só do Palmeiras, que vende ingressos a preços de teatro pra assistir um bando de palhaços jogar aquela merda, ou seja, não é espetáculo nenhum. Você tem uma transformação da torcida em algo que não é o futebol brasileiro. Falta aquele espetáculo, falta aquela arquibancada. Então você vê uma torcida que faz festa, pagando absurdos, em um cantinho, enquanto você tem ingressos gigantes em outros lugares, então a gente está vivendo esse tipo de coisa. E a preocupação dos caras é isso: é muita briguinha, muita tretinha por causa dessas palhaçadas e o futebol não está à frente do dinheiro, do nome, da nova arena ou das milhões de camisetas. Como é que o Palmeiras faz uma camiseta cinza e entra em campo? Se o Palmeiras entra de cinza em campo eu já fico puto, caralho, porque essa merda não faz parte da porra dessa cor. Por quê? Fomos jogar contra o Fluminense na Copa do Brasil, começou a jogar de cinza, e pra diferenciar do outro time ainda colocaram um shorts branco... não sei o que fizeram, não era o Palmeiras. Existe uma identidade. Você olha para a TV e você fala “olha é o Palmeiras”. Aí você olhava para a TV e você não via, você não consegue torcer para um time que tem uma cor que nem essa.

**E:** Tem essas coisas que vão te deixando meio de “bode”, né?

**P:** É, para que ganhar dinheiro com uma camisa cinza, cara, não sei. E o futuro, a gente vai ser campeão de novo. Eu espero que o pouco que eles estão planejando aqui, que tem uma Arena, que ta voltando a torcida para o estádio, que não ia tanto, ganha dinheiro para caralho a cada jogo, que o ingresso é caro, vão conseguir se estabilizar e ver se os caras lá dentro pensam que o Palmeiras é muito maior do que o lugar de uma cativa e a gente volte a ser campeão de novo. Um time campeão.

**E:** Legal. Mas tomara que não consiga. [risos]. Bom, na sua opinião, como é o torcedor do Corinthians?

**P:** É um cara chato. A primeira sensação que eu tenho quando eu vejo um torcedor do Corinthians – é óbvio que qualquer um pode ter – mas é: “como é que um cara consegue gostar daquele time?” Você fala: “como que o cara consegue gostar daquelas cores preta e branca? Gostar daquelas músicas, daquele hino?” É... não sei. É tipo ver um ET, tá ligado? Minha primeira sensação é de falar “mano, o cara é um ET, velho”. Como é que o cara canta o hino do Corinthians e acha legal, sabe? Como é que o cara consegue se vestir de preto e branco, ir para o estádio com um gavião nas costas? E aí eu vejo muito como um torcedor chato, que é o cara que se ganhar alguma coisa, ou se a gente perder, é o cara que vai encher o meu saco. O são-paulino enche bastante também, mas, por exemplo, escutar de um corinthiano é muito mais chato do que escutar de um são-paulino. Ele é o grande rival, dói mais.

**E:** Mas como é que você imagina a cara dele? O que ele faz, como ele é...

**P:** O cara acorda na quarta-feira, com uma regatinha da Gaviões. Sai lá da puta que pariu (sem preconceitos). Sai no meio da rua fazendo bagunça. Ele sai às 10h da manhã de uma quarta-feira para um jogo que vai ser às 22h da noite, ou seja, ele não vai trabalhar o dia inteiro. Ele não trabalha. Ele pode trabalhar, mas ele vai largar para ver o jogo. Ele vai colar na porra da porta do estádio e vai ficar lá de chinelinho Havaianas bem velho, sem um dente, com a porra da camiseta, mas **eu sei que esse desgraçado vai entrar no campo e o cara vai fazer barulho do começo ao fim do jogo.** É a única torcida que faz barulho o jogo inteiro. E eu sei que esse filha da puta vai ficar gritando igual um desgraçado, vai pegar o ônibus e vai chegar de manhã do outro dia, mas ele perdeu esse dia para fazer isso. E ele vai encher o saco o jogo inteiro, vai cantar o jogo inteiro.

**E:** O torcedor do Corinthians em uma palavra, o que seria?

**P:** Vieram muitos palavrões na minha cabeça. Eu considero ele tipo... um lixo. “Lixo” é a palavra. Um lixo da sociedade.

**E:** E o são-paulino, cara, como você vê esse cara?

**P:** O são-paulino acorda, vai para o seu trabalho com seu carro, com ar condicionado, aí sai do trabalho às 19h, 20h da noite, normal. Dá tempo de chegar naquela porra que é o Morumbi, no ar condicionado, com a sua camisetinha nova, última geração. Entra no estádio, canta o hino, fala que é tricolor, tira umas fotos e posta, aí o time toma o segundo gol, ele já começa a xingar, vira as costas e vai embora. **É uma torcida mais modinha, como um todo.** Para começar ele vai de agasalho para o Morumbi, porque vai ter pouca gente e lá faz frio, então ele vai ter que ficar com a sua blusinha estampada, em uma arquibancada gigante, vai saudar o time na entrada, como qualquer torcedor, mas quando tomar o primeiro 2x0, 3x0, ele vai virar as costas e vai sair andando, vai abandonar.

**E:** Se precisar definir o são-paulino em uma palavra só, o que seria?

**P:** Ridículo. Por causa disso [desse abandono].

**E:** E o santista?

**P:** O santista... [risos]. O santista vai para o estádio com a sua bengalinha, ele vai usar uma bengala para chegar no estádio, vai conseguir pegar o ônibus sem pagar, porque já está com mais de 60 anos de idade. **Eu vejo muito um idoso indo no estádio.** Também vejo um pouco de família no estádio do Santos, porque **“é o time do meu vô”, é o time do seu vô, é o time de todos os avós.** É uma geração antiga, que entra naquele estádio pequeno, que viu muita coisa boa, ele vai entrar no estádio, vai lembrar que o time é vencedor, mas que nunca vai ser grande. É um time vencedor, só que é um time pequeno, do litoral. Vai lá ver um time jogar bem, **um time vitorioso, mas ele vai olhar em volta daquele estádio e vai falar “essa porra é pequena mesmo, a gente nunca vai ser um time grande”.**

A palavra que eu vejo para esse cara pode ser que ele é um “frustrado”. Por mais que ele ganhe muita coisa, o Santos, cara... sempre vai ser ridicularizado, pelo seu tamanho, por esse tipo de coisa.

**E:** Para finalizar, imagina que um palmeirense viu um corinthiano, eles não se conhecem, mas os dois sabem para que time eles torcem... o que um pensou do outro?

**P:** Em qual situação, em um shopping, ou no dia de clássico, a caminho do estádio?

**E:** O que você acha melhor?

**P:** Cara, eu vou colocar aqui uma coisa que é legal, porque eu já fiz parte de torcida organizada. Eu já fui preso em jogo. Eu vou pensar que isso aqui é a caminho do Morumbi em um Palmeiras x Corinthians de 2004, 2003, nessa época.

## **8.4. Transcrição das Entrevistas com Santistas**

### **8.4.1. Transcrição Torcedor do Santos 1 (Leandro, 27)**

**Entrevistador (E):** Fala seu nome, sua idade, time que você torce, você gosta de futebol?

**Santista (S):** Sou o Leandro, tenho 27, torço para o Santos, eu sou de Santos. Até os 20 e poucos eu ia muito na Vila. Eu gosto bastante de futebol. Hoje eu acho que gosto mais de futebol do que do Santos, porque eu acho que eu curto quando eu paro para ver uma partida de futebol europeu, é um momento que eu curto mais. Já fui mais santista do que gostei de futebol, hoje está mais equilibrado.

**E:** E o que o futebol representa na sua vida hoje?

**S:** O futebol hoje, especificamente, é uma parte do lazer. De uma coisa que eu faço quando eu não quero pensar muito. Antes eu colocava mais esforço em programar todo um final de semana em torno do futebol, de ir para estádio, de ter que se programar que horas você vai almoçar, porque tem o jogo às 16h, mas hoje em dia ele faz muito mais parte de um encontro social. Eu vou na casa do meu irmão para

ver o jogo, mas eu já vou lá para ver ele, as crianças e a gente já assiste o jogo junto. Ele tem duas partes, que é a parte da diversão mesmo, que eu assisto de bobeira, e a parte familiar da coisa também, de encontrar as pessoas que eu gosto, e isso é uma das conexões que tem.

**E:** E você que era mais ligado antes. Por quê?

**S:** Tem a ver com o momento do Santos, se bem que o Santos nos últimos anos tem estado na elite, ganhou uma coisa ou outra. Mas tem a ver também com o futebol mesmo. Começou a ficar chato assistir futebol. Não sei qual foi o momento que eu comecei a perder um pouco mais o interesse. Porque quando tinha o Neymar e o Ganso eu acompanhava muito, muito, muito, de não perder nenhum jogo, mas já começava a perder o encanto. Não sei exatamente o porquê. Eu acho que o futebol ficou meio chato, os times brasileiros não jogam bonito, o jogo começou a ficar meio chato. Principalmente quando você começa a assistir o jogo de Champions, o modo com o Barcelona joga, como o Chelsea joga. Você ver o Chelsea jogando, é muito legal. É diferente, é bonito, tem lógica. Aqui não, parece que é tudo meio baseado na sorte. Existe um quesito sorte na maioria dos clubes... de um elenco, de um momento, de um momento de indivíduos, e não de uma cultura de um clube.

**E:** E você acha que o Santos tinha um pouco disso e deixou de ter? Como é o Santos nessa história?

**S:** Eu acho que o Santos teve momentos de ter elencos muito bem montados, historicamente, de escolher peças-chave. Tanto que o Santos nos últimos anos foi procurar o Leo quando fez loteria, com o Daniel, quando fez umas loterias e a coisa ficou mais complicada. O que é legal do Santos, que eu acho mais legal, tipo um Barcelona, é a tradição. Isso é legal. Tem outras coisas do Santos que eu acho mais legal do que a forma de jogar. É meio mítico o time. Você tem jogadores históricos, tem momentos legais, um time que não é da capital. No Brasil, um time que não é de capital e tem uma puta história gigantesca. Você tem em história recente grandes jogadores que saíram o Santos e que foram fazer história de alguma forma. Você tem o Neymar e, devido às proporções, o Robinho. Você tem vários jogadores muito legais, por exemplo, o Giovanni mesmo, que é da década de 90, que eu era

pequeno, mas é um jogador que se você for ver, ele arrepiou no Barcelona, depois foi para a Grécia e se você for ver, um dos jogadores mais incríveis da história da Grécia deve ser o Giovanni. Você tem vários jogadores, e o jeito de jogar... é legal. Eu acho essa característica do Santos de revelar pessoas legais, muito legal. E que aí conta a história de um jeito mais legal. Todo clube deve ter isso, mas é que o Santos eu acompanho, né? É legal o Santos ter isso na história dele, de ser um berço de grandes jogadores, no mínimo jogadores diferenciados.

**E:** Isso tem um pouco a ver – ou não – que o futebol ficou chato, ou são coisas separadas?

**S:** São coisas separadas. Acho que tem um pouco do dia a dia do futebol, dá um trabalho do caralho você acompanhar futebol todo dia dá trabalho, porque você tem que ler, tem que ver jogo. Demanda, e tem a parte gostosa, que é essa parte das histórias que o envolvem, dos jogos que você foi, das coisas que são legais. É que eu gosto de coerência, a maioria das pessoas nem acompanha tanto futebol, mas são passionais, eu não, procuro ser coerente. Já que hoje em dia eu estou menos passional, acompanho menos e procuro ser menos passional também.

**E:** Entendi, você tenta equilibrar a balança.

**S:** É aquele negócio que eu falava... o Germano, quando o Santos ganhou do São Paulo. O Germano acompanha futebol, ele se esforça com futebol, então eu não vou zoar ele, porque hoje em dia eu não estou no meu melhor momento de futebol, eu não estou com autoridade para brincar disso.

**E:** Eu queria entender esse “chato”, se ele tem a ver com o chato burocrático do campo, do jogo que está ficando chato, ou ele tem a ver com outras, coisas, com a parte administrativa, um monte de coisa que envolve...

**S:** É, o jogo chato, mas também as questões administrativas, que é muito chato ver escândalos, essas coisas. E você vê que não é sério, não é profissional. Os clubes não são muito profissionalizados. E o Santos mesmo, quando ele chegou em uma era de profissionalização, no final virou uma putaria, aquele comitê de gestão

aparentemente é isso. Você tem uma era de profissionalização, que foi quando entrou o Luis Álvaro, ele entrou e a partir daí, como um milagre, começou a ganhar título para cacete, ganhou a Libertadores de novo, fez um monte de coisas legais, e teve lá o comitê de gestão, mas quando você vai olhar, e eu sei porque eu tenho um primo que era mais próximo, você vê que era uma putaria, o clube é isso, existe muita politicagem por trás, não existe o menor profissionalismo ali, de fazer os clubes serem marcas legais. A gente tem um pouco disso no Brasil que é meio esquisito, porque os clubes parecem que não sentem a obrigação de cativar. Você tem que gostar de futebol, não importa o quê. Parece que não tem uma obrigação do clube cativar de verdade as pessoas, de trazer alguma coisa interessante, de ser mais profissionalizado.

**E:** Você sente que isso não está acontecendo?

**S:** É. Ah, os clubes têm alguns lampejos disso interessantes. Aquela campanha do Corinthians da Nação Corinthiana (aí é meu lado publicitário falando também), o Santos mesmo, que tinha o Baleião e a Baleinha, que tinha sócio-torcedor para caralho, e trazer o jogo para São Paulo. Ele começou a dar indícios disso, mas ainda parece muito amador. Quando você vai em um estádio de futebol dá trabalho, não é prazeroso ir no estádio, é cansativo. Eu não sou da turma que fala que é perigoso, eu vou com meus sobrinhos, mas tem uma série de riscos envolvidos ali, a cavalaria, que vem na rua com tudo e você tem que sair, então tem várias questões muito ruins, da experiência do estádio, que era para ser uma parte legal e não é. É legal quando é na Vila, que é uma torcida só e é tranquilo, mas você vai em um estádio maior, tipo o Pacaembu, já é aquele busão atravessando no meio da rua, porque você entra pelo outro lado, é polícia, aí vem cavalaria, aí vem o cambista, é muito chato.

**E:** Pensando na época que você era mais envolvido, o desempenho do time mexia no mood do seu dia, ou não?

**S:** Para bem. Para bem, sempre. Para mal, não, para mal, nunca fui tão encanado, perdeu, perdeu e acabou. Nunca fiquei de mal humor por causa de clube, nunca foi a minha. Mas para bom humor sim, mexe bastante. Sempre mexia. Porque é a

brincadeira, a forma como você faz... Eu lembro que inclusive, no dia da final da Libertadores, que o Santos ganhou, foi a minha apresentação do TCC. Aí eu lembro que tinha um pessoal que falou “meu, se você não voltar bêbado amanhã...” Foi um puta dia legal, a semana fica mais legal. É uma coisa legal do futebol. Para o mal influencia pouco. É assim: na hora, um pouco, e isso depende principalmente de onde você está. Depende da companhia. Se você está sozinho em casa e perde, sussa. Se está com alguém, aí já tem uma outra coisa ali. Se você está com alguém no bar e perde, você discute mais; se você está no estádio e é eliminado de uma Libertadores, ali no estádio pesa, mas passa logo, não muda a forma como eu vou tratar as pessoas no meu dia.

**E:** Você lembra porque você escolheu torcer para o Santos?

**S:** Conveniência, eu acho. Eu sempre falei que eu torcia para o Santos porque em casa meu pai não gosta de futebol, mas meu irmão sempre gostou muito. Aí eu sempre falei que era santista porque sim, mas eu não acompanhava desde pequeno. Aí eu lembro que era a época que estava o Muller no Santos, 97, 98. Aí eu lembro que era Campeonato Paulista, e meu irmão me levou em um jogo que era Santos x Matonense, foi a primeira vez que eu fui em um jogo do Santos. Aí pronto, eu comecei a curtir mais. Depois eu fui em um do Sampaio Correia, que era jogo de meio de semana de Copa do Brasil, aí eu comecei a ir nos jogos e comecei a curtir. Eu ia muito com meu irmão. Eu sempre fui mais acompanhado. Teve só uma época que eu ia sem o meu irmão. O André ia e gostava, era um momento que a gente fazia alguma coisa juntos. Acho que o meu desinteresse com o futebol, pensando agora, acho que tem a ver com isso também. Porque meu irmão começou a ter os filhos dele, eu casei, comecei a ter minha vida mais separada também, e meu irmão era meio que uma referência de futebol.

**E:** O seu irmão foi a pessoa que te influenciou?

**S:** Ah, sim, para caralho. Até hoje, quando eu assisto jogo é com ele, ou porque eu falei com ele e aí eu assisto.

**E:** Alguém tentou fazer com que você fosse torcedor de outro time, ou não?

**S:** Na vida não. Eu nunca dei tanta brecha, e meus amigos sempre foram mais santistas. Em Santos é fácil ser santista. É mais fácil ser santista em Santos. Meus sobrinhos são santistas em São Paulo e é isso... o que tem de amigo palmeirense, são-paulino, e eles ficam meio assim, de ser são-paulino ou não, de ser palmeirense ou não... [para eles] é mais, [mas para] a gente não.

**E:** Na sua opinião, o que faz você ser um torcedor santista, e não um torcedor de outro time?

**S:** Eu acho que o torcedor santista tem uma mania, por mais que algumas glórias do Santos sejam recentes, tem um quê de você ser apaixonado pela história do clube. O corinthiano tem um quê de ser apaixonado pela... pela paixão do Corinthians, sabe? O Palmeiras tem um quê da origem do time, de ser chamado de Palestra, da origem do clube. O Santos tem um pouco disso, de gostar de ser a “zebra” nacional. Porque é uma zebra, se você parar para pensar na lógica, ele é uma zebra. É um time que não é de capital, mas tem uma história muito foda. Se você pensar que aquele estadiozico, que é a Vila, é tão icônico, porque ver o jogo na Vila é muito legal, é muito diferente de você ver um jogo no Pacaembu, porque é perto, porque é pequeno, tem pressão. Ele não é aquelas arenas, tipo o Allianz Parque está animal agora, mas ele tem um encantamento, de ser um lugar antigo, pequeno, porém tem uma força na hora que você está torcendo, diferente do Canindé, que também não é um estádio grande coisa, mas é uma bosta. É longe do campo, na Vila não, você fica encostado no gramado, é legal, é diferente. Diferente do Morumbi, que é longe. É que eu acho que tem a ver como São Paulo também, porque eu acho que o torcedor do São Paulo tem uma questão de amar a grandiosidade do clube.

**E:** Eu queria entender melhor sobre a história do Santos, o que você acha disso, porque você acha importante.

**S:** Sei lá, o Santos parou a guerra. Essas pequenas histórias de que o Santos um dia foi o maior representante do futebol nacional no mundo. De alguma forma, o que é o futebol brasileiro lá fora, era o Santos, como referência, em uma época que o futebol brasileiro não era nada, do ponto de vista internacional. Não que hoje em dia

seja muito, mas o Santos, quando você vai ver um pouco da história, e eu não tenho profundidade, eu conheço de ir no museu, de ler um pouco (porque quando você está envolvido com o clube, você acaba conhecendo) mas você vê que tem uma série de acontecimentos muito icônicos, seja de revelar um Serginho Chulapa, por mais que tenha jogado em outros lugares, mas mesmo assim ele é um jogador icônico, ou um Giovanni em 95, ou Marcelo Passos, toda essa turma que eu não lembro o nome, tinha um jeito de jogar legal.

**E:** Tem uma coisa meio clássica, de futebol bonito, ou isso seria exagerar na conclusão?

**S:** Ah, aquela história dos meninos da Vila é verdadeira, né? De ter um futebol mais moleque em alguns momentos, um futebol mais romântico até, que vai contra tudo que eu falei de ser um futebol interessante. É que eu acho que pode ter as duas coisas ao mesmo tempo. É que às vezes as duas coisas podem ser complementares, tipo o Barcelona jogando. Você tem momentos de brilhantismo, com muita disciplina. No Chelsea não, você tem muitos momentos de disciplina e pouco brilhantismo, do que eu lembro de ver o Chelsea, que eu gostava por causa do videogame. Mas tem um romantismo legal na história do Santos.

**E:** E você acha que o fato de você ser torcedor do Santos, já facilitou algo na sua vida? O quê?

**S:** Já. Sempre que você está no mercado, é que eu nunca usei disso, mas se você está em uma entrevista de emprego, e você está falando de bobeira, gera uma simpatia da pessoa meio que na hora, é muito louco isso, principalmente com quem é do seu time. É que assim: olhando pelo lado racional, pessoas razoáveis não te julgam para o mal pelo clube que você torce, mas elas podem te jogar para o bem, pode pegar bem. E eu vejo essa situação no meu primo. Ele é santista e é um cara de comercial. Eu pergunto de tal pessoa e ele fala “ah, inclusive ele é santista”. É uma referência ao clube. Esse é um tema que você pode abordar, que vai ser legal.

**E:** Mas é só um tema, para quebrar o gelo?

**S:** Empatia, gera empatia. Quebrar o gelo é um dos momentos mais importantes. Quando você começa a conversar sobre coisas que não são a parte importante de um trabalho, ou com o cliente, é a hora que você cria outros laços e que a gente sabe que é uma bosta, mas eles interferem na forma como a pessoa te julga lá na frente. Se a pessoa simpatiza com você e acha que você pode falar coisas interessantes, a partir daí você tem uma chancela mais positiva. E o futebol interfere, ele pode interferir de um jeito mais legal ou menos legal.

**E:** Sim, você vê que a pessoa entende alguns valores seus...

**S:** Sim, ele é santista, tudo bem, mas, porra, se ele está acompanhando o Santos, então ele é... é guerreiro.

**E:** Você tem algum produto ou camisa do Santos?

**S:** Tenho. Eu tenho a camisa do Santos, tenho aquele documentário do Santos. Eu tenho mais coisa. Eu tenho mais camisas do Santos. Eu tenho uma camisa de quando eu tinha 6 anos, que eu guardo. Eu devo ter umas seis camisas do Santos. Eu tenho um trofeuzinho da Libertadores, umas besteirinhas, mas hoje nada que tenha muito destaque.

**E:** Como é que você se sente, quando veste camisa do Santos?Alguma coisa diferente?

**S:** Acho legal. É que hoje eu uso pouco, mas eu gostava tipo em Copa do Mundo, eu colocava a camisa do Santos, acho que identifica. Eu tenho a bandeira, eu levava a bandeira do Santos para os jogos da Copa.

**E:** Se você precisasse contar brevemente a história do Santos, resumidamente, para uma pessoa que nunca viu, como você contaria? O que é o Santos?

**S:** O Santos, se não é o principal, é um dos principais berços do futebol brasileiro, como ele é visto lá fora, desse futebol arte, desse futebol bonito, com graça, mais líquido, mais fluido. Acho que o Santos é o berço disso, é o grande revelador de

jogadores com essas características. De alguma forma ele é catalisador disso. Seja porque ele começou assim, mas na década de 60 em diante, que foi quando o Pelé jogava em diante, foi um dos clubes que significou o que é o futebol brasileiro, e de um jeito mítico, porque não é um time de dinheiro, não é um time muito rico o Santos, com torcida gigantesca.

**E:** E qual a principal característica do torcedor do Santos?

**S:** Corneteiro para caralho, chato. É que minha experiência é ruim, talvez seja o meu repertório de estádio, mas eu já vi nego xingando o Neymar “Tira o Neymar!!!”. É um time que tem uma torcida mimada.

**E:** Você acha que ela tem um quê de exigente?

**S:** Não, não é sobre exigência. Mas acho que é muito do torcedor brasileiro, falando a real, acho que todo clube tem o seu.

**E:** Mas por que você acha que ela é mimada?

**S:** Porque a gente se acostumou a ganhar tudo, nos últimos anos, pelo menos. É que eu peguei uma fase moderna do futebol do Santos. Eu nasci em 87, então eu comecei a acompanhar de verdade com uns 11 anos, logo em seguida veio a era mais legal, em 2002, quando teve Robinho, até 2005, que o Santos jogava muito bem, e depois eu peguei um outro Santos incrível, que era o Santos do Neymar e do Ganso, que era um puta Santos legal. E nessa época o santista se acostumou a ter um futebol diferente, ficou mal acostumado. Por outro lado, ela é uma torcida muito volátil. Os santistas são mais santistas quando o Santos está na na elite, no alto da curva. Mas talvez isso seja um movimento [comum a outras torcidas]... Talvez o corinthiano tenha menos essa impressão? Mas o santista surfa a onda do momento do clube, do momento de vitórias. Todo clube é assim, mas acho que o santista é muito assim. Mas acho que o torcedor do Santos é mais romântico, principalmente os da década de noventa, que assistiram o time na pindaíba. Acho que esse é um torcedor do Santos do tipo firme. É tipo ser torcedor do Ituano. Precisa gostar para caralho, porque a década de 90, eu acho que foi uma década triste.

**E:** Baseado no que a gente conversou, eu queria que você desenhasse ou escrevesse o que é o típico torcedor do Santos.

**S:** Ele é um homem. Cara, sabia que eu odeio torcida organizada? Isso é importante. Ele usa chinelo, porque em Santos as pessoas usam chinelo, é característico da cidade. Acho que ele tem um quê das características das pessoas da cidade de Santos, que é um pseudo carioca. Ele paga pau para a Torcida Jovem, não sei porque essa porra. Santista adora cantar aquelas músicas da Torcida Jovem que falam sobre a Torcida Jovem. Ele tem orgulho de ser santista, porque eu acho que ele sabe que é difícil torcer para o Santos (era, por causa da história recente). Ele tem orgulho de ser santista, pelas vacas magras... bom, deve ser difícil para caralho torcer para o Palmeiras, né? Bom, é difícil para caralho torcer para o Santos, mas principalmente pela história foda. Pô, ficou mó bonitinho meu hominho, caralho! Eu não sei. **É engraçado, porque você vê que eu não coloquei que ele é apaixonado. Eu não sei, talvez seja na verdade, mas é que eu enxergo muito mais na minha perspectiva de orgulho do que de paixão.** Eu não sei o que significa, mas acho que tem um quê de orgulho. Eu acho que ele tem uma outra coisa aqui que tá na cabeça dele, que é o alçapão da Vila Belmiro, acho que é uma coisa que é muito marcante. Estilo um pouco do torcedor do Boston Red Sox, que sabe que a Vila é foda, que ela é icônica. Por mais que eu não seja esse torcedor, eu acho que o torcedor santista tem isso. Acho que a Vila Belmiro faz parte de quem ele é. Por mais que eu ache que tem que vir para São Paulo mesmo e ficar grande, dividir o Allianz Parque com o Palmeiras, e fazer a coisa ficar maior, porque é em São Paulo que vai estar o dinheiro, mas eu acho que a Vila Belmiro é icônica para as pessoas sim. Acho que tem um quê de herança também, que é a questão de querer passar para frente.

**E:** Se você precisar definir santista em uma palavra só, que palavra seria?

**S:** Orgulho.

**E:** Agora, eu queria que você pensasse no seguinte: Dois santistas se encontraram. Sabem que são santistas, mas não se conhecem. Você está em um lugar típico de santista. O que um pensou sobre o outro?

**S:** “Tá foda não ter ninguém para ir no bar.” Porque santista quando se encontra existe um quê de identificação. Igual, meu cunhado tem um amigo e esse amigo é casado, e a esposa dele tem uma amiga, e o marido dela é santista. E aí eles automaticamente “vamos assistir jogo, é você, é WhatsApp, te encontrei”. Esse cara não tinha nenhum amigo santista.

**E:** Qual é sua opinião sobre os torcedores dos outros times?

**S:** Eu acho que o torcedor do São Paulo é um pouco arrogante. Todo torcedor tem, mas o que eu imagino é que ele **é um torcedor arrogante, porque sempre foi um clube rico**, que talvez efetivamente era melhor do que os outros, **e aí o torcedor acabou incorporando esse discurso meio de elite mala**. Mas é um time bem organizado, legal, mas é um pouco mais arrogante.

**E:** Se precisar resumir o torcedor do São Paulo em uma palavra, qual seria?

**S:** Arrogante.

**E:** E o torcedor do Palmeiras?

**S:** Coitado. É que eu gosto do Palmeiras, eu gosto do torcedor do Palmeiras. Eu acho legal a tradição do Palmeiras, essa questão da origem do Palmeiras. Eu gosto disso. **Eu acho que hoje em dia é um coitado, que tá na merda. Dá dó de zoar palmeirense, de verdade**. Já foi, já deu do palmeirense ser fodido na vida. Tá na hora do palmeirense ganhar alguma coisa, para equilibrar. Já acabou a época que era engraçado zoar palmeirense. É que nem o Corinthians com a Libertadores, sabe? Já tinha passado da época de zoar a Libertadores do Corinthians, né? Já tinha dado, vamos para a próxima, pára. **Mas é um time que tem um quê de origem muito interessante, um torcedor que valoriza sua origem**, pelo menos o torcedor mais elitizado, que eu conheço.

**E:** E o torcedor do Corinthians?

**S:** Chato para caralho. Chato, punheta da porra. Ah, é uma masturbação sobre ele mesmo. É chato... “Vai, Corinthians!”. Eu não gosto dessas coisas, dessa afirmação pela torcida, e não pelo futebol do clube, é mala, é chato para caralho. E sei lá, tem aquele corinthiano que não é maloqueiro, mas gosta de dar uma de maloqueiro, é o pior tipo de torcedor corinthiano, que fala “aqui é Corinthians, mano”. Umas merdas assim. “Festa na favela”, esse tipo de coisa, mala para caralho. **Corinthiano é mala, é encardido.**

**E:** Se precisasse resumir esse cara em uma palavra?

**S:** Chato. Chato. É um torcedor... mala. É mala mesmo. O corinthiano é mala para caralho.

#### **8.4.2. Transcrição Torcedor do Santos 2 (Davi, 32)**

O mesmo não autorizou a reprodução completa da entrevista por motivos pessoais.

#### **8.4.3. Transcrição Torcedor do Santos 2 (Fernanda, 27)**

**Entrevistador (E):** Me conta um pouquinho sua história com futebol. Você gosta, que time você torce, essas coisas. E como você se descreve como torcedora, como você acha que é sua relação como torcedora?

**Santista (S):** Eu sou apaixonada até demais, eu procuro ir no estádio, mas eu respeito outras torcidas, sabe? Ah, eu sou aquela torcedora... não aquela que vai toda hora no estádio (às vezes não dá tempo, ou eu não tenho dinheiro para isso), estou estudando ser sócia no Santos, para ajudar o time, que está passando por uma reformulação, de diretoria, e tudo mais, mas eu costumo acompanhar, ver pela

internet os resultados, eu vejo na TV o que aconteceu no jogo e, às vezes, eu vou ao estádio.

**E:** E você acha que você já foi mais ou menos envolvida com isso, ou sua relação não mudou?

**S:** Não, não mudou. Minha relação sempre foi assim. Vamos dizer assim: de 95 até 2001, 2002, que foi o brasileiro que ganhou, da última vez [teve outro em 2004], eu era torcedora, mas eu não ia tanto no estádio, não era tão envolvida, não ia procurar as coisas. Depois que foi campeão, campeão brasileiro, eu comecei a acompanhar mais, e isso me levou não só a acompanhar o Santos, mas eu comecei a acompanhar também futebol europeu...

**E:** Você falou que virou santista em 95. Você lembra porque você virou santista?

**S:** O Santos foi para a final, em 95, contra o Botafogo, e eu lembro que na casa da minha tia Aparecida, inclusive, se juntou a galera toda da família, e era todo mundo santista, menos um, um primo que era corinthiano e ia torcer para o Botafogo. Todo mundo começou a torcer para o Santos junto, e eu fui no embalo. Aí, para selar de vez que eu virei santista, eu fui na Vila Belmiro e eu gostei tanto de ver eles jogarem, que eu falei “ah, eu vou ser santista”. Várias pessoas da minha família já me falavam “ah, torce para o Santos, torce para o Santos”, mas eu estava indo na do meu pai, que é palmeirense, só que aí eu comecei a ver essa movimentação da minha família inteira, mais tendo ido no estádio, aí eu falei “ah, quer saber, eu sou santista”, aí eu virei de vez.

**E:** Você falou que seu pai era palmeirense. E ele tentou te fazer palmeirense também?

**S:** Meu pai é palmeirense. Sim, tentou, mas não deu certo [risos].

**E:** Você acha que, como tinha todo mundo torcendo para o Santos, não teve jeito?

**S:** Sim, todo mundo torce para o Santos, a minha mãe torce para o Santos, a família da minha mãe torce para o Santos, e eu fui com a família. No dia do jogo do Santos eu comecei a ver, como o meu primo agia e tal, aí eu falei “pó, deve ser legal torcer para o Santos”

**E:** E você acha que seu primo foi a pessoa que mais te influenciou para escolher o Santos, ou não?

**S:** Eu acho que sim.

**E:** E no dia seguinte a um jogo do Santos, principalmente quando as coisas não acontecem direito, na derrota, isso mexe com o seu dia? Fica diferente?

**S:** Depende da situação, depende do jogo. Por exemplo, naquele famoso 7x1 em 2005, contra o Corinthians, eu nem fui para a escola. Eu fiquei muito chateada. Em 2011 aconteceu algo parecido, mas eu fui mais de boa. É que quando aconteceu a primeira vez, eu era mais nova, então eu não era tão madura para encarar a derrota, normal. Hoje em dia, por exemplo, o Santos vai disputar a final da Copa do Brasil com o Palmeiras. Se o Santos ganhar, eu vou ficar feliz, se perder, acontece, sabe? Eu levo mais de boa.

**E:** Então o desempenho do time não mexe tanto com o seu humor no dia seguinte?

**S:** Não muito. Já foi mais. Hoje em dia, eu fico triste? Fico. Mas eu fico mais preocupada em engolir sapo de torcedor rival.

**E:** E o que o Santos significa na sua vida?

**S:** Ah, o Santos não é só na minha vida, mas na vida de muita gente, é um clube muito importante, não só para mim, para o torcedor, mas para o futebol. É o time que revelou o rei do futebol, o Pelé, é o time que parou a guerra, tem aquela história de que é o time que mais fez gol no mundo, eu acho que não é só para mim, é um clube mais do que especial, e eu tenho muito orgulho de torcer para ele.

**E:** Você se sente parte do time, ou não?

**S:** Quando eu estou no estádio, sim. Eu sinto que eu estou empurrando o time, sabe?

**E:** Se você precisasse contar para alguém de fora, que não te conhece, o que te faz torcedora do Santos, o que é?

**S:** O que me faz ser torcedora do Santos é, além da história rica do clube, é uma torcida que não é aquela típica. Por exemplo, os torcedores do Corinthians. São os torcedores que mais ofendem e falam mal dos outros torcedores. Não que os outros não façam isso. Tem torcedor do Santos que faz isso, mas eu acho que com o torcedor do Corinthians é mais freqüente. Eu não vejo isso tanto na Vila Belmiro. Eu acho que é um pessoal mais de boa. Fora os títulos, né? O clube é um dos maiores do Brasil, tem vários títulos.

**E:** Você falou que o pessoal é mais de boa. Você acha que...

**S:** Tirando torcida organizada. Eu não coloco a torcida organizada no meio. Mas o torcedor normal do Santos, médio, eu não vejo eles sendo acusados que nem torcedor, vai, do Palmeiras, do São Paulo ou do Corinthians.

**E:** Entendi, você acha que os ânimos são mais tranquilos.

**S:** Para o torcedor do Santos, sim. Tirando as torcidas organizadas, que aí já é um caso à parte. Torcida organizada de qualquer clube é mais baixa, né?

**E:** Você acha que ser torcedora do Santos te aproxima, ou te afasta de algumas pessoas?

**S:** Depende da situação. Por exemplo, eu ser torcedora do Santos me faz não falar de futebol com algumas amigas minhas que são corinthianas. Porque começa a ficar muito bagunçado, aí eu não consigo conversar. Porque nós nos zoamos muito, entendeu? Mas é bem difícil. Agora que o Corinthians foi campeão brasileiro e tudo

mais, elas ficam mais exaltadas, aí não dá para conversar. Então não é nada que afete a amizade de ninguém, sabe, eu acho que... claro, você se aproxima mais das pessoas quando elas são torcedoras do mesmo time, aí dá para conversar, mas não é algo que me afasta totalmente das pessoas.

**E:** E você tem camisa do Santos? Quantas?

**S:** Tenho várias. Umas 5 ou 6.

**E:** Porque você tem várias? Cada uma tem um uso diferente ou não?

**S:** Não, por exemplo, eu tenho uma camisa de 98, de quando eu fui uma vez na Vila. Eu comprei aquela camiseta e está lá guardada de lembrança. Fora as das últimas temporadas, que eu comprei. A amarela... tenho de vários tipos. Lança uma camisa, eu acho bonita, eu vou lá e compro.

**E:** E como você se sente quando você usa a camisa do Santos? Ou você não usa?

**S:** Ah, eu uso para sair, para trabalhar, por exemplo... eu tenho uma camiseta que eu uso para trabalhar quando o Santos ganha, aí eu vou lá e uso... mas fora isso. Ah, eu me sinto a mesma coisa. Não é a camiseta que faz você ser mais torcedor do time, entendeu? Mas agora eu não tenho mais intenção de comprar a camiseta do Santos, porque é R\$ 250, não tem como, né?

**E:** E se você precisasse contar para uma pessoa que não sabe nada, tipo um ET, o que é o Santos. Como você ia contar para uma pessoa?

**S:** Bom, isso é difícil. Tem tanta história para contar. Eu ia começar falando que o Santos foi o berço do maior futebolista do mundo da face da Terra até hoje, que até agora ninguém superou ele, talvez o Messi supere, mas enfim... Falar do Pelé, né? Para começar tem isso... E usar o gancho para falar da história, que já tem dois títulos mundiais, já tem 3 Libertadores, e o Santos já teve vários jogadores da Seleção Brasileira, jogadores que foram campeões mundiais e também contar um

pouco da história do brasão, da história da Vila Belmiro, só que aí teria que pesquisar mais, para falar com essa pessoa.

**E:** Qual é a principal característica do torcedor do Santos, como ele é?

**S:** **Quando eu comecei a torcer para o Santos era muita gente idosa**, fazia muito tempo que não ganhava um título de expressão. De 2002 para frente já mudou muito. Tem muita garotada, muitas meninas modinhas começaram a torcer porque o Diego é bonito, por causa do Robinho também. **Mas hoje em dia está mais balanceado**. Eu vejo bastante adulto, bastante criança, bastante pessoas da minha idade torcendo para o Santos. **Você vai no estádio e vê torcedores de todas as faixas etárias**. Eu acredito que já balanceou bastante em relação a isso. O torcedor do Santos é, na maioria das vezes um torcedor que respeita o adversário, tirando um adversário tipo o Corinthians, São Paulo, Palmeiras. Mas os outros [times/jogos], eu sempre fui em jogos que não eram clássico, que o pessoal era mais de boa, não fica zoando tanto o adversário. Mas quando é clássico, aí não tem conversa.

**E:** Eu queria que você tentasse desenhar e ir me contando como é esse torcedor do Santos, o torcedor, ou a cara do time.

**S:** A cara do torcedor do Santos... É um homem, deve ter uns 30 anos, tem olho castanho, nariz normal, tem a barba por fazer, camisa do Santos.

[representação do time do Santos] São duas pessoas, um menino e uma menina, tentei aqui do lado desenhar um peixe, e um fala “olha quantas estrelas já voaram em Santos”!, aí dentro das estrelas eu coloquei o Pelé, o Neymar, Diego e Robinho, Coutinho. Aí eu desenhei porcamente o mar, que significa que é o time da praia, o time que fica na Baixada Santista, que tem muita praia, e o peixe que é o mascote do Santos (o peixe ou a baleia, sei lá). E as pessoas estão encantadas com as estrelas do Santos.

**E:** As estrelas são necessariamente os jogadores, elas são a história, títulos, etc.?

**S:** Sim, sim, pode ser os títulos. Pode ser os dois mundiais, pode ser o Pelé e o Neymar, podem ser várias coisas.

**E:** Dois torcedores do Santos se encontraram na rua. Eles não se conhecem, mas sabem que torcem para o mesmo time. O que um pensou sobre o outro por ele ser santista?

**S:** Em primeira instância a gente não conhece a pessoa, não sabe se ele é torcedor de boa, ou se é torcedor radical. Mas em primeira instância o cara fala “pó, o cara tem bom gosto, o cara torce para o Santos”. É isso que eu pensaria.

**E:** O que você acha que só o torcedor do Santos tem, e nenhum outro tem mais?

**S:** Tem bagagem, quantidade de conquistas que comemorou. Só, porque o resto, a paixão, todo torcedor é apaixonado, não tem um mais do que o outro. Eu sou santista, mas não posso dizer que sou mais santista do que o outro.

**E:** Eu queria que você desenhasse o passado do Santos, o presente do Santos e o que você imagina que vai ser o futuro do Santos.

**S:** No passado, eu coloquei o Pelé, com várias taças, entre 60 e 70 e pouco, que foi o período de glória do Santos. Aí passou o tempo, chegou os anos 90, e aqui seria uma pessoa que torce para o Santos e esse outro bonequinho aqui são torcedores de outros times, como o do Corinthians, que foi o que mais me zuou, pelo menos. Aí eu coloquei assim: “Você já viu seu time ser campeão?” Várias vezes me falavam isso quando eu era criança e isso me marcou bastante. Até 2002. Em 2002 eu escrevi “Pedala, Robinho”. Pedalou e ganhou o título para o Santos, o primeiro que eu lembro de ter visto.

Aqui é o presente. É o Neymar, que foi vendido para o Barcelona, aí chegou dinheiro do Santos, e o Santos conseguiu – teve várias cagadas nos bastidores, dinheiro mal gasto, Leandro Damiano e tal –, mas ainda assim conseguiu montar bons times, conseguiu conquistar títulos paulistas e agora a final da Copa do Brasil.

O futuro... eu não consigo pensar um futuro muito distante. No mais recente, se Deus quiser vamos conseguir ser campeões da Copa do Brasil e a taça. Essa é a taça da Copa do Brasil. É que muito mais para frente, eu não consigo nem imaginar, porque o Santos é sempre muitos altos e baixos. Fica muito tempo sem ganhar nada. A gente já está há 11 anos sem ganhar o título brasileiro, para mim já é bastante coisa. Lógico que tem mais, claro, mas para um time como o Santos, ficar muito tempo sem ganhar um brasileirão... E eu acho que se a gente tivesse se recuperado um pouco antes, poderia ter alcançado o Corinthians. Eu fico na expectativa de torcedor, que vai ser campeão de tudo ano que vem, mas não é assim, né?

**E:** Fernanda, pensando agora nos outros times. Como para você são os torcedores dos outros times? Como é o torcedor do Corinthians para você?

**S:** Bom, depende do torcedor. Porque existe, em maior quantidade, aí os torcedores são mais abusados. São os primeiros a zuar, a ficar secando os outros, aí quando a gente seca eles, eles falam “ai, são os antis, blablabla”, aquela conversa de sempre. Então **são os primeiros a se fazerem de vítima e são os primeiros a zoar com alguém**. Isso é a torcida do Corinthians, a maior parte. Mas eu também conheço torcedor corinthiano que é ótimo, que dá para conversar e beleza.

**E:** Além da zoeira, como você acha que é a relação do corinthiano com o time dele?

**S:** Bom, o torcedor corinthiano **é bem apaixonado, isso não dá para negar**. Só que **eles ficam muito centrados no mundo corinthiano e não vêem o resto**. Pelo menos, colegas normais que são corinthianos, eles ficam falando toda hora “ah, fulano do Corinthians foi para a Seleção, ciclano, beltrano...”. Aí meu pai fala assim: “Mas e o fulano, que joga em tal time?” Aí eles falam “Ah, é uma porcaria, o do Corinthians é melhor”, sabe? São torcedores que **só vêem o deles e o dos outros não têm valor**.

**E:** Se você pudesse dizer uma palavra para definir o torcedor do Corinthians, o que você diria?

**S:** Não sei dizer... acho que “abusado”, porque é o mais zoeiro de todos. Perde a mão para zoar, sabe? Na maioria das vezes é assim.

**E:** Entendi. E como esse cara é, como você imagina ele? Rico, pobre, como ele pensa, o que ele faz?

**S:** Bom, eu conheço torcedor de várias classes sociais. A maioria dos torcedores corinthianos são da periferia, né? Classe C, classe D. É o time do povo, do povão, tipo Flamengo no Rio, é assim mesmo. E atualmente é o time que mais dá audiência, né, ele e o Flamengo. É o time que mais passa na TV, então é uma bola de neve, né?

**E:** Ah, ele cresce porque está na TV, ele está na TV porque é grande?

**S:** É. Pode ser, pode ser.

**E:** E o torcedor do São Paulo, o que você acha dele?

**S:** Ele é um torcedor muito de momento. Eu tenho amigos são-paulinos que são super fanáticos, e acompanham todo jogo, mas não é todo são-paulino que é assim. Eu já vejo são-paulino como um torcedor mais de momento. Por exemplo, se o São Paulo tivesse na final da Copa do Brasil, tivesse ganhado do Santos, por exemplo, com certeza ia lotar o Morumbi. Eu tenho certeza. Mas **se o São Paulo não está disputando nada, eles não estão nem aí com o time, eles ficam em casa assistindo, não vão lá apoiar o time.** Eu acho que isso é muito chato, talvez por causa da distância para o Morumbi, porque é meio complicado ir para o Morumbi. Para chegar no estádio é... [difícil]. Para ir até lá é complicado. Isso é um fator, mas no geral a torcida do São Paulo é um pouco mais ausente que as outras. Só quando o time está na Libertadores ou vai disputar um jogo importante... tem torcedor que não vem para o estádio. Mas, sei lá, tem torcedor que acompanha o jogo todo, todos os jogos.

**E:** Se você precisasse definir o são-paulino em uma palavra, que palavra seria?

**S:** O torcedor do São Paulo é mais “elitizado”. Porque eles têm um estádio no Morumbi... não que só tenha rico na torcida do São Paulo, não é isso. Tem estádio no Morumbi, a torcida vai só em jogo grande, que é caro.

**E:** E o torcedor do Palmeiras?

**S:** Bom, eu tenho um torcedor fanático do Palmeiras em casa. O pessoal aqui reclama muito que “ah, o juiz rouba o Palmeiras o tempo todo”, **a torcida que corneta o tempo todo, mas também é uma torcida que é apaixonada**. Eu vejo... eu já fui em vários jogos no Palestra com meu pai e eu vejo que eles também são bastante apaixonados, assim como a torcida do Corinthians. Mas não tem como comparar os dois porque a torcida do Palmeiras é um pouco mais comportada.

**E:** Como assim, comportada?

**S:** Ah, não comportada no sentido de “nós vamos sentar no banco”. É um torcedor que zoa menos, sabe? Do Corinthians zoa mais, e do Palmeiras é o que menos zoa.

**E:** E o do São Paulo, zoa menos ainda?

**S:** Não... do São Paulo é médio. Não é nem muito, nem pouco, médio.

**E:** Então, quem mais zoa é o Corinthians, o Palmeiras e depois o São Paulo?

**S:** É. E o Santos também está no meio. Não zoa muito, nem pouco. Eu nunca vi aqui em Guarujá, Santos um torcedor mais abusadinho, né? Porque aqui a gente está em maioria, né? Aí em São Paulo a gente fica mais na nossa [risos].

**E:** Você acha que até aí em Santos, Guarujá, torcer para o Santos tem alguma coisa diferente, é não escolher o time óbvio de todo mundo, ou é o time de todo mundo? Como e que é? Isso eu não conheço porque eu estou aqui em São Paulo, né?

**S:** É, porque em São Paulo não é o foco. Não é só o Corinthians, o Palmeiras e São Paulo. Tem a Portuguesa, tem um monte de opções. Porém, aqui em Santos, a

maioria da torcida da cidade, da região, é a torcida do Santos, né? Tem aquele pessoalzinho mais antigo que torce para o Jabaquara, para a Portuguesa Santista, mas é muito, muito, muito difícil de achar. Mas tem. É tipo torcedor do Juventus em São Paulo.

**E:** Ah, eu esqueci de perguntar se você tivesse que definir o torcedor do Palmeiras em uma palavra, que palavra você usaria?

**S:** Reclamão. Porque, olha, tem vezes que não acontece nada e a galera já fica reclamando “putz, estão roubando”, ou “pô, aquele cara não ta jogando nada, tira ele, tira ele”, é muito assim.

**E:** Para finalizar, como é que você se sente sendo torcedora do Santos?

**S:** Orgulhosa. Me sinto orgulhosa, porque eu acho que fiz a escolha certa, digamos assim, né? Mas não tem escolha certa... você tem opinião, é preferência, então eu acho que eu estou com o time que mais se encaixa com a minha mentalidade, com a minha personalidade. É isso.

## 8. BIBLIOGRAFIA

- AIDAR, A. C. K; LEONCINI, M. P. e OLIVEIRA, J. J. **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ALMEIDA, Alda e MICELLI, Márcio. **Rádio e futebol: gritos de norte a sul**, 2004. Artigo disponível em <http://goo.gl/aoF8x>
- AREIAS, João Henrique. **Uma bela jogada: 20 anos de marketing esportivo**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.
- BARROS, C. F.; LOPES, F. T. **As regras da publicidade: do aluno ao profissional**. In: Revista Interamericana de Comunicação Midiática / UFSM. Porto Alegre: vol.5 nº1, 2006. Disponível em <http://goo.gl/MRTiP>.
- BAUMAN, Z. **Globalização – as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMWORCEL, Ana. **Sonoridade e resistência – a rádio jornal do Brasil nos anos 60**. Dissertação de mestrado defendida em dezembro de 1999 no programa de comunicação, imagem e informação, da UFF. Disponível em: <http://goo.gl/oE4Vk>
- BETING, Mauro; QUEIROZ, Jaime. **12 de junho de 1993 – O dia da paixão palmeirense**. Produção cinematográfica. São Paulo: Canal Azul, 2014
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas da teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- BRASIL. **Lei Nº 9.615/98**, de 24 de março de 1998. Disponível em: <http://goo.gl/rikjA>
- \_\_\_\_\_. **Lei Nº 10.671**, de 15 de maio de 2003, Capítulo I, Art, 2º. Disponível em: <http://goo.gl/KLc9x>
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Tradução José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990
- CHAMIE, Lina. **Santos – 100 anos de futebol arte**. Produção cinematográfica. Santos: Canal Azul, 2012
- DAMATTA et al. **Lance Imperdível!: um retrato do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Lance!, 2010.
- ECO, Umberto . **A falação esportiva**. In: \_\_\_\_\_. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- ESTADÃO, 12/06/2015. **Corinthians perde posição de marca mais valiosa do Brasil**. Disponível em <http://goo.gl/fLzOtd>, acessado em 03/10/2015.

FERRAZ, R. P. Clubes de Futebol como inserção social e ferramenta de consumo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2011a, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: CEP, 2011a.

\_\_\_\_\_. Futebol e comunicação, um processo de consumo chamado paixão. **Organicom (Revista brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas)**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 107-123, 2011b

FRANCO, Hilário Júnior. **A Dança dos Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Antonio. **A catarse em Aristóteles**. Braga: Faculdade de Filosofia, 1982

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GURGEL, Anderson. **Futebol S/A: a economia em campo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUTTERMAN, Marcos. **O Futebol explica o Brasil**. São Paulo. Contexto, 2010.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre, EDPUCRS, 1997.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LANCE! O diários dos esportes. **Pesquisa Lance! Ibope**. São Paulo: Areté Editorial, v. 5, 2014. ISSN 1676-1537.

LUND, Kátia. **Meninos da Vila – A magia do Santos**. Produção cinematográfica. Santos: Canal Azul, 2014

MORATO, M. P. **A dinâmica da rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos**. In: DAOLIO, J. (org). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **The agenda – Setting function of mass media**. In: Public opinion quarterly, nº 36, 1972. apud GIACOMINI, Gino. Ecopropaganda. São Paulo: Senac, 2004

MORETTI, Di; XAVIER, Júlio. **23 anos em 7 segundos – O fim do jejum corinthiano**. Produção cinematográfica. São Paulo: Fox Filmes do Brasil, 2009

MULLIN, Bernard J; HARDY, Stephen; SUTTON, William A. **Marketing Esportivo**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004

NADER, Carlos. **Soberano – Seis Vezes São Paulo**. Produção cinematográfica. São Paulo: G7 Cinema, 2010.

\_\_\_\_\_. **Soberano 2 – A heroica conquista do mundial de 2005**. Produção cinematográfica. São Paulo: G7 Cinema, 2012.

OS GERALDINOS, 11/08/2008. **O corintiano ganha quando o Corinthians perde**. Disponível em <http://goo.gl/IVwSh>, acessado em 25/11/2015.

PASQUINI, Andrea. **Fiel – O filme**. Produção cinematográfica. São Paulo: G7 Cinema, 2009.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **O esporte e os meios de comunicação de massa: Relações de parceria e tensão**. Possibilidades de superação? In: GRUNENVALDT, José Tarcísio e outros (orgs.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: DEF/UFS, 2007.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. **Esporte Globalização e Negócios: O Brasil dos dias de hoje**. In: PRIORE, Mary Del e MELO, Victor Andrade (org). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Um dilema**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, edição do dia 30 /11/1996.

\_\_\_\_\_. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ZAGALLO, Rogério (Diretor). **Primeiro Tempo**. Produção cinematográfica. São Paulo: Oka Comunicações, 2011.

